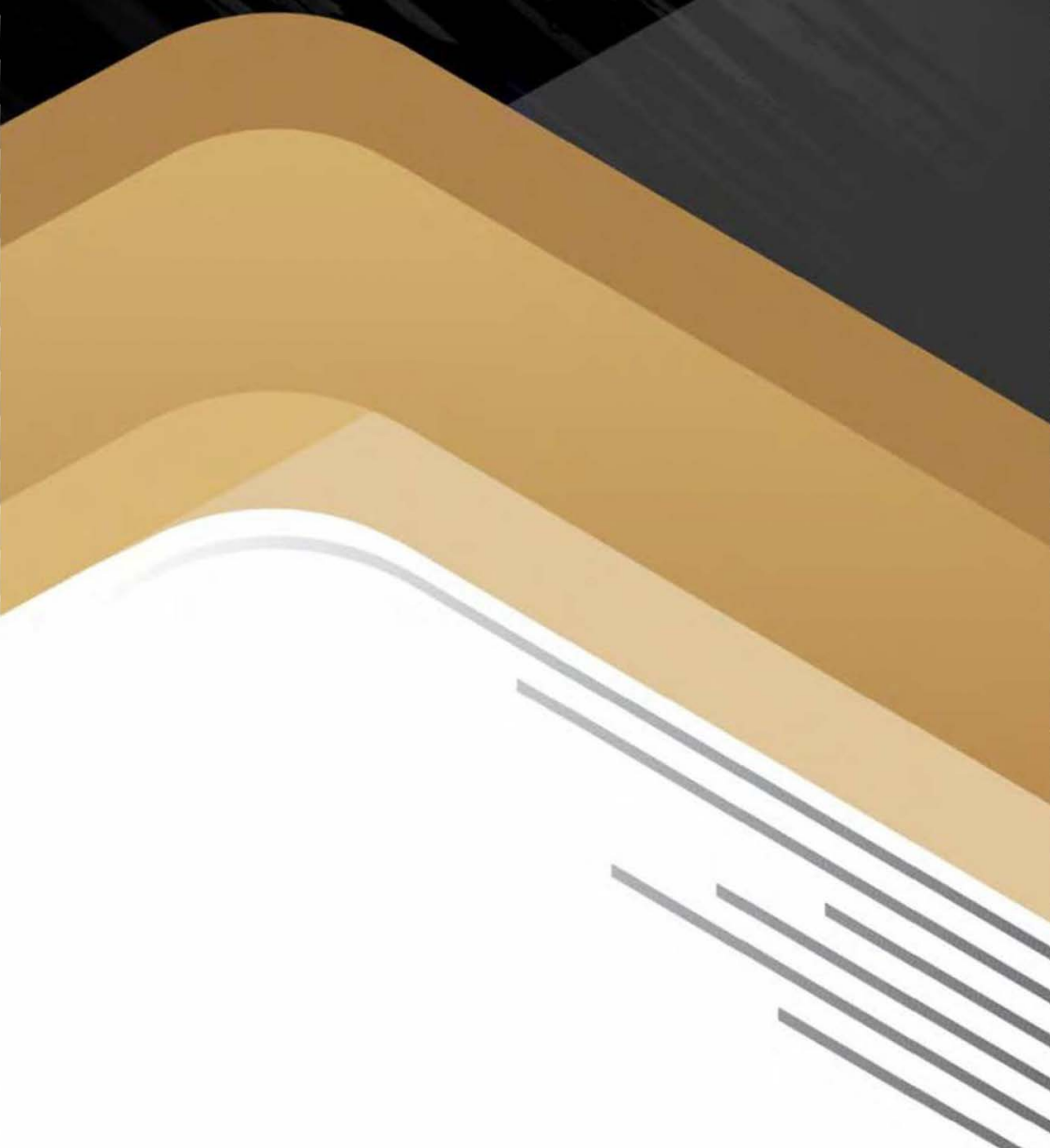


**SAN
TAC
RUZ**

**REVISTA DOS FRANCISCANOS
DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ**

Janeiro/Junho de 2023

Ano 87 - nº1



REVISTA DOS FRANCISCANOS DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ

Janeiro/junho – 2023 – ano 87 – nº 1

Rua Sabinópolis, 50A
Carlos Prates
Belo Horizonte-MG
CEP: 30710-340
www.ofm.org.br

Equipe Provincial de Comunicação

Humberto Fernando Leite (Coordenador)

Vitor Vinícios da Silva

Laércio Jorge de Oliveira

Oton da Silva Araújo Júnior

Higor Ferreira de Oliveira

Márcia Gomes Mafia Mendes

Revisão

Guilherme Ribeiro

Paula Zaidan

Rafael Lima

Diagramação

Márcia Gomes Mafia Mendes

Capa e Arte-finalização

Míriam Carla Alves

Montagem e Impressão

Gráfica do Colégio Santo Antônio

Coordenação Gráfica

Denilson Fonseca de Souza

Expedição

Secretaria Provincial



REVISTA DOS
FRANCISCANOS DA
PROVÍNCIA SANTA CRUZ





EDITORIAL

A primeira edição da Revista Santa Cruz do ano de 2023 tem como tema central a “Sinodalidade”, que é o esforço coletivo e a busca contínua de aprendermos a “caminhar juntos”, como irmãos e irmãs que já somos.

É um jeito de ser Igreja por meio do qual cada pessoa é importante, tem voz, é ouvida, capacitada e envolvida na realização da missão. Ou seja, não se trata mais de estarmos uns acima dos outros, mas de nos colocarmos entre iguais para, juntos, fazermos a experiência de fé, diante dos desafios internos e externos que se apresentam em nosso dia a dia.

Papa Francisco, um dos grandes defensores da sinodalidade, tem promovido o diálogo e o debate aberto em vários níveis da Igreja, incentivando uma cultura de escuta ativa e acolhimento das diferentes perspectivas. Com isso, busca-se criar uma Igreja mais inclusiva e capaz de responder aos desafios e realidades contemporâneas.

Frei Celso Márcio Teixeira, OFM, em artigo sobre o tema, alerta que, embora não seja possível encontrar a palavra *sinodalidade* nos escritos de Francisco e Clara, podem-se encontrar lições valiosas sobre o assunto na vida dos santos de Assis.

Colocamos em evidência a temática "sinodalidade na perspectiva franciscana feminina", tema que nos remete à figura icônica de Clara de Assis, primeira mulher a viver o franciscanismo ao modo feminino na modalidade conventual, numa época em que a participação da mulher

(na sociedade e na Igreja) era quase nula ou inexistente; a Igreja era engessada e os cardeais, bispos e padres eram distantes da realidade do povo, de suas necessidades e anseios.

Iniciamos a seção “Vida da Ordem” com a 27ª edição da Assembleia da União das Conferências Latino-americanas Franciscanas – UCLAF –, que teve como tema “Construindo o Caminho Sinodal como Frades Menores” e buscou fortalecer a escuta e o diálogo fraterno a partir das realidades e dos contextos atuais das entidades que compõem as Conferências.

O Ministro Geral, Fr. Massimo Fusarelli, convida-nos a refletir em três momentos distintos, na Carta de Páscoa, no texto em comemoração ao 30º aniversário da confirmação do culto do Bem-aventurado João Duns Scotus e na Carta de Pentecostes.

O Encontro das Secretarias Gerais de Formação e Estudos, Missão e Evangelização e Animadores de JPIC com as Secretarias da Conferência Franciscana Brasil e Cone Sul aconteceu no Instituto Bíblico de Brasília e iniciou com a Celebração Eucarística, presidida por Frei Daniel Rodrigues Blanco e Frei Francisco Gómez Vargas.

Encerrando o nosso semestre, tivemos o Encontro da UCLAF, com o tema “Novas formas de presença, vida e evangelização hoje na América Latina”, na Casa de Retiro São Francisco Solano, em Lima, Peru.

Uma triste notícia marca o início deste ano e da seção “Vida da Província”, a morte de Frei Xico, homem amante da religiosidade popular que dedicou longos anos de sua vida pesquisando e registrando as rezas, os benditos, os remédios, as histórias do povo do Vale do Jequitinhonha (MG).

Destacamos fatos relevantes como: Profissões Solenes, Renovação de Votos, Ano de Presença Franciscana, Vestição de Noviços e jovens admitidos no Postulantado.

As frentes evangelizadoras da Província Santa Cruz (PSC) realizaram formações com diversas lideranças, tendo como base o tema da Campanha da Fraternidade 2023: “Fraternidade e Fome”.

O Encontro de Guardiães da Província Santa Cruz deste ano foi brindado com a orientação da doutora em Psicologia Rogéria Araújo

Guimarães Gontijo e do canonista Frei Ivo Müller, OFM, Província da Imaculada Conceição (SP) e foi marcado por momentos de partilha, diálogo e reflexão sobre a vivência franciscana em nossas comunidades.

Demais encontros realizados: Encontro de Frades da Pastoral Paroquial, Encontro de Núcleos da EducAfro Minas, Encontro do Serviço de Animação Vocacional da Família Franciscana e Encontro Vocacional Provincial.

A sinodalidade também esteve presente no Congresso de Missão e Evangelização, que teve como tema “Sinodalidade, fraternidade e missão”, em que toda a Igreja é chamada a ser mais participativa e dialógica, na diversidade de ministérios e serviços.

Não podemos deixar de mencionar a tradicional caminhada penitencial com os alunos e alunas do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio, momentos de integração e partilha da fé com a juventude.

Tivemos formações sobre a história da Ordem Franciscana no Brasil e na Província Santa, e sobre Mistagogia do Espaço Litúrgico, que aprofundaram nosso conhecimento e espiritualidade franciscana, além de capacitações, como a promovida pela Associação Irmão Sol, para os profissionais que compõem todo o seu corpo técnico e a diretoria.

Por fim, celebramos com alegria a recepção do Ministério de Leitor, em que os freis renovaram seus votos e assumiram o serviço da Palavra de Deus.

Com o registro das atas das reuniões, finalizamos essa edição da nossa revista e convidamos todos os leitores a mergulharem nesses temas cruciais para nossa caminhada de fé.

Boa leitura!



SUMÁRIO

EDITORIAL

VIDA DA ORDEM

27ª Assembleia da UCLAF	13
Encontro das Secretarias Gerais de Formação e Estudos, Missão e Evangelização e Animadores de JPIC com as Secretarias da Conferência Franciscana Brasil e Cone Sul	21
XVIII Congresso Nacional Ordinário da JUFRA do Brasil	24
Encontro dos Animadores Vocacionais da Conferência do Brasil e Cone Sul	26
30º aniversário da confirmação do culto do Bem-aventurado João Duns Scotus	29
Carta de Páscoa	45
Carta de Pentecostes do Ministro Geral a todos os irmãos da Ordem	48
Novas formas e a novidade da forma de vida abraçada por Francisco	53

VIDA DA PROVÍNCIA

Frei Xico morre aos 82 anos em Belo Horizonte....	69
Frei Higor e Frei Ivan professam os votos solenes ..	75
Frei Bruno Laviola embarca para a missão Munduruku	77
Cinco jovens são admitidos no Postulantado	79
Quatro frades partem para o Tempo de Presença Franciscana no ano de 2023	80
Frentes evangelizadoras da PSC realizam formação da CF 2023	84
Encontro de Guardiães da Província Santa Cruz ..	86
Noviços recebem o hábito franciscano	90
Encontro de frades da Pastoral Paroquial	93
Colégio Santo Antônio realiza caminhada penitencial com o Ensino Médio	95
Encontro de núcleos da EducAfro Minas	97
Congresso de Missão e Evangelização	99
Encontro do Serviço de Animação Vocacional da Família Franciscana	104
Encontro Vocacional Provincial	106
Formação sobre a história da Ordem Franciscana no Brasil e na Província Santa Cruz	108
Formação sobre mistagogia do Espaço Litúrgico	110
Encontro Conexão Irmão Sol	112
Frei Hérciles e Frei Higor recebem o Ministério de Leitor	114

REFLEXÕES

Sinodalidade: uma reflexão eclesiológica	119
Sinodalidade na perspectiva Franciscana Feminina	128
Franciscanos e a sinodalidade	138
No caminho Sinodal, tendo em vista o Capítulo das Es-teiras de 2025	147

ATAS

Ata do Congresso de Missão e Evangelização da Pro-víncia Santa Cruz	159
---	-----



VIDA DA ORDEM



27ª ASSEMBLEIA DA UCLAF



Dos dias 22 a 28 de janeiro, ocorreu no histórico Convento São Francisco, na cidade de São Paulo, a 27ª Assembleia Geral da União das Conferências Latino-Americanas Franciscanas (UCLAF). Participaram dessa assembleia os Provinciais e Custódios das entidades que compõem a UCLAF e as Conferências Brasileira e Cone Sul, a Bolivariana e a Guadalupana, o Presidente da UCLAF, Frei José Alirio Urbina Rodríguez, e o Ministro Provincial da Província Santa Cruz, Frei Hilton Farias de Souza.

A Assembleia da UCLAF contou também com as presenças do Ministro Geral Frei Massimo Fusarelli (121º sucessor de São Francisco de Assis); do Vigário Geral, Frei Ignacio Ceja Jiménez, e do Definitório Geral para a América Latina: Frei César Külkamp e Frei Joaquín Echeverry Hincapié. “Construindo o Caminho Sinodal como Frades Menores” foi o tema desta edição. Nesse encontro, buscou-se fortalecer a escuta e o diálogo fraterno a partir das realidades e dos contextos atuais das entidades que compõem as Conferências; assumir os compromissos apontados pelo Capítulo Geral 2021, abraçando o futuro com uma viva esperança a partir do projeto de vida franciscana; assumir os trabalhos da Comissão de Tutela de Menores; colocar em prática o cuidado e o uso responsável e solidário dos bens da Igreja e da Ordem e fortalecer o acompanhamento e a animação fraterna dos frades das Entidades e das Conferências.

O dia 23 de janeiro, primeiro dia da Assembleia, iniciou com a oração das Laudes e a Celebração Eucarística, que foi presidida Pelo Definidor Geral Frei César Külkamp. Posteriormente, o Presidente da UCLAF, Frei José

Alirio Urbina Rodríguez; os Definidores Gerais para a América Latina, Frei César Külkamp e Frei Joaquín Echeverry Hincapié; e os presidentes das Conferências da UCLAF: Frei Fredy Gálvez Ángulo, presidente Conferência Franciscana do México, América Central, Panamá e Haiti; Frei Daniel Alejandro Fleitas, presidente da Conferência Franciscana do Brasil e Cone Sul; e Frei José Alirio Urbina Rodríguez, residente da Conferência Franciscana Bolivariana realizaram a saudação de boas-vindas aos presentes. Frei Sandro Roberto da Costa, professor de História do Cristianismo no Instituto Teológico Franciscano, proferiu uma palestra sobre “O processo de reflexão da UCLAF rumo a um olhar que tenha em conta os desafios da Vida Religiosa na América Latina”. Nesse dia, também foram feitos os trabalhos em grupos por Conferências.

Os trabalhos do dia se encerraram com a Oração das Vésperas.

Rezemos para que o Espírito Santo ilumine essa 27ª Assembleia da UCLAF e que seus objetivos sejam conquistados na animação das entidades franciscanas que se encontram na América Latina.

Ministro Geral alerta para a necessidade de uma fraternidade que seja laboratório de futuro e que reafirme o carisma com a vida.

Em sua fala, Frei Massimo Fusarelli explanou sobre o caminhar juntos a partir de uma escuta atenta das sagradas escrituras:

“Precisamos de uma fraternidade que seja laboratório de futuro neste tempo, em que não podemos mais ter atrasos no reafirmar o carisma com a vida, sabendo que dele ainda não foi expresso tudo e que a mesma profundidade do carisma de Francisco e, portanto, do carisma da Ordem ainda está à espera de ser expressa em algumas de suas potencialidades, em contato com as pessoas de hoje, com a nossa realidade.”
(Fr. Massimo Fusarelli)

O segundo dia da 27ª Assembleia da UCLAF (24/01) teve início às 7h, com a oração das Laudes em espanhol, seguida da Eucaristia, presidida por Frei Fredy Gálvez Ángulo, presidente da Conferência Nossa Senhora de Guadalupe. O objetivo proposto para esse dia: “Fortalecer a escuta e o diálogo fraterno como UCLAF, a partir



das Conferências, para assumir um presente e um futuro com esperança nas nossas realidades e contextos atuais”. Na primeira parte da manhã, cada uma das três conferências que compõem a UCLAF fez uma apresentação da sua realidade, com estatísticas, trabalhos desenvolvidos, projetos, desafios, luzes, sombras e esperanças. As três conferências juntas somam mais ou menos 2.900 frades professos solenes.

Após uma pequena pausa, os trabalhos foram retomados com a participação do Ministro Geral Frei Massimo Fusarelli, a partir dos desafios e caminhos para a Ordem e a UCLAF. Na sua fala, o Ministro Geral retomou alguns pontos enfrentados pelas conferências e acrescentou sua reflexão sobre os abandonos da Ordem e sobre a necessida-

de de passar de uma visão de apresentação da Ordem apenas da ótica dos “problemas” para focar na esperança. Pontuou a América Latina como lugar de esperança! As conferências são chamadas a ter protagonismo na Ordem, rever suas estruturas; para isso, é preciso mudar a mentalidade e a nossa legislação. Tratou também de como conservar os valores essenciais do nosso carisma, pontuando a necessidade de que saíamos de nossa comodidade. Outros pontos retomados foram a formação permanente, a necessidade de buscar caminhos para superar o individualismo; as divisões entre os irmãos; o risco dos partidos nas entidades; o bem, que é um fermento que nos faz crescer de dentro; o fato de que muitas vezes é importante nomear os problemas; a percepção de que o tempo da “diplomacia” acabou, tendo em vista que o mundo de hoje não nos permite agir mais assim. Finalmente, tratou-se de como anda a convivência nas províncias, suas luzes e sombras.

Por volta de 12h30, as atividades da parte da manhã foram encerradas. Às 15h30, foram retomados os trabalhos com a moderação de Frei Nelson Tovar Alarcón, Ministro Provincial da

Província de São Paulo Apóstolo, da Colômbia. Frei Massimo Fusarelli proferiu uma conferência intitulada: “Um caminho sinodal, tendo em vista o Capítulo das Esteiras de 2025. Desafios para a UCLAF”. Em sua fala, Frei Massimo Fusarelli explanou sobre o caminhar juntos a partir de uma escuta atenta das sagradas escrituras. Um caminho profético, marcado pela fraternidade e minoridade e buscando abraçar o futuro, dando testemunho da vivência de nossa fé a partir do nosso modo de vida. Após a exposição, cada conferência se reuniu para uma ressonância e para levantar eventuais questões, apresentando o fruto dos trabalhos realizados em grupo. Os trabalhos do dia encerraram-se e, em seguida, foram rezadas as Vésperas na Igreja São Francisco.

UCLAF reflete e assume os mandatos do Capítulo Geral de 2021

“Paulo é busca, caminho e resposta. Diante dos desafios do tempo presente, Paulo nos indica o horizonte da busca, do caminho e da resposta. Não podemos ficar confortáveis lamen-

“Paulo é busca, caminho e resposta. Diante dos desafios do tempo presente, Paulo nos indica o horizonte da busca, do caminho e da resposta.”

tando perigos ou dificuldades, ou repetindo recursos por medo do risco. São tempos de respostas criativas, de novas lealdades, de esperanças partilhadas.” (Frei Daniel Alejandro Fleitas Zeni)

Na Festa da Conversão de São Paulo, aniversário da cidade de São Paulo, a Assembleia da UCLAF iniciou às 7h15, com as Laudes em espanhol, seguidas da Eucaristia, presidida por Frei Daniel Alejandro Fleitas Zeni, presidente da Conferência Brasileira e Cone Sul.

Após a Eucaristia, foi servido o café da manhã e, às 9h, começaram os trabalhos da UCLAF.

O objetivo do dia anterior foi assim definido: “Assumir os mandatos do Capítulo Geral de 2021 na vida, ações, projetos e decisões da UCLAF e nas Conferências para renovar o presente e abraçar o futuro com esperança a partir de nossa identidade Franciscana”.

A moderação das sessões do dia 25/1 ficou sob a responsabilidade de Frei Fernando Aparecido dos Santos, Custódio da Cus-

tódia Franciscana do Sagrado Coração de Jesus do Brasil. Frei Flávio Chávez Garcia, Ministro Provincial, da Província de São Pedro e São Paulo, do México, fez uma breve apresentação histórica dos 500 anos de presença franciscana no país. As Províncias do México estão preparando para o ano de 2024 a comemoração dos 500 anos da chegada ao México dos chamados “12 apóstolos”, os primeiros frades que vieram para a evangelização da região. Foi apresentada uma série de atividades para se fazer memória dos cinco séculos de história da evangelização franciscana.

Em seguida, aconteceu uma apresentação de Frei Francisco Gómez Vargas, Secretário Geral para a evangelização missionária da Ordem. Ele retomou alguns mandatos do Capítulo Geral de 2021 e relatou como estão sendo implantados em toda a Ordem dos Frades Menores. Noticiou que o processo de elaboração da *Ratio Evangelizationis* da Ordem já está acontecendo, com o envolvimento das entidades da Or-



dem, sobretudo através de consultas. Foi explicitado o contexto atual dos projetos e desafios a partir da UCLAF, sendo: diálogo, novas formas de presença, vida e evangelização; fraternidades entre e com os pobres/missões; pastoral educativa; Paróquias e Santuários. A questão dos Vicariatos Apostólicos confiados à Ordem dos Frades Menores através das Províncias, sendo que vários deles se encontram no território da UCLAF.

O Secretário Geral para a formação e estudos, Frei Darko Tepert, fez uma rápida apresentação dos mandatos do último Capítulo Geral. Ressaltou os seguintes pontos: escuta (Encontro do SFE por conferências/rede de trabalho com os secretários de formação e estudos; escutar os candidatos,

os frades formandos); curso para formadores; identidade (Vocações, Centenários, Congresso Internacional de Irmãos Leigos, Ano Franciscano, estudos); maturidade afetiva/redação de um documento com a finalidade formativa, que abordará o tema da maturidade afetiva. Foi nomeada uma comissão para a elaboração desse documento. Após a colocação, houve espaço para as considerações.

O animador do escritório geral de JPIC, Frei Daniel Nicolás Rodríguez Blanco, fez uma apresentação dos trabalhos desenvolvidos a partir do Capítulo Geral. Dois pontos importantes foram ressaltados, a preocupação de implementação da chamada Rede franciscana de Migrantes na América Latina; e

desenvolver e apoiar projetos na área da ecologia integral. Cada conferência se reuniu para fazer uma síntese dos pontos mais importantes e eleger três ou cinco prioridades para a UCLAF e as Conferências. Foi realizado um plenário dos trabalhos feitos em grupo, seguido de algumas considerações.

Às 18h30, rezaram-se as Vésperas da Conversão de São Paulo e encerraram-se os trabalhos do dia.

UCLAF reflete sobre a proteção de menores e o uso responsável e solidário do patrimônio e dos bens da Igreja e da Ordem

No dia 26 de janeiro, a 27ª Assembleia da UCLAF iniciou às 7h, com a oração das Laudes, Memória de São Timóteo e São Tito. Em seguida, a Eucaristia foi presidida por Frei José Alirio Urbina Rodríguez, Ministro Provincial da Província Santa Fé, da Colômbia. Em sua reflexão, ele encorajou os frades a entrarem na via sinodal, a partir da escuta da Palavra, e a ouvir uns aos outros nesta caminhada de fé, doando a vida à pregação do Reino de Deus, tornando conhe-

cidas a Palavra de Jesus e toda a sua vida. E, para isso, é necessário fazer um encontro com o Senhor. Por fim, fez um convite aos frades para não desanimarem na missão de evangelizar a partir do carisma franciscano.

O objetivo do dia anterior foi: “Assumir as diretrizes, processos e procedimentos a partir da Comissão de Proteção de Menores e do uso franciscano, responsável e solidário do patrimônio e dos bens da Igreja e da Ordem para o fortalecimento da identidade franciscana, além de assumir o Projeto da Amazônia como UCLAF, com um real compromisso a partir das entidades para continuar a fortalecer a presença franciscana na Amazônia”. A moderação do dia ficou sob a responsabilidade de Frei Ángel Gabino Gutiérrez, Ministro Provincial da Província de São Francisco e São Tiago de Jalisco, México.

Frei Albert Schmucki, definidor geral e um dos responsáveis pela Comissão de proteção de Menores e pessoas vulneráveis da Ordem, fez a sua apresentação sobre a temática e, logo em seguida, houve um espaço para perguntas, esclarecimentos e comentários. Foi enfatizada a importância dos frades das três

“Entrar na via sinodal, a partir da escuta da Palavra, e ouvir uns aos outros nesta caminhada de fé, doando a vida à pregação do Reino de Deus.”

Conferências da UCLAF, que, nesse momento se encontram em Roma, para uma formação específica na área da tutela de menores, oferecida pela Universidade Gregoriana. Num futuro próximo, esses frades poderão assessorar o trabalho das diversas entidades que compõem a UCLAF. Outra ideia importante é que se crie também uma Comissão de tutela de menores a nível de UCLAF.

Em seguida, Frei Robson Luiz Scudella, ecônomo da Província da Imaculada Conceição do Brasil, fez uma reflexão sobre o uso responsável e social dos bens da Igreja. Um chamado à transparência: contra os problemas da corrupção nos diversos níveis.

O confrade baseou-se em dois documentos importantes – um publicado pela Ordem dos Frades Menores e outro pelo Dicastério dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de

Vida Apostólicas. A reflexão do confrade foi muito objetiva, clara, pertinente e provocadora.

Houve uma pequena pausa para descanso e, na parte da tarde, as atividades foram retomadas. Com a apreciação dos Estatutos Particulares da UCLAF, foram apresentadas algumas mudanças pontuais na legislação, sobretudo no que diz respeito à diminuição do número de Conferências e dos critérios para a indicação de números de candidatos a Definidor Geral a serem apresentados por ocasião do Capítulo Geral. Foram discutidos os pontos e, em seguida, votados e aprovados pela assembleia. Em seguida, foi apresentado o Projeto da Amazônia Brasileira entre os índios Mundurucus, que se dará no território da Custódia de São Benedito. Depois da apreciação da assembleia, o projeto foi referendado pela UCLAF.

O último ponto discutido no plenário foram as propostas que deverão ser assumidas pela UCLAF ao final da assembleia. Foram lidas propostas surgidas nos grupos das três Conferências e que seriam oportunamente aprovadas no dia 27 de janeiro. Encerrou-se o dia com a oração das Vésperas.

ENCONTRO DAS SECRETARIAS GERAIS DE FORMAÇÃO E ESTUDOS, MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO E ANIMADORES DE JPIC COM AS SECRETARIAS DA CONFERÊNCIA FRANCISCANA BRASIL E CONE SUL

*Frei Jhonatan de Jesus Luiz, OFM
Animador de JPIC da Província Santa Cruz*

As secretarias de Formação e Estudos, Evangelização Missionária e os Animadores de JPIC da Ordem e da Conferência Franciscana Brasil e Cone Sul estiveram reunidos na cidade de Brasília (DF), nos dias 27 e 28 de janeiro de 2023, no Instituto Bíblico de Brasília. O encontro presencial foi aberto com a Celebração Eucarística presidida por Frei Daniel Rodrigues Blanco e Frei Francisco Gómez Vargas.

Após a celebração, os frades iniciaram a pauta do primeiro dia, a saber: partilha dos planos de trabalho das Secretarias Gerais de Evangelização Missionária (Frei Francisco Gómez), Formação e Estudos (Frei Darko Tepert) e Animação de JPIC (Frei Daniel Rodrigues). Cada um desses serviços expôs, de forma objetiva, suas esperanças, desafios e sonhos para a animação fraterna na Ordem, bem como as esperanças, desafios e sonhos



da Ordem para a Conferência Franciscana Brasil e Cone Sul. Na segunda parte do primeiro dia de trabalho, os representantes das secretarias de Formação e Estudos (Frei Fernando Ferrari), de Evangelização Missionária (Frei Edgar Alves) e Animadores de JPIC (Frei Marx) da Conferência Franciscana Brasil e Cone Sul foram convidados a expor para a Assembleia seus planos de trabalho, seus sonhos e esperanças que foram construídos durante a primeira Assembleia da Conferência, que aconteceu em março de 2022, na cidade de São Paulo (SP).

Ainda na tarde do dia 27, as Províncias e Custódias que compõem as Conferências foram convidadas a apresentar três esperanças e três desafios nos campos da Formação e Estudos; Evangelização Missionária e Animação de JPIC. Já no fim do primeiro dia de reflexão, os frades fizeram um momento de síntese de todos os assuntos discutidos durante o dia. As atividades desse dia terminaram com a oração das Vésperas, seguida de um momento de recreio fraterno.

No dia 28, os trabalhos iniciaram-se com a Celebração

Eucarística, presidida por Frei Fernando Aparecido dos Santos e concelebrada por Frei Edgar Alves. Após a celebração, a Assembleia se reuniu para ouvir e conversar sobre as colocações postas pela UCLAF, que estava reunida na cidade de São Paulo (SP), de 22 a 27 de janeiro de 2023. Frei Fernando Aparecido dos Santos, vice-presidente da Conferência Franciscana Brasil e Cone Sul, expôs, de maneira objetiva, os anseios colocados pelos Provinciais reunidos na UCLAF. Esse momento de partilha, proporcionado por Frei Fernando, somou com o que já haviam refletido no dia anterior. Em seguida, os frades se dividiram por serviço (Formação e Estudos, Evangelização Missionária e JPIC) para pensar formas conjuntas de ação e de trabalho

nas fraternidades. Cada grupo pensou e construiu, a partir de sua forma de ver, caminhos de integração entre as secretarias e JPIC. Na parte da tarde do dia 28, os frades presentes se dedicaram a fazer uma síntese dos caminhos de integração propostos por cada secretaria e pelo serviço de JPIC. As atividades encerraram-se com a celebração das Vésperas. Ainda nesse tempo, os Frades Animadores de JPIC, os Secretários de Evangelização Missionário e os Secretários de Formação e Estudos puderam gozar da alegria do encontro fraterno e da troca de experiências fraternas e missionárias.

Peçamos à Virgem dos Anjos que nos abençoe e nos conduza nas esperanças, desafios e sonhos discutidos nesses dias.

XVIII CONGRESSO NACIONAL ORDINÁRIO DA JUFRA DO BRASIL

*“A juventude é uma semente
Que Deus na terra semeou
Tornou-se flor, tornou-se gente
E o mundo nunca mais parou”
Pe. Zezinho*

Entre os dias 17 e 21 de fevereiro, aconteceu, na cidade de Santa Luzia (MG), o XVIII Congresso Nacional Ordinário da JUFRA do Brasil.

O CONJUFRA deste ano teve como tema “No chão das juventudes: semear e cuidar”. E como lema: “Deus pode fazer brotar flores no meio das rochas” (Papa Francisco). Contou com a participação de mais de 80 pessoas vindas de várias regiões do Brasil. A Juventude Franciscana, a JUFRA, é um modo de vida inspirado em Francisco e Clara de Assis. O jovem jufrista vive sua vida a partir do carisma e da espiritualidade franciscaniana. A vivência na JUFRA se dá por meio do compromisso com o Evangelho de Jesus e com a vida em fraternidade. São esses os pilares essenciais que solidificam a forma de vida do jufrista. Para o Triênio de 2023-2026, foram eleitos os

seguintes irmãos e irmãs para compor o Secretariado Fraternal Nacional da JUFRA do Brasil:

Secretária Fraternal: Mayra (Piauí)

Formadora: Lais (Amazonas)

Secretários de Área

Sul: Aislan (Rio Grande do Sul)

Centro-Oeste: Jonas (Distrito Federal)

Sudeste: Luiz Viana (Rio de Janeiro)

Nordeste A: Maiara (Maranhão)

Nordeste B: Thais Guerra (Bahia)

Norte: Greiciele (Amazonas)

Conselho Fiscal

Francisco (Brasília)

Amanda (Brasília)

Marcos Braga (Minas Gerais)



ENCONTRO DOS ANIMADORES VOCACIONAIS DA CONFERÊNCIA DO BRASIL E CONE SUL

*Frei Eduardo Schiehl – Custódia do Sagrado Co-
ração de Jesus; Frei Gabriel Dellandrea – Provín-
cia Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil*



Entre os dias 13 e 18 de março, estiveram reunidos, na Casa de Jóvenes Hermano Francisco (em Buenos Aires, Argentina), da Província São Francisco Solano, os responsáveis pela animação vocacional das entidades que compõem a Conferência do Brasil e Cone Sul (Províncias e Custódias franciscanas da Argentina, Brasil, Chile e Paraguai). Os dias foram de muito trabalho e empenho, sendo assessorados por estudiosos da área de humanidades.

Como ponto de partida, as reflexões foram conduzidas pelo irmão salesiano Ariel Fresia, que abordou as culturas vocacionais, bem como esclareceu temas sobre as juventudes atuais. Em seguida, o psicólogo Gerardo Bassi ajudou na reflexão sobre o acompanhamento personalizado, trazendo também assuntos acerca da afetividade e sexualidade, especialmente no contexto pós-pandêmico. Mas o encontro não foi só para a formação teórica, embora esta tenha tido muito valor. Sendo o primeiro presencial depois da união da conferência, o clima foi fraterno e acolhedor por parte dos confrades da província anfitriã.

Apesar da onda de calor inesperada na capital argentina, os

irmãos souberam garantir uma agradável estadia, estimulando a fraternidade com encontros de convivência e momentos profundos de oração e celebração. Vale salientar que os frades vindos de outros países puderam experimentar um pouco mais da cultura argentina, inclusive se inserindo na rotina, no modo prolongado e fraterno de fazer refeições, partilhando o mate em várias circunstâncias. Além disso, a casa proporcionou ocasiões de jantares na área externa, com delícias locais, histórias e canções em diversas línguas, com festa e gratidão por formar um grupo de *hermanos*.

A maior riqueza do encontro se deu com o intercâmbio, a partilha de experiências e de vida entre os frades que atuam nas diversas realidades culturais e sociais. Por serem de regiões e países distintos, os participantes do encontro partilharam seus sonhos, perspectivas e desafios. A ocasião foi avaliada como propícia, cumprindo a missão de ser um grande encontro para aprofundar temas e laços, a fim de iluminar e animar a missão dos frades animadores vocacionais. No dia 18 de março, último dia, os frades se reuniram para avaliar o encontro e aprovar

um documento que ficará como registro da ocasião, com o resumo das reflexões e orientações propostas para o trabalho. Na parte da tarde, os participantes se dirigiram à Basílica de Nos-

sa Senhora de Luján, padroeira da Argentina. Nesse local de fé e devoção do povo argentino, celebrou-se a ação de graças por esses dias tão enriquecedores para o serviço às vocações.





Ordem dos
Frades Menores

1993
ROMA
2023



30° aniversário da confirmação do culto
do Bem-aventurado João Duns Scotus

Na santidade da vida e no saber da fé

O TESTEMUNHO SEMPRE ATUAL
DO BEM-AVENTURADO JOÃO DUNS SCOTUS



Caros Irmãos e Irmãs,

o Senhor vos dê a paz!

Chego até vocês através deste texto, que pretende ser como um documento que recorda um aniversário importante, que eu não gostaria que passasse despercebido, muito mais enquanto celebramos o Oitavo Centenário da Regra Bulada, fundamento da nossa profissão, e o Natal de Greccio, lugar da nossa contemplação do mistério de Cristo, Verbo Encarnado.

Com efeito, na medida em que consideramos os últimos anos da vida de São Francisco, eis-nos dirigindo o olhar para um discípulo dele muito particular, que expressou de forma brilhante as premissas de caráter teológico-espiritual, especialmente a do olhar fixo em Cristo, a primeira obra do Pai, e na pessoa humana, criada n'Ele e em vista d'Ele, a fim de que pudesse amar Deus e as criaturas, alcançando, assim, a sua verdadeira felicidade.

Falo do Bem-aventurado João Duns Scotus, do qual desejo salientar algumas características essenciais e a mensagem que não cessa de nos dirigir tantos séculos depois da sua breve e intensa existência de frade menor, de pesquisador apaixonado pelo mistério de Deus, de mestre e de discípulo da Sabedoria Encarnada.

Espero que este documento possa ser utilizado também para a formação permanente e inicial em diferentes níveis de encontros e de estudo.

1. João Duns Scotus: um reconhecimento árduo

No dia 20 de março de 1993, na Basílica Vaticana, durante as primeiras vésperas do IV domingo da Quaresma (*Laetare*), são João Paulo II dava o solene anúncio da ocorrida confirmação do culto *ab immemorabili* prestado a João Duns Scotus. Eu mesmo estava presente e recordo-me da alegria quase incrédula daquele momento, sobretudo da parte daqueles que entre nós tinham estudado tanto e tornado conhecido o novo Bem-aventurado. O decreto sobre a fa-



1993
ROMA
2023

30°

ma de santidade, sobre as virtudes heroicas e o culto devido ao ser-vo de Deus tinha sido promulgado no dia 06 de julho de 1991, con-cluindo o processo da causa, que teve início em 1985, após inúmer-os pedidos que ocorreram nas últimas décadas.

Este grande filósofo e teólogo franciscano, nascido entre o fim de 1265 e os inícios de 1266, em Duns (Escócia), e falecido no dia 08 de novembro de 1308, em Colônia (Alemanha), foi tão logo objeto de notável estima e veneração.

No ápice da polêmica irrompida no início do século XIV, entre o papa Bonifácio VIII e o rei da França, Felipe IV, o Belo, João Duns Scotus afastou-se das reivindicações monárquicas, que chegaram a exigir até mesmo a deposição do papa e, por isso, teve de deixar a França, onde se encontrava para completar os estudos e obter a cátedra de teologia, nos dias imediatamente após 25 de junho de 1303. Assim como ele, autoexilaram-se também outros estudantes e do-centes do Convento de Paris, entre os quais Gonsalvo de Espanha que, depois de ter sido Ministro de Castela por poucos meses, tor-nou-se Ministro Geral. Nesta qualidade, recomendou o jovem Duns Scotus ao Guardião do Convento parisiense para que fosse acolhido de novo na comunidade para o ano acadêmico de 1304-1305 (Boni-fácio VIII, durante esse período de tempo, havia morrido e, portan-to, também os “papistas” podiam retornar sem temer represálias). As expressões usadas por Gonsalvo na carta de 18 de novembro de 1304 são eloquentes: «Dilectum in Christo Patrem Ioannem Sco-tum, de cuius vita laudabili, scientia excellenti, ingenioque subtilis-simo aliisque insignibus conditionibus suis, partim experientia longa, partim fama, quae ubique divulgata est, informatum sum ad plenum, dilectioni vestrae assigno» (*Confio à vossa caridade o dileto em Cristo o Padre João Duns Scotus, do qual, em parte graças à longa familiaridade, em parte graças à fama que se espalhou por toda parte, conheço mui-to bem a vida digna de louvor, a excelente ciência, a sutilíssima engenhosidade e outras habilidades excepcionais*)¹.

¹ Para este testemunho e os sucessivos, cf. *Confirmationis cultus Servi Dei Ioannis Duns Scoti [...] relatio et vota* sobre a sessão dos consultores históricos realiza-da no dia 11 de Abril de 1989, Congregatio de Causis Sanctorum. Officium His-toricum, n. 183, Romae, 1989; *Canonizationis Servi Dei Ioannis Duns Scoti [...] re-latio et vota* Congressus peculiaris super fama sanctitatis et virtutibus et super cul-to ab immemorabili praestito die 23 Novembris an. 1990 habiti, Congregatio de Causis Sanctorum, Roma, 1990.



1993
ROMA
2023

30°

A essas palavras, que atestam a estima que Scotus já desfrutou em vida, podem ser acrescentados três testemunhos acerca de sua santidade, dados imediatamente após sua morte.

O primeiro é aquele de Antonio Andrea, frade aragonês, discípulo de Scotus em Paris que, em um escrito (datado por volta de 1320), afirma sobre seu mestre: «Volo autem scire omnes litteram istam legentes, quod tam sententiando, quam notando secutus sum doctrinam illius subtilissimi et excellentissimi doctoris, cuius fama et memoria in benedictione est» (*Quero que saibam todos aqueles que leem esta carta que, tanto nas sentenças, como nas notas de comentário, siga a doutrina daquele doutor sutilíssimo e excelentíssimo, cuja fama e memória representam uma bênção*).

O segundo é aquele de Landolfo Caracciolo, frade napolitano, que também foi discípulo de Scotus em Paris e que, quando retornou para a Itália, instituiu uma Cátedra de Mariologia em Nápoles e, então, enquanto bispo de Castellamare di Stabia e depois de Amalfi, divulgou na região da Campânia o culto por Duns Scotus, especialmente na cidade de Nola. Muitos séculos depois, também santo Umile de Bisignano, que havia conhecido a doutrina de Scotus durante sua estadia em Roma (1621-1630), dedicou-se na difusão do pensamento de Scotus nas Províncias do Sul da Itália, propagando a sua devoção.

O terceiro testemunho é dado a partir da atenção com que Duns Scotus foi sepultado em Colônia, na igreja dos frades menores, em primeiro lugar na Capela dos Magos e, depois, em 1320, diante do altar-mor. Nove vezes, entre reconhecimentos e translações, os frades, em acordo com as autoridades eclesiásticas, interessaram-se pelos restos mortais de Scotus: tal atenção repetida às suas relíquias não seria justificada senão por uma autêntica veneração a seu respeito, justamente ali onde morreu por volta dos seus 42 anos de vida.

Nola e Colônia são as duas cidades nas quais, desde tempos imemoriais, o Doutor Sutil era invocado como exemplo de vida cristã, enquanto no decorrer dos séculos as autoridades da Ordem impuseram por diversas vezes o estudo da *via Scoti*, permitida e encorajada pelos papas. A corrente de pensamento que recebe de Scotus o nome, o “escotismo”, impregnou primeiro a cultura europeia, depois a latino-americana, nas áreas da filosofia, da teologia e da espiritualidade. As doutrinas de Scotus animaram o espírito missionário, entre outros, de São Junípero Serra e do bem-aventurado Gabriele Maria Allegra.



1993
ROMA
2023

30°

A história do escotismo na idade moderna se entrelaçou frequentemente com a “defesa” do parecer teológico da imaculada concepção de Maria, e isso decretou, ao mesmo tempo, a sorte e o infortúnio de Scotus, cujo pensamento se faz muitas vezes coincidir com a declaração da Imaculada. Até a proclamação do dogma, feita pelo bem-aventurado Pio IX (1854), Scotus era atacado pelos “maculistas” por causa deste seu parecer; mas também depois não faltaram aqueles que continuaram a suspeitar da heterodoxia de seus escritos, uma vez que em não poucos aspectos divergiam do pensamento de um outro grande escolástico, Tomás de Aquino. Por esse motivo, o reconhecimento do culto não alcançava o êxito esperado pelos franciscanos e por outros devotos de Scotus. Precisamente pela necessidade de eliminar o campo de qualquer suspeita de heresia que, em 1927, foi fundado o Departamento Escotista junto ao Colégio São Boaventura de Quaracchi, presidido por fr. Efreim Longpré. Divergências de pontos de vista entre os estudiosos sobre como proceder para publicar a edição crítica dos escritos de Scotus recomendaram a separação do Departamento Escotista do Colégio de Quaracchi em 1938, e o nascimento da Comissão Escotista em Roma, junto ao Colégio Internacional S. Antônio, sob a direção de fr. Karlo Balić. Graças ao incansável trabalho destes frades editores, foi possível chegar à definição da plena ortodoxia dos escritos de Duns Scotus, proclamada por São Paulo VI, no dia 04 de maio de 1972. O caminho para se alcançar o reconhecimento do culto estava agora aberto.

O próprio Paulo VI contribuía muito para chamar a atenção de toda a Igreja sobre a figura do franciscano escocês, com a carta apostólica *Alma parens*, endereçada aos bispos da Grã-Bretanha, aos 14 de julho de 1966, por ocasião do Congresso Escotista Internacional, realizado em Oxford e Edimburgo, no VII centenário do nascimento do Doutor Sutil. Ao propô-lo como referência comum para católicos e anglicanos, papa Montini elogiava o pensamento de Scotus com estas palavras: «O espírito e o ideal de São Francisco de Assis se ocultam e prosperam na obra de João Duns Scotus, em que se respira o espírito do seráfico Patriarca de Assis, subordinando o saber ao bem viver. Ele, declarando a excelência da caridade acima de toda ciência, o universal primado de Cristo, obra-prima de Deus, glorificador da Santíssima Trindade e Redentor do gênero humano, Rei na ordem natural e sobrenatural, ao lado do qual resplandece de original beleza a Virgem Imaculada, Rainha do universo, faz sobressair



1993
ROMA
2023

30°

as ideias soberanas da Revelação evangélica, particularmente o que São João Evangelista e São Paulo viram ser proeminentemente superior no plano divino da salvação»².

2. Bem-aventurado João Duns Scotus: um pensamento a ser conhecido, estudado e vivido

Inspirando-me nessas últimas expressões de São Paulo VI, gostaria de recordar a todos os frades a importância do estudo do pensamento de João Duns Scotus. A nossa *Ratio Studiorum* indica isso claramente, em três contextos vitalmente entrelaçados: a formação permanente, a formação inicial e a formação acadêmica³.

No n. 145, referente à formação permanente, pede-se que «cada Província ou Conferência elabore programas de estudos que garantam o contínuo aprofundamento e uma adequada síntese da história e da espiritualidade franciscana, e também do pensamento dos Mestres franciscanos». Entre esses, cita-se explicitamente o Bem-aventurado João Duns Scotus. Pergunto-me sinceramente não somente se o Doutor Sutil seja estudado, mas se em geral há um cuidado com o aprofundamento do pensamento franciscano nos planos de Formação Permanente das nossas Entidades. Receio que falte entre nós principalmente um aprofundamento desse pensamento!

O conhecimento dos mestres franciscanos deveria ser parte integrante da formação intelectual, também dos frades na formação inicial, como recomenda o n. 148: «Cada Província deve ter um programa próprio e bem articulado, para que os professos temporários possam aprofundar o conhecimento do carisma franciscano, levando em conta o seguinte: [...] Pensamento dos Mestres franciscanos (São Boaventura, Bem-aventurado João Duns Scotus, Rogério Bacon, Guilherme de Ockham): Deus, Cristo, Homem, Criação». Tal programa torna-se ainda mais importante na medida em que na Ordem difunde-se a prática de enviar os frades aos centros de estudos não franciscanos (seminários, universidades, faculdades de teologia), onde frequentemente são feitas referências a outros mestres e escolas do pensamento medieval.

² PAULUS PP. VI, *Alma parens*, n. 9.

³ Cf. *Ratio Studiorum Ordinis Fratrum Minorum*, Romae, 2001.



1993
ROMA
2023

30°

Por isso, a *Ratio Studiorum*, considerando que na nossa Ordem há diversas realidades escolares e acadêmicas (colégios, universidades, centros de estudos) que preveem em seus *currículos* de estudos o ensino das disciplinas filosóficas e teológicas, afirma no n. 142: «Para os nossos Centros de estudos e para os Frades que frequentam outros Centros de estudos superiores, em cada Província ou Conferência, além do programa de estudos segundo a *Ratio* da Igreja e a *Ratio* da própria Conferência episcopal, seja elaborado um programa de estudos bem articulado, para aprofundar os seguintes núcleos do franciscanismo: [...] São Boaventura e sua Escola, Duns Scotus e sua Escola, Guilherme de Ockham e a nova Escola».

O estudo do pensamento de Duns Scotus é como nunca oportuno ao menos por dois motivos. Em primeiro lugar, para conhecer adequadamente a nossa tradição cultural, que foi forjada através dos séculos graças às elaborações doutrinárias daqueles que eram formados na escola de Escotus e – talvez em menor medida – na de Boaventura. A nossa identidade carismática não é moldada somente pela referência ao fundador, Francisco de Assis, mas, à sua luz, também pela história dos frades das gerações seguintes, e que foram instruídos nos estudos da Ordem pela *via Scoti*.

Em segundo lugar, o pensamento de Scotus pode ser um útil instrumento em nossa obra de evangelização. Francisco de Assis, em nossa *Regra*, no capítulo nono, nos diz: «Admoesto também e exorto os mesmos irmãos a que, na pregação que fazem, seja sua linguagem examinada e casta, para a utilidade e edificação do povo, anunciando-lhe, com brevidade de palavra, os vícios e as virtudes, o castigo e a glória; por que o Senhor, sobre a terra, usou de palavra breve»⁴.

Notamos um certo desinteresse aos estudos, particularmente aqueles superiores, que pode gerar nas novas gerações de frades, e não somente, a ilusão de que baste saber manejar os *social media* para se atingem diretamente os jovens de hoje, e que a evangelização seja mais questão de sentimento do que de conteúdo. Em contrapartida, é também um erro um estudo buscado somente para enriquecer a si mesmo de vanglória ou pensando em converter alguém por força de argumentos racionais. Francisco nos recorda que «são mortos pela letra aqueles que somente desejam conhecer as palavras pa-

⁴ FRANCISCUS ASSISIENSIS, *Regula bullata*, c. 9.



1993
ROMA
2023

30°

ra serem considerados mais sábios entre os outros e poderem adquirir grandes riquezas, para dá-las aos parentes e amigos. São também mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito da divina escritura, mas apenas desejam conhecer as palavras e interpretá-las aos outros»⁵.

Entre os dois opostos, de uma ignorância espiritualizada e de uma erudição estéril, coloca-se o estudo a serviço da fé, pedido aos frades para poder “dar as razões da nossa esperança” (cf. 1Pd 3, 15). Novamente diz-nos Francisco: «Proclamai-o, pois ele é bom, e exaltai-o em vossas obras; pois, com este intuito ele vos enviou por todo o mundo, para que, por palavras e obras, deis testemunho de sua voz e anuncieis a todos que não há ninguém onipotente além dele»⁶. O louvor e a exortação dão rosto ao anúncio franciscano, mas exigem também um sério estudo.

Hoje, como sempre, o nosso testemunho de frades menores será tanto mais eloquente quanto mais aderir ao modelo evangélico, que se mantém como o único “livro” a ser aprendido de memória: Jesus Cristo Crucificado e Ressuscitado. No entanto, em apoio ao nosso testemunho, podemos aprender com os grandes teólogos do nosso passado a dizer palavras “ponderadas”, “castas” e “breves”, ou seja, verdadeiras e essenciais, como nos pede a *Regra*, pois são as que mais atingem a mente e o coração de quem nos ouve e, junto com a coerência da nossa vida, tornam-se boa nova para as mulheres e os homens sedentos de Deus.

3. Bem-aventurado João Duns Scotus: um irmão com o qual aprender um método de sabedoria

Em plena sintonia com essas conotações primorosamente franciscanas, parece-me que posso dizer que o *método* de estudo praticado por Duns Scotus, bem como de outros mestres – não somente franciscanos – da escolástica do seu tempo, tenha favorecido nele a busca da precisão e da essencialidade. A teologia hodierna tem justamente deixado de lado os esquemas antiquados da manulística pré-conciliar, mas não pode abandonar o esforço por uma necessária

⁵ FRANCISCUS ASSISIENSIS, *Admonitiones*, n. 7.

⁶ FRANCISCUS ASSISIENSIS, *Epistola toti ordini missa*, n. 9-10.



1993
ROMA
2023

30°

clareza intelectual, a que sempre se submetera, a fim de apresentar-se diante das outras disciplinas com a sua peculiar cientificidade. Do método escolástico, a teologia pode continuar a aprender o exercício rigoroso do pensar, do argumentar disputando, do alcançar e elaborar as próprias teses a partir do embate com o pensamento dos outros, como se fazia nas *quaestiones* debatidas nas salas de aula medievais.

De Scotus, podemos aprender, além disso, também algumas *teses fundamentais* de sua doutrina, que me parecem ainda muito válidas, depois de sete séculos, porque de alguma forma perenes.

Em primeiro lugar, a tese do primado de Jesus Cristo, cuja encarnação é «*summum opus Dei*» (*obra suprema de Deus*)⁷, porque Deus sempre quis ter outros, fora de Si, com os quais compartilhar o seu desmedido amor.⁸ Assim, não foi o pecado de Adão que subordinou a encarnação do Filho de Deus, mas é pela vontade amorosa de Deus que Ele se fez homem para nos introduzir no seu amor. Obviamente, uma vez que o homem pecou, a encarnação tem também valor redentor, mas a *ratio praecipua incarnationis* (*a razão principal da encarnação*) não é a nossa salvação, mas antes a nossa divinização, que não teria acontecido se não por meio de um Deus-homem. Esta tese, confluída na escola franciscana e, portanto, também incorporada ao raciocínio de Scotus a partir do tesouro teológico do Hiponense, salienta a centralidade de Cristo no projeto criador de Deus e, em consonância com a teologia contemporânea, inibe a queda em um certo amartiocentrismo (ou seja, em colocar no centro o pecado do homem) e uma certa descontinuidade entre a criação e a redenção⁹, como em vez disso tendem a fazer outras perspectivas teológicas.

Uma segunda tese muito relevante é dada pela índole prática da pesquisa teológica. Indo ao encontro com a recordação do que Francisco de Assis disse, a saber, que «o homem sabe o quanto ele

⁷ IOANNES DUNS SCOTUS, *Reportatio Parisiensis*, III, d. 7, q. 4; cf. *Lectura*, III, d. 7, n. 78, appendix.

⁸ Cf. *Ordinatio*, III, d. 32, n. 21.

⁹ «Fuit enim et alius modus redemptionis nostrae possibilis... quam per incarnationem et passionem, sed nullus nostrae miseriae sanandae convenientior» (*Porque havia um outro modo possível da nossa redenção... do que pela encarnação e paixão, mas nenhum mais apropriado para a cura da nossa miséria*) (*Ordinatio*, IV, d. 15, n. 24)



1993
ROMA
2023

30°

faz»¹⁰, João Duns Scotus compartilha a impostação comum aos mestres franciscanos, para os quais a verdadeira teologia é uma forma de conhecimento mais prática do que teórica, porque predis põe o homem a amar a Deus e lhe ensina a viver retamente, e não apenas conhecê-lo intelectualmente¹¹. Aliás, «plenitude da Lei é o amor» (Rm 13, 10)¹². Da ordem prática da teologia provém evidentemente uma certa postura teórica, que não considera o estudo e a pesquisa como uma maneira elitista para distanciar-se dos outros ou para dominá-los, mas sim aprimoramento dos próprios talentos para melhor servi-los. Se é verdade que “saber é poder”, podemos franciscanamente transformar esse poder em serviço, a Deus e aos irmãos.

Uma terceira tese, consonante à segunda, é aquela do primado da vontade sobre o intelecto. Enquanto o nosso intelecto, agindo por necessidade com os nossos sentidos, é, por assim diz, obrigado a adaptar-se ao seu objeto quando o conhece, a vontade é inteiramente livre para escolher: «Voluntas libera est...» (*A vontade é livre...*)¹³. É tão livre que, mesmo quando decidiu escolher alguma coisa, mantém a possibilidade de querer o contrário: «In eodem instanti in quo voluntas habet unum actum volendi, in eodem et pro eodem potest habere oppositum actum volendi» (*no mesmo instante em que a vontade expressa um ato de querer, neste mesmo instante e por esse pode ter também um ato de querer contrário*)¹⁴. Portanto, é em virtude da vontade livre que nós somos semelhantes a Deus, mais do que pelo intelecto, na medida em que a nossa vontade toma forma precisamente da vontade absolutamente livre de Deus, que criou o mundo não porque devia fazê-lo, mas porque o quis: «Et ideo ista voluntas Dei – quae vult hoc et pro nunc – est immediata et prima causa, cuius non est aliqua alia causa quaerenda [...] Non est ratio quare hoc voluit nunc et non tunc, sed tantum ‘quia voluit hoc esse, ideo bonum fuit illud esse’» (*Portanto, esta vontade Deus – que quer isso e agora – é imediata e primeira causa, além da qual não há uma outra causa a ser buscada [...] Não há nenhuma razão pela qual*

¹⁰ ANGELUS CLARENUS, *Historia septem tribulationum ordinis Minorum*, II, 7.

¹¹ Cf. IOANNES DUNS SCOTUS, *Ordinatio*, prol., n. 314.

¹² *Ibid.*, prol. n. 222.

¹³ IOANNES DUNS SCOTUS, *Lectura*, I, d. 17, n. 87.

¹⁴ *Ibid.*, d. 39, n. 50.



1993
ROMA
2023

30°

tenha querido agora e não então, mas somente “porque quis que isto fosse e, portanto, foi coisa boa que aquilo fosse”) ¹⁵. O mundo, nascido da palavra do Deus criador, não é um *datum*, mas um *volitum*! ¹⁶.

Por último, gostaria de recordar uma quarta tese, aquela que os discípulos de Scotus tornaram famosa, e que entrou para a história da filosofia como a doutrina da *haecceitas*. O Doutor Sutil a aborda quando se pergunta em virtude de que coisa um indivíduo é tal, isto é, graças a que coisa isso é precisamente aquele indivíduo e não outro. É a questão que os medievais chamavam de “princípio de individuação”, e que alguns consideravam que estava na matéria, outros, na forma. Duns Scotus é convicto de que a individuação não pode estar em nada que todo indivíduo tem em comum com outros (a matéria e a forma): portanto, ele define o princípio de individuação como aquela «ultima realitas entis» (*última realidade do ente*) ¹⁷, graças à qual tal indivíduo é exatamente aquilo e não um outro. Essa realidade não se encontra melhor definida no raciocínio de Scotus, e é um conceito acessível apenas pelo nosso intelecto, como aquelas realidades matemáticas de que temos um conhecimento por assíntota. E, no entanto, foi o suficiente para marcar um novo passo na história da cultura ocidental. A atenção dedicada à individuação não era um mero exercício de elucubração filosófica. Desde sempre a filosofia e a teologia lidaram com o problema de como considerar os indivíduos em sua singularidade, mas, ao depararem-se com a dificuldade de tratar suas características individuais, tinham pensado que somente o conhecimento científico fosse aquele das características universais: «De universalibus, non de singularibus, est scientia» (*A ciência se ocupa dos universais e não das realidades singulares*) ¹⁸. Duns Scotus, pela primeira vez na história da metafísica, coloca o acento sobre a possibilidade de conhecer o indivíduo enquanto indivíduo, e não somente como um dos tantos de uma certa classe ou espécie. Todo indivíduo, portanto, toda pessoa, merece uma atenção especial!

¹⁵ IOANNES DUNS SCOTUS, *Ordinatio*, II, d. 1, n. 91.

¹⁶ Sobre este tema, cf. os inúmeros estudos de Orlando Todisco, ofm conv, que, em conjunto com as publicações de nossos confrades Giovanni Lauriola, José Antonio Merino e Kenan Bernard Osborne, contribuíram para difundir o pensamento de Duns Scotus nesses últimos decênios!

¹⁷ IOANNES DUNS SCOTUS, *Ordinatio*, II, d. 3, p. 1, q. 5-6, n. 188.

¹⁸ GUILLELMUS DE OCKHAM, *Expositio in libros Physiconum Aristotelis*, I, c. 12, n. 7.



1993
ROMA
2023

30°

Essas quatro teses, extrapoladas do contexto escolástico de Scotus, juntamente com o método de pesquisa mencionado acima, mostram-nos o quanto o seu sutil pensamento tem ainda tanto a dizer ao mundo contemporâneo, porque esse se revelou capaz de interceptar algumas das instâncias da pós-modernidade, como a valorização da diversidade de cada um, a defesa das liberdades pessoais, o cuidado com a casa comum como espaço amado e não simplesmente dado, a reflexão sobre a cultura como serviço à sociedade, a valorização de um cristianismo amante do mundo e não contraposto a esse.

4. Bem-aventurado João Duns Scotus: conhecê-lo através do contato com os seus escritos

A fama de santidade de Scotus, para além dos testemunhos escritos sobre ele, evidenciou-se de modo especial pela profundidade dos seus escritos, porque “cada árvore se conhece pelo fruto” (cf. Lc 6, 43). Do mesmo modo, penso que posso afirmar que pela leitura de seus escritos nos é dado alimentar a nossa vocação e, por que não, a nossa santidade. Decerto não todos os frades e irmãos são chamados a ler diretamente os textos originais do Doutor Sutil, uma vez que é necessário ser introduzido à filosofia e à teologia, e ser capaz de entrar em um mundo cultural, aquele da escolástica medieval, propenso a um particular tecnicismo e à hiperespecialização linguística. Não se improvisam leitores de Scotus, entre outras coisas, porque ainda são poucas as traduções nas línguas modernas e, portanto, para lê-lo hoje, é necessário possuir um bom conhecimento do latim. Essas dificuldades objetivas não devem, porém, tornar-se obstáculos intransponíveis ou desculpas que justifiquem a nossa ignorância acerca do Doutor Sutil, particularmente não nos nossos centros de estudos e de formação!

Visando difundir melhor e de modo mais sólido o seu pensamento, faço votos, em primeiro lugar, que a nossa Comissão Escotista que, por muitas décadas, trabalha na edição crítica dos textos de Scotus, possa chegar à conclusão de seus trabalhos em um tempo não muito longo. Precisar-se-á para esse intento aumentar o número dos membros que, em período integral, se dediquem a esse indispensável e louvável trabalho de pesquisa e, se necessário, será oportuno ampliar as colaborações com estudiosos externos à Comissão,



1993
ROMA
2023

30°

que possam dar sua significativa colaboração à impressão editorial. Dirijo-me, por isso, àqueles em nossa Ordem que já tenham as competências necessárias para fazer uma edição crítica e àqueles que se sentem seriamente interessados em aprendê-las e desejam conhecer mais profundamente o pensamento do Doutor Sutil: peço que vocês entrem em contato com o Secretariado para a Formação e os Estudos, a fim de avaliar os passos para uma possível inclusão de vocês na Comissão Escotista.

Faço um segundo apelo àqueles que sabem latim: precisamos aumentar as traduções dos textos de Scotus, no mínimo em italiano, em espanhol e em inglês, as línguas oficiais da Ordem. Não será possível aplicar de forma significativa o que é expresso pela *Ratio Studiorum* se não tivermos à disposição uma abundante seleção de textos traduzidos corretamente e acessível para todos. O Secretariado para a Formação e os Estudos estará disponível para coordenar quaisquer iniciativas pessoais, de modo que os projetos de tradução possam ser lançados nas línguas acima mencionadas.

Enfim, peço que nos nossos centros de estudos, *em primeiro lugar*, na Pontifícia Universidade *Antonianum*, preparem-se professores nas disciplinas filosóficas, teológicas e canonistas, que insiram em seus cursos, de modo regular, ao menos o ensino das teses principais do pensamento de Scotus. Não há nenhum ramo da filosofia onde Scotus não tenha nada de interessante a dizer. Isso vale igualmente para o direito canônico e para todas as disciplinas teológicas: os professores levem em devida consideração o ensino do Doutor Sutil e o deem a conhecer aos seus estudantes, também escolhendo e propondo os temas escotistas para as teses doutorais.

Conclusão

Caros Irmãos e Irmãs, espero que quem teve a paciência e perseverança de chegar até o fim desta Carta tenha podido conhecer algo a mais da personalidade e da obra do Doutor Sutil, ou descobrir um mundo novo, que merece ser explorado, apreciado e, ouso dizer, amado. É preciso paciência e dedicação, sem dúvida. Não é um pensamento para ser consumido em poucas linhas. Exige uma concentração e um aprofundamento, aos quais nossa época veloz não se dispõe mais. Quem sabe justamente por isso é ainda mais importante voltar a conhecê-lo por meio de sua obra, tor-



1993
ROMA
2023

30°

nando tão legível e eloquente para o nosso hoje a mensagem de Scotus, tão “moderno”.

É importante que nós, Frades Menores, e também as Irmãs contemplativas da nossa família, nos apoiemos em sua experiência espiritual, para uma leitura completa daquela sabedoria e teologia espiritual “prática”, da qual é portadora a nossa tradição mais viva. Precisamos tanto nos voltar para essa com vontade e inteligência novas e vivas.

Continuemos celebrando o Centenário Franciscano, no ano da Regra e do Natal de Greccio, também com essa inspiração que vem da paixão integral desse discípulo e irmão daquele São Francisco que se declarou “simples e iletrado” e, no entanto, gerou tanta força de arte, literatura, ciência, filosofia e teologia, demonstrando que o olhar sobre o Mistério de Deus torna mais aguçado aquele sobre o mistério do mundo e da pessoa humana.

Uma fraterna felicitação a todas e a todos por terem a coragem de abrir alguma página de Scotus, junto com a minha oração e a Bênção de São Francisco, iletrado sábio, no ano em que somos chamados a celebrar três importantes aniversários da nossa tradição de pensamento e de vida franciscana.



Fr. Massimo Fusarelli of

Fr. MASSIMO FUSARELLI, OFM
Ministro geral

Prot. 111983
Roma, 12 de março de 2023
Terceiro Domingo da Quaresma



15
VNCTAE.
RES·DIFF
ICILES·A
IT·SALO

MON·ECCLESIAS
TICI·PRIMO·ET
CVI·INTELLIGAT.
ESSE·DIFFICILES

*subdit: Non potest eas homo explicare sermone. Se-
cundum igitur distinctionem rerum, potest accipi disti-
ctio difficultum questionum. Res autem prima sui di-*



Ordem dos Frades Menores
www.ofm.org

2023

CARTA DE PÁSCOA

*Senhor, livraste minha vida da morada dos mortos;
poupaste-me para eu não baixar ao fosso.*

Sal 30, 4

- Aos Frades da Ordem
- Às Irmãs Clarissas e Concepcionistas
- Às leigas e leigos franciscanos

**Caros Irmãos e Irmãs,
o Senhor vos dê a paz!**

Na ressurreição de Piero della Francesca, o Cristo se ergue vitorioso sobre a morte, mas, se olhamos com atenção, podemos captar, na expressão do rosto, um véu de dor. O Senhor Crucificado-Ressuscitado passou pela vida e pela morte até o fim, experimentou, descendo até à morada dos mortos, toda a realidade da condição criatural, com as suas contradições.

Aqui, o meu pensamento reporta-se a São Francisco. No início de sua conversão, retornando de um banquete com os amigos, ia um pouco atrás deles, se detém e experimenta uma inesperada e desconhecida doçura, fruto de uma visita interior do Espírito (cf. LTC 7).



Mais tarde, no encontro com o leproso, depois do primeiro instinto de fuga pela repugnância daquele corpo em decomposição, Francisco poderá finalmente abraçá-lo e beijá-lo, experimentando que «aquilo que me parecia amargo se me converteu em doçura de alma e de corpo» (Test 3).

Acaso não é essa fonte interior de doçura que lhe possibilita, então, celebrar a Páscoa com o leproso e, por sua vez, com tantos outros? O cheiro do limite e da morte o fez abrir-se à doçura da vida nova: é Páscoa!

O caminho é traçado por nós, o passo é irreversível.

Celebrar a Páscoa significa não desviar o olhar da realidade humana, com seus contraditórios aspectos luminosos e obscuros: o desejo de amar e de gerar vida plena em meio às guerras, ao sofrimento da casa comum, aos terremotos, às feridas causadas ao diálogo e à fraternidade entre pessoas, grupos, nações, famílias, até mesmo em nossa Igreja e também em nossa Fraternidade.

Como não reconhecer a Páscoa que irrompe desses “infernos”, dado que a graça do Ressuscitado faz novas todas as coisas e nos permite permanecer mesmo diante do escândalo do mal, que muitas vezes parece vencer?

No Centenário da Regra, aliança de vida, queremos acolher com um novo entusiasmo o chamado a testemunhar com a vida e a palavra a esperança do Evangelho nos “infernos” e nas rachaduras de luz deste tempo, difícil de decifrar e sempre amado por Deus.

Em Greccio, Francisco escutou ainda o Evangelho, na medida em que quis ver com os outros os apuros e a pobreza em que nasceu o Filho de Deus, que permaneceu conosco em migalhas de pão. O estilo do Evangelho é aquele dos pequenos e dos pobres, livres da tentação do poder e da posse, feitos capazes de construir com paciência e juntamente com outros oásis de fraternidade e de esperança, nos quais aprender a escutar e a caminhar com muitos. Eis um percurso pascal para nós hoje, a fim de que o Evangelho, vivido como irmãos e irmãs, preencha este tempo devastado por tanta violência e desejoso de paz verdadeira.

Tudo isso se torna possível na medida em que reconhecemos que estamos vivendo em uma época em que é preciso caminhar como “buscadores espirituais”, que acreditam no Crucificado-Ressuscitado e iluminados pelo fogo da Páscoa nos caminhos do mundo.

Minhas saudações pascais se tornam, então, uma alegre oferta de alguns passos de vida:

- O deserto quaresmal nos convocou a lutar corpo a corpo com a Palavra de Deus, conosco mesmos e a nossa fome, com a vida de tantos esquecidos: prossigamos neste caminho de luz!

- A Páscoa rompe e supera o desencanto dos desiludidos: deixemo-la re-bentar nossos medos como promessa e início da paz verdadeira, também no tempo da guerra e de tantos “terremotos”!

- Deixemos nossas muitas zonas de conforto e, finalmente, tenhamos a cora-gem de perder a estabilidade indo ao encontro do outro, dos outros, para apre-nder a chorar e a sorrir nas ruas repletas de pessoas de todos os gêneros, reconhe-cendo nelas os traços do rosto do Vivente; usemos nos tornar mais “Ordem em saída”!

- Deixemo-nos ser enviados mais longe pelos anjos da manhã de Páscoa, para procurar o Cristo Ressuscitado entre os vivos e não entre os mortos: vamos anunciá-lo a todos no louvor e no convite à conversão!

Com a bênção de São Francisco, desejo de todo o coração a todas e todos uma Páscoa de vida, na e através da realidade da humanidade de hoje, da qual parti-cipam muitos entre nós, em diversas partes do mundo.



Vosso irmão e servo


Fr. Massimo Fusarelli ofm

Fr. Massimo Fusarelli, ofm
Ministro geral

Prot. 112054

TER O ESPÍRITO DO SENHOR EM TEMPO DE CRISE

Meus abençoados irmãos,
o Senhor lhes dê a paz!



A celebração do Centenário Franciscano da Regra e o Natal em Greccio nos recorda aqueles Capítulos de Pentecostes em que os irmãos se reuniam ao redor do irmão Francisco. Foi lá que a Regra foi tomando sua forma atual. Francisco falava frequentemente do Espírito Santo como o verdadeiro ministro Geral da Ordem, e ainda que a Regra já tivesse sido aprovada em 1223, sempre tinha presente a ideia de nela inserir uma frase que o declarasse explicitamente.¹ Escutemos o que o Espírito diz hoje à nossa família.

“Ter o Espírito do Senhor”, o coração da Regra

Para o Irmão Francisco, a Regra resume o estilo de vida segundo o Evangelho. O núcleo é “ter o Espírito do Senhor”², tema central na experiência de Francisco, motor do qual tudo ganha vida.

“A Regra e a vida dos Frades Menores é esta: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem nada próprio e em castidade”³. Esta inspiração evangélica da Regra é motivada pela ação do Espírito, evidente em todo o texto, em uma linguagem que é exortativa e jurídica. Desde o chamado de estar no mundo como mansos e artífices de paz⁴, à proibição de receber dinheiro para viver uma

1 Cf. 2Cel 193

2 Regra Bulada (= RB) 10, 8.

3 RB 1,1.

4 Cf. RB 3,11.

verdadeira insegurança evangélica⁵ como peregrinos e estrangeiros neste mundo⁶, à misericórdia recíproca quando os irmãos pecam⁷, até o envio em missão “por divina Inspiração”⁸.

Sabemos que Francisco percorreu um longo caminho para entregar a seus irmãos um texto que expunha a vida evangélica e dava estabilidade às Fraternidades. Quantas tentativas em nossa conturbada história de reduzir a Regra a uma série de preceitos ou a uma vaga inspiração! Continua a ser letra e vida, palavras escritas com simplicidade e pureza, que devem tratar de compreender e observar com santa operação⁹.

Acredito que hoje, paradoxalmente, temos a oportunidade de revitalizar o sentido da nossa forma de vida contida na Regra precisamente pelo contato com a situação mais geral de crise que estamos vivendo e que parece fazer pequena toda referência. A crise é social, eclesial, pessoal e também da Ordem. É uma mudança que não deixa nada como estava e nos obriga a reafirmar com a vida o que nos dá fundamento e o que nunca podemos tomar como certo ou adquirir de uma vez para sempre. Em uma sociedade onde é difícil entrar nas profundezas, “a crise serve, de certo modo, como um ariete para romper as portas daquelas fortalezas em que estamos fechados”¹⁰.

O profeta Elias atravessa uma crise

Refiro-me à história de Elias, que narra uma crise profunda: o ardente profeta, temeroso do poder humano, foge para o deserto para salvar sua vida. Ele se sente sozinho e pede a Deus que o deixe morrer.

Talvez nós também conheçamos esse instinto de fugir diante da complexidade dos tempos que vivemos e nossas diversas crises pessoais, fraternas e de missão.

Elias, precisamente na crise, é levado pela mão para a montanha, o lugar de encontro com Deus.

Deus transforma sua crise de fuga em um novo caminho de fé, como uma segunda chamada:

O Senhor lhe disse: “Saia e fique no alto da montanha, diante do Senhor, pois o Senhor vai passar”. Então aconteceu um furacão que de tão violento rachava as montanhas e quebrava as rochas diante do Senhor. No entanto, o Senhor não estava no furacão. Depois do furacão, houve um terremoto. O Senhor, porém, não

5 Cf. RB 4,1.

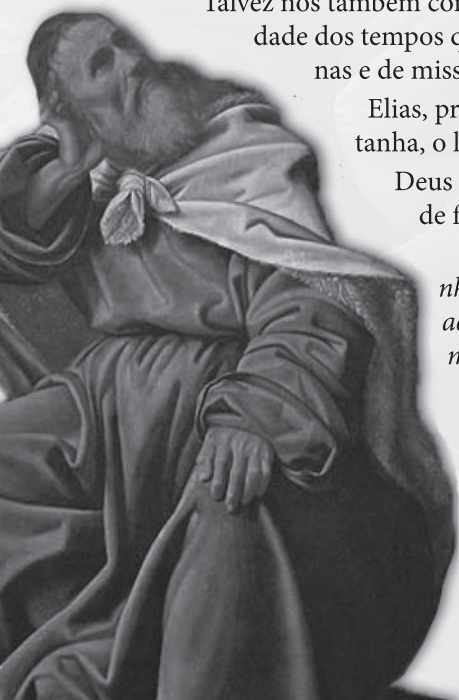
6 Cf. RB 6,2.

7 Cf. RB 7.

8 Cf. RB XII,1-2

9 Cf. Testamento, 39.

10 Ch. Singer, Du bon usage des crises, Paris: 1996, 41-42



*estava no terremoto. Depois do terremoto, apareceu fogo, e o Senhor não estava no fogo. Depois do fogo, ouviu-se uma brisa suave. Ouvindo-a, Elias cobriu o rosto com o manto, saiu e ficou na entrada da gruta. Ouviu, então, uma voz que lhe dizia: “O que é que você está fazendo aqui, Elias?” E Elias respondeu: “O zelo do Senhor dos exércitos me consome, porque os israelitas abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas a fio de espada. Sobrei somente eu, e eles querem me matar também”.*¹¹

A raiz da crise de Elias é a imagem de Deus que ele tinha, uma projeção de poder representada pelo terremoto, o furacão e o fogo, que no Sinai já haviam sido os sinais da presença divina para Moisés. Elias parece fechar-se simbolicamente na gruta, como se descesse ao abismo de seu desconcerto. Certamente, ele não havia previsto o que aconteceria na montanha. Aqui, o desanimado profeta se vê impedido a sair daquela gruta, daquele mundo, mesmo religioso, que lhe era familiar, para vivenciar um encontro inusitado. Finalmente pôde conhecer a face de Deus em silêncio e não na força. Assim descobre também uma nova face de si mesmo e sua missão.

Crise e sentido da nossa vocação

Em Elias vemos tanto o profeta valente quanto o temeroso, tanto o crente quanto aquele que duvida, tanto o solitário quanto o compassivo. Ele questiona a si mesmo e ao Senhor. Foge e logo refaz seus passos. Talvez nos surpreenda. No entanto, muitos de nós também vivemos o tempo de crise de diferentes maneiras, questionando-nos sobre o sentido do nosso modo de vida atual. Não tenhamos medo. Podemos passar por esta crise de maneiras diferentes em diferentes idades da vida, ao longo da qual cada um de nós reelabora o sentido da existência e a Regra de Vida que todos nós professamos. Dessa forma, a crise é um espaço vital, essencial para o crescimento. Não é um acidente desagradável, mas um momento de passagem necessário no futuro da pessoa. Faz parte desse caminho progressivo de humanização que é o único fruto verdadeiramente verificável da ação do Espírito em nós.

A crise conhece muitas faces: na juventude, o sentimento de frustração pela distância entre o ideal e a realidade. Na idade adulta, o trabalho para se tornar pessoas livres e mais unidas. Maturidade e velhice, momento propício para integrar o bem recebido com as inevitáveis experiências de amargura e derrota.

Outros, nas crises vividas em diferentes idades da vida, simplesmente caminham. As razões são diferentes. Parece que nos acostumamos a que os irmãos, inclusive poucos meses depois da profissão solene, partam. Uns partem e outros ficam. Onde estou?

O segundo chamado com o Irmão Francisco

Da mesma forma que recordamos a Regra, pacto da aliança e medula do Evange-

¹¹ 1Rs 19,11-15.

lho, podemos retomá-la como bússola para nos guiar em um tempo de crise e, no entanto, sempre bendito! Não podemos deixar de assumi-lo com as suas contradições, também presente entre nós. Não podemos nos refugiar em recintos protegidos que nos isolam da crise que a pessoa humana vive hoje. Não há fórmulas que nos protejam das dificuldades nem que nos deem a solução para tudo.

“Ter o Espírito do Senhor” é a bússola que a Regra nos oferece na crise que hoje afeta a todos: Porventura, escutar sua inspiração não significa determo-nos, verificarmos em profundidade e responder ao chamado a um novo encontro com o Deus vivo, que na história de Elias temos recordado?

Finalmente, entregar-se a Ele é o espaço para uma segunda chamada. Aqui o Senhor nos chama de novo a “estar com ele e ir pregar”¹², mesmo através de uma passagem de expropriação com a qual não contávamos, que quebra nossos esquemas e nos coloca de novo no caminho, sem tirar nada da nossa vida, mas dando-nos uma dimensão mais humana. Deixar para trás o que nos apropriamos, algo ou alguém, é uma poda dolorosa: é possível se houver um encontro pessoal de amor, que permita que a vida volte a fluir em nós e ao nosso redor. Sem mística não há regra que valha a pena.

Em vez disso, contentar-se com vidas, muitas vezes vividas lentamente, nos fere, nos rouba a alegria e paralisa o crescimento de uma experiência espiritual saudável. Isso, de fato, não diminui, mas faz florescer em nós o que é genuinamente humano, seguindo os passos de Cristo, pobre e crucificado. Quem o segue, o homem perfeito, torna-se mais homem¹³, capaz de relacionamentos e de dar a vida por amor.

A bússola que a Regra nos dá é então uma fé viva que toca não só a ortodoxia (ideias e doutrina), nem só a ortopraxis (conduta, moral), mas antes à ortopatía, ao coração para um encontro com o Senhor da vida que transforma nossa humanidade¹⁴.

São Francisco experimentou esse segundo chamado nos anos que antecederam a Fonte Colombo para a redação final da Regra. Mesmo na dolorosa crise com a mudança de fraternidade, o Irmão Francisco continuou buscando o seu Senhor em muitas grutas, entre as quais a de Greccio. Aqui, o Poverello quis “celebrar a memória do Menino que nasceu em Belém e contemplar de alguma forma com os próprios olhos o que sofreu em sua fragilidade quando criança, como foi reclinado na manjedoura e como foi colocado no feno entre o boi e o asno”¹⁵. Após o esforço de escrever a Regra, Francisco parece se entregar a uma pausa contemplativa. Quer deixar-se tocar por Deus na sua sensibilidade tão humana, até o ponto de se deixar ferir indelevelmente no Alverne. Aqui compartilha a dor do Senhor Jesus, passo

12 Cf. Mc 3,14.

13 Cf. Gaudium et spes, 41.

14 Cf. Lc 24,32.

15 1Cel 84.

necessário para “amar os seus até ao extremo”¹⁶, deixando-se transformar no Amado, no topo do seu caminho.

A revisão da nossa Regra ajuda-nos a orientar-nos neste abençoado tempo de crise, em contato com o que é verdadeiramente essencial em nossas vidas e nos livrar do supérfluo.

Conclusão

Que o Pentecostes deste ano, oitavo centenário da Regra e do Natal de Greccio, seja uma vibrante epiclese em toda a Ordem, para que nos despertemos de nossa letargia, redescubramo-nos o calor e a beleza da nossa relação com Deus, com os irmãos, com os pequeninos e os pobres, e com as criaturas. Não nos cansemos de renovar o grande sim de fé e vocação, que é o assentimento de nossa humanidade seguindo Jesus. Nossa Fraternidade está presente em continentes, culturas e sensibilidades muito diferentes. Que cada um de nós procure se perguntar neste ano: o que significa para nós, onde vivemos hoje, renovar a aliança da vida evangélica? Por isso, rezemos juntos:

Vinde Espírito Santo, sobre esta pequena cidade de irmãos e menores, acendei de novo em nós, com a chama do vosso amor, o vigor da fé, da esperança e da caridade, com todas as santas virtudes.

Acende em nós o encanto da aliança e da amizade com o Senhor e com todas as suas criaturas. Tu que és a pomba da paz, dá-nos a alegria de viver hoje o Evangelho como pobres, sujeitos a todas as criaturas, desarmados da pretensão de poder, livres para amar.

Santa Maria, Virgem feita Igreja, acompanhai-nos neste caminho, Vós que fizestes o Senhor da Majestade nosso irmão.¹⁷

São Francisco, lembra-te de nós, teus irmãos, tantas vezes aflitos pela perda da memória da beleza da nossa vocação, e ajuda-nos a renová-la, pelo bem do mundo que tanto ama. Amém.

Desejo a todos um luminoso Pentecostes, meus irmãos, com a suave vitalidade do Espírito Santo, Ministro Geral da Ordem, e o meu abraço fraterno como Ministro e servidor.

Cúria Geral da Ordem, Roma, 13 de maio de 2023



Fr. Massimo Fusarelli of

Frei Massimo Fusarelli
Ministro geral

Prot. 112183/MG-15

¹⁶ Jo 13,1.

¹⁷ Cf. 2Cel 198.

NOVAS FORMAS E A NOVIDADE DA FORMA DE VIDA ABRAÇADA POR FRANCISCO



A memória do caminho percorrido pela Ordem na América Latina até a atualidade, especialmente após o Concílio Vaticano II, e as provocações que a realidade atual apresenta aos franciscanos no Continente ocuparam a atenção dos participantes do Encontro “Novas formas de presença, vida e evangelização hoje na América Latina”, aberto na segunda-feira, 26 de junho, na Casa de Retiro São Francisco Solano, em Lima, Peru. Na missa de abertura, o presidente da celebração, Frei Nelson Tovar, Ministro Provincial da Província Franciscana de São Paulo Após-

tolo, da Colômbia, destacou a coragem e a ousadia de Abraão diante do convite que o Senhor lhe fez, conforme a primeira leitura do dia (Gn 12,1-9). “Também somos chamados a deixar nossas garantias, com os riscos que esta escolha traz consigo, para nos aprofundar em nossa missão evangelizadora diante das exigências de hoje”, recordou Frei Nelson.

Nas palavras iniciais, o Presidente da UCLAF, Frei Daniel Fleitas, agradeceu a presença de todos e a acolhida por parte da Província São Francisco Solano, do Peru, e também apresentou uma série de provocações à presença dos frades na América Latina, recordando a importância do cultivo de um testemunho radical do Evangelho, marcado pela profecia e pela ousadia.

Nessa direção, de acordo com Frei Daniel, as entidades e fraternidades são convocadas a aprofundar e qualificar a missão evangelizadora, colocando-se com humildade à escuta do Evangelho e do povo. “Que Ordem sonhamos para a América Latina?”, questionou Frei Daniel, apresentando, em seguida, uma pista para a resposta: “Uma Ordem que busque a proximidade aos pequenos (pobres, migran-

tes), aqueles que estão nas periferias, muitas vezes distantes das igrejas, todos são nossos irmãos”, recordou. Ao concluir suas palavras, Frei Daniel também partilhou suas expectativas em relação ao encontro que se iniciava: “Estamos reunidos para um exercício sinodal de escuta, reflexão, intuição e projeção”.

Objetivos e metodologia

Também desejando boas-vindas aos participantes, o Secretário Geral para a Missão e a Evangelização, Frei Francisco Gómez, destacou algumas preocupações centrais que devem ser levadas em conta quando se reflete sobre o tema das novas formas de Evangelização. Lembrou que o grande desafio é o de reforçar a compreensão de que as novas formas privilegiam a constituição de fraternidades inseridas em meios populares, partilhando a vida do povo simples, e que sejam fraternidades de vida e evangelização hoje, atentas aos desafios do tempo atual.

Frei Francisco ainda aproveitou a ocasião para reforçar os objetivos e a metodologia do encontro:

- Objetivo geral: Atualizar e revitalizar nossa forma de vida e evangelização como irmãos

menores, para continuar o caminho de discernimento e optar criativamente por fraternidades de vida e de Evangelização, hoje, na América Latina, com a graça do Espírito Santo e em escuta sinodal.

- Objetivos específicos e campos metodológicos: 1) PERCEBER (marco da realidade): Narrar o que existe de experiências em fraternidades presentes entre comunidades vulneráveis e escutar o que o Espírito do Ressuscitado suscitou e segue suscitando entre nós e conosco; 2) ANALISAR (marco teórico): Refletir, assimilar e atualizar os elementos franciscanos do documento *Ite, nuntiate*; 3. PLANEJAR (campo de ação): Decidir que processo podemos assumir como novas formas de vida e evangelização na América Latina e definir linhas de vida e ação para essas presenças.

Frei Guido Zegarra: “O contexto histórico é essencial para a experiência da Vida Religiosa, para a encarnação do Carisma”

Na perspectiva de apresentar um percurso de memória histórica da Ordem na América Latina, com ênfase no pós-Vaticano II,

Frei Guido Zegarra, da Província dos Doze Apóstolos, do Peru, iniciou sua apresentação destacando as principais transformações que as propostas do Concílio trouxeram para a Vida Consagrada e, conseqüentemente, para a Vida Franciscana. Destacou o quanto as provocações conciliares, assumidas pela Conferência de Medellín, puderam orientar um reposicionamento da Vida Religiosa no Continente: “A Vida Religiosa tomará consciência do seu ser profético e das exigências que isso comporta num continente marcado pela pobreza e pela injustiça social”. Recordou ainda que o Documento Final de Medellín estimulou a Vida Religiosa a constituir entre seus membros pequenas comunidades encarnadas nos ambientes pobres. Ademais, que essas presenças fossem verdadeiramente lugares de diálogo comunitário, de oração com o povo e de experiência das dores vividas pelos pobres.

A caminhada da Missão Profético-Franciscana na América Latina também foi abordada pelo palestrante, que chamou a atenção para a sintonia entre a caminhada da Igreja e da Ordem no amadurecimento das opções decorrentes do compromisso

evangélico assumido em solo latino-americano. Com o objetivo de ilustrar tal sintonia, citou as provocações do Documento Final do Conselho Plenário da Ordem, celebrado em Salvador, na Bahia, Brasil, em 1983: “O Evangelho nos desafia”. Definiu esse período como “tempo de esperança que aviva o coração da Ordem na América Latina, marcando um novo período de presença e testemunho Franciscanos, ratificando e evidenciando que a opção preferencial pelos pobres atravessasse nossas estruturas e prioridades pastorais”, ressaltou. Também acentuou o chamado à construção de fraternidades mais missionárias, sem se deixar aprisionar pelo peso das estruturas.

Percorrendo os temas e provocações da UCLAF nas Assembleias realizadas em seus 56 anos de fundação, procurou sintetizar o grande desafio que a caminhada desse organismo apresenta à Missão Evangelizadora da Ordem no Continente, em consonância com o apelo do Papa Francisco em direção a uma “Igreja em saída”: “Capazes de reconhecer a centralidade dos problemas e desafios sociais, culturais, políticos e econômicos como estímulos à reflexão teológica e forjar uma espiritualidade continental, a revisão das estruturas internas de nossas entidades teve de ser feita, aliás, para atender às demandas concretas. Nesta linha, reconhece-se a exigência do Papa Francisco de ser



uma Igreja em saída, capaz de se tornar um hospital de campanha, com feridas e sofrimentos, e não brilhante, imaculada e alheia à realidade. Por isso, fazer memória é hoje uma exigência da Ordem”.

Frei Massimo Fusarelli: “As novas formas são, simplesmente, a forma de vida evangélica que Francisco recebeu como vocação para si e seus irmãos”

Falando por videoconferência direto da Califórnia, Estados Unidos, onde está em visita, o Ministro Geral, Frei Massimo Fusarelli, encorajou os participantes a trazerem o Dom da Fraternidade e a vida de fé para o centro de seus trabalhos e reflexões nestes dias. Atento ao risco de pensar a partir de uma separação entre fé e vida, convocou os frades a “manter unidas a fé e a vida, a aprender a ler com fé a realidade da vida das pessoas de hoje e do mundo”.

Para encerrar sua exortação, o Ministro Geral explicou que a proposta de abraçar novas formas “trata-se precisamente de viver segundo os fundamentos da nossa vocação e, a partir daí, fazer escolhas concretas que



tenham impacto”. Aproveitou para recordar, também, que a retomada dessa discussão tem como objetivo “reavivar a paixão pela vida franciscana através de lugares onde podemos viver segundo a Regra e encontrar sobretudo os pobres, os migrantes, os excluídos do sistema em que vivemos e compartilharmos um trecho de vida com eles”. Ao final, manifestou as boas expectativas em relação ao encontro da UCLAF: “Espero que, na América Latina, onde essas fraternidades têm uma longa história e um grande impulso, esta pequena chama da vida franciscana possa ser reavivada e expressa em novas formas, que na verdade são antigas, é simplesmente a vida segundo o Evangelho que Francisco recebeu como vocação própria e de seus irmãos”.



Frei César Külkamp e o caminho da UCLAF nos últimos anos

O Definidor Geral para a América Latina, Frei César Külkamp, encerrou o ciclo de apresentações da parte da manhã trazendo alguns aspectos importantes da caminhada da UCLAF nos últimos anos. Iniciou recordando que, “segundo os próprios estatutos, a UCLAF é uma organização intermediária para a animação da Ordem dos Frades Menores e que tem, entre suas finalidades, o estudo das necessidades e problemas mais urgentes da América Latina e do Caribe, que afetam a vida e as atividades da OFM e do Povo de Deus, para melhor responder a eles a partir do próprio caris-

ma. Além de promover a troca de experiências e o desenvolvimento de projetos e iniciativas com vistas a uma nova evangelização”.

Na sequência, Frei César apresentou uma síntese da realidade da Ordem na América Latina a partir das conclusões das Assembleias da UCLAF de 2020 e 2023. Percebeu-se que as entidades têm realizado um esforço de buscar novas formas de evangelização que possam responder aos novos desafios da realidade eclesial, social, política e econômica, partindo da identidade do carisma. Tal empenho, no entanto, não as impede de reconhecer as diversas dificuldades encontradas, entre elas o fenômeno da secularização, a crise existencial, a manutenção

das grandes obras e estruturas e a diminuição numérica.

Destacou, ainda, que, no horizonte da reflexão, existem alguns temas recorrentes, entre eles a inserção entre os pobres e marginalizados, a defesa dos direitos humanos e da dignidade, o cuidado com a Casa Comum e a presença Franciscana na Amazônia. Na lista dos desafios, Frei César destacou os seguintes:

- A convocação à mudança em direção a uma “Ordem em saída”, passando de uma pastoral de conservação a uma pastoral de conversão, da preocupação em relação ao “que fazemos” para a atenção ao “como o fazemos”, sem nos submetermos passivamente ao futuro.

- Nossa identidade: todos somos irmãos, como apelo para vencermos o clericalismo, o individualismo, olhando com atenção para a Formação Inicial e Permanente e trabalhando em conjunto com os leigos.

- A convocação dos pobres, levando-nos a uma ação sociopolítica embasada no Evangelho. A parte da tarde foi dedicada à apresentação individual de cada entidade a partir do tema das Novas formas de Vida e Evangelização. Tiveram oportunidade

de apresentar seus trabalhos e desafios as entidades da Conferência do Brasil e Cone Sul e duas entidades da Conferência Nossa Senhora de Guadalupe. Nesta terça, dia 27, o encontro segue com a continuação das apresentações, contemplando também a Conferência Bolivariana.

Crônica – Segundo dia

Na celebração eucarística, Frei Ricardo Roque, da Província São Felipe de Jesus (México), exortou-nos a continuar apostando no diálogo fraterno, no discernimento e na realização dos projetos de evangelização de cada fraternidade local, cuidando para que cada passo não caia no individualismo ou no isolamento. A sessão da manhã continuou com a partilha das entidades da Conferência de Nossa Senhora de Guadalupe, bem como da Conferência Bolivariana, expondo os trabalhos, projetos e situação atual de sua missão evangelizadora.

À tarde, o programa prosseguiu dando voz a Frei Johannes Freyer, da equipe da Missão Central Franciscana em Bonn – Alemanha –, que nos apresentou o tema “Reflexão e atualização

franciscana do Documento *Ite, nunciate*”.

“Reflexão e atualização franciscana de *Ite, nuntiada*”. Responsável: Fr. Johannes Freyer – Missão Franciscana Central, Bonn – Alemanha.

O referido documento, publicado em 2014 e revisado em 2017, trata das orientações sobre as novas formas de vida e missão na Ordem dos Frades Menores. Frei Johannes destacou que o objetivo do documento é “estimular a reflexão” e uma das etapas é a “troca de experiências”, como foi feito nesse encontro. Na sua estrutura, o documento oferece uma motivação, uma identidade comum, diferentes tipologias, uma parte integrante da Província, critérios para introdução, acompanhamento e avaliação das novas formas de vida e missão.

São Francisco não quis viver o Evangelho de maneira tradicional, mas quis pôr em prática um novo estilo de vida. São Francisco diz a seus irmãos: “Meus irmãos, Deus me chamou para trilhar o caminho da simplicidade. Não quero que me mencione nenhuma regra, nem a de San Agustín, nem a de San Bernardo,

nem a de San Benito” (LP 18). O caráter missionário de seu novo estilo de vida é fundamental.

Por outro lado, nosso irmão palestrante mencionou que o novo não está em oposição ao tradicional, mas que eles estão em uma relação de complementaridade. O novo combina “memória e profecia”. Como frades menores, temos uma tarefa profética específica: ser instrumentos de justiça e de paz. Por se tornar um artesão da paz, Frei Johannes se referiu a Francisco como “o homem do futuro”.

O palestrante provocou reflexão ao compartilhar que “a virtude profética das novas formas é a simplicidade”. Um ministério de simplicidade e restituição “favorece a transparência das novas formas do Evangelho”.

Deve-se falar também – afirmou Frei Johannes – dos obstáculos que impedem a plena realização de projetos ou novas formas de evangelização: uma motivação muito idealista ou ideológica, a dificuldade de manter uma sã tensão entre oração e vida fraterna com trabalho, tendência ou de se voltar ao passado em formas de arqueologias autorreferenciais, ou de cair em aberturas irrefletidas a ponto de desproteger as raízes cristãs.



Frei Johannes apresentou uma síntese de elementos que devem ser sempre levados em conta: o primado de uma vida de oração e devoção; autênticas relações fraternas; estilo de vida simples e sóbrio; partilhar a vida com as pessoas, especialmente com os mais pobres; trabalhar em comunhão com a Igreja local; disponibilidade para a missão compartilhada com os leigos; desejo de internacionalidade.

Nosso irmão concluiu sua apresentação mencionando alguns critérios para a avaliação das novas formas: vida de fraternidade e minoridade, visão universal, complementaridade entre memória e profecia, vida e ministério pastoral de simplicidade, sendo transparência do Evangelho.

Ao final da apresentação, foram levantados inúmeros comentá-

rios e perguntas que enriqueceram a reflexão comunitária: a relevância de estimular a formação inicial e permanente com este documento; a importância da conversão à simplicidade diante do clericalismo; não temer o conceito de separação; o desafio da interculturalidade, entre outros temas.

Após um breve intervalo, continuamos com a vez de Dom Carlos Castillo, Arcebispo de Lima, que apresentou seu trabalho intitulado “A Igreja e a opção pelos pobres hoje na América Latina”.

“A Igreja e a opção pelos pobres hoje na América Latina”. Responsável: Dom Carlos Castillo, Arcebispo de Lima.

Frei Guido Zegarra, da Província dos XII Apóstolos do Peru,

fez uma breve apresentação do Bispo D. Carlos.

Dom Carlos decidiu estruturar sua apresentação em dois pontos: o primeiro, a situação do mundo dos pobres hoje, na América Latina, e o segundo, aprofundar nas experiências e caminhos que já estamos realizando em nossa missão evangelizadora, e isso num mundo desafiador.

Seguindo o Papa Francisco, Dom Carlos afirmou hoje um princípio pastoral indispensável, ou seja: partir da experiência das pessoas, especialmente dos mais pobres.

Hoje, a América Latina é uma sociedade de sobrevivência diante de um mundo cujo eixo é o hiperdesenvolvimento capitalista e também o hiperdesenvolvimento liberal. As formas atuais de

pobreza são o resultado de ter vivido a ilusão de um desenvolvimento ilimitado, com base no mundo do *business* (negócio): produzir e consumir. Isso tem levado a um processo degenerativo e destrutivo dos pobres. É um mundo, ao mesmo tempo, incapaz de dar soluções. Da mesma forma, uma Igreja que não sabe o que fazer com os pobres.

Diante dessa situação, Dom Carlos afirmou que a pastoral da Igreja deve acompanhar os processos das pessoas, aprender a ouvi-las, porém a tentação do conforto, de servir ao dinheiro em vez de a Deus e preferir mandar a ouvir, tem causado a perda gradual do espírito missionário. Ele continuou dizendo: “É preciso mergulhar vocacionalmente. É necessário um processo de geminação ascendente; encontrar pontos de unidade. Para renovar a Igreja e as suas formas, é preciso fazer experiência com os pobres, tornar-se irmãos com eles. Tanto a encíclica *Fratelli Tutti* quanto a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* oferecem orientações pertinentes a esse respeito, segundo Dom Carlos.

No momento final de sua apresentação, apontou, sem de-



envolver, alguns princípios do Papa Francisco que deveriam ser aplicados à pastoral da Igreja, por exemplo: o todo é maior que a parte; o tempo é maior que o espaço; a realidade é maior que a ideia. Finalizou dizendo que, hoje, tudo é cálculo, e precisamos saber o que é de graça.

Após o jantar, nossos irmãos anfitriões da Província Missionária de São Francisco Solano, do Peru, gentilmente nos ofereceram uma visita guiada ao Convento de São Francisco e Museu das Catacumbas, no centro histórico de Lima.

CONCLUSÕES

1. As novas formas são experiências originárias que buscam retornar à essência do que Francisco viveu, oferecendo respostas aos desafios atuais, a partir de um exercício atento de escuta dos apelos da realidade. É importante considerar a mudança de época que vivemos, pensando numa ação e presença que ressoe no coração das pessoas. Vivemos uma crise civilizatória, em muitos aspectos, e temos muitas provocações: protagonismo dos leigos, especialmente das mulheres, profundas transformações no mundo do trabalho, tornando-o mais excludente,



destruição da casa comum, desigualdades, guerras, discurso de ódio, crise de sentido etc. Devemos nos perguntar: “Como e onde as pessoas buscam a Deus hoje e onde nos posicionamos diante dessas preocupações?”.

2. “Eu vim para que tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). A vida de muitas pessoas não é de boa qualidade. Temos o compromisso de acompanhá-las na luta para que tenham uma vida digna. Somos poucos, mas, onde estamos, podemos fazer a diferença. Precisamos ser criativos, buscando estar no meio dos pobres. São muitos os documentos, tanto eclesiais como franciscanos. É fundamental recuperar a nossa identidade de Irmãos e Menores. Seja claro sobre o processo de



conversão, para anunciar Deus e não a si mesmo. Recuperar o sentido kenótico da nossa vocação. O evangelho nos provoca a fazer escolhas, não podemos nos distrair. A conversão à simplicidade e a ser profetas da paz é um chamado urgente e indispensável para continuar vivendo fiel e autenticamente o carisma franciscano.

3. A personalização dos projetos é um obstáculo ao desenvolvimento e continuidade de novas iniciativas. É importante manter um equilíbrio entre cuidar das estruturas e seguir intuições e propostas emergentes. A formação permanente e a abertura ao diálogo com os leigos podem ser recursos valiosos nesse processo. Da mesma forma, fazer uma crítica construtiva e esperançosa para reconfigurar a formação ini-

cial e permanente, uma formação capaz de formar no coração, na mente, nas mãos e nos pés dos frades uma verdadeira e profunda identidade franciscana, que saiba olhar para o mundo e habitá-lo profeticamente.

4. O objetivo primordial é trabalhar pela dignidade e vida abundante das pessoas, especialmente daquelas que vivem em condições de pobreza. Isso requer criatividade, escolhas claras e uma atitude de sair constantemente do conforto. É necessário passar de uma pastoral de conservação para uma pastoral de conversão; promover a sinodalidade e o diálogo ativo com os frades e a comunidade em geral.

5. Os compromissos assumidos devem transcender o âmbito pessoal e ser avaliados pelos

Ministros provinciais para terem um impacto real. Além disso, é fundamental que a fraternidade apoie os irmãos que buscam e desenvolvem novos caminhos e projetos.

6. Linhas de ação:

- Divulgar o projeto Amazônia para entidades de outras partes do mundo.
- Formarmo-nos para habitar o continente digital de maneira franciscana.
- Que a formação dos irmãos que integram os projetos de missão e evangelização seja realizada no local a que serão destinados.
- Animar e promover as opções e indicações deste encontro e também dos congressos anteriores.



7. Sim, mas a animação ficaria a cargo dos Secretários de Evangelização e Missão em nível Geral, de cada Conferência e de cada entidade. Poderia constituir-se uma equipe para promover o legado deste encontro e dos anteriores, na perspectiva de novas formas de presença, vida e evangelização.

Quais seriam as tarefas da equipe de animação? Desenhar e enfrentar as ideias apresentadas, oferecendo à UCLAF uma proposta clara e exequível, com objetivos, responsáveis e prazos de cumprimento. É fundamental que haja clareza na adesão dos Ministros Provinciais ao referido. Por outro lado, nos sentimentos e opiniões dos grupos, considera-se que não é necessário constituir tal comissão, pois corre-se o risco de aumentar a burocratização. Considera-se que a falta de estruturas não é o problema. Esse serviço poderia ser confiado aos Secretários de Evangelização e Missão de cada Conferência.

8. É fundamental a participação dos leigos, não só nos Congressos e Reuniões, mas também como agentes ordinários e protagonistas da nossa missão evangelizadora em todas as presenças.



VIDA DA PROVÍNCIA



FREI XICO MORRE AOS 82 ANOS EM BELO HORIZONTE



Frei Francisco van der Poel, no dia 14 de janeiro, realizou a sua Páscoa! Um homem amante da religiosidade popular! Dedicou-se longos anos de sua vida pesquisando e registrando as rezas, os benditos, os remédios, as histórias do povo do Vale do Jequitinhonha (MG). Seus lábios se enchiam de palavras alegres e ternas quando falava da cultura do povo. Ele foi o “começo do princípio do início de alguma coisa”.

No dia 3 de agosto de 1940, na cidade de Zoeterwoude (Diocese de Rotterdam), Holanda, nasceu o menino Franciscus Henricus van der Poel, o nosso conhecido Frei Xico. Filho de Christina Hendrica Boks e Petrus Hubertus van der Poel, entrou para a vida franciscana em 7 de setembro de 1960, quando ingressou no Noviciado. Sua primeira profissão ocorreu no dia 8 de novembro de 1961, e a Profissão Solene, no dia 8 de setembro de 1964. Sua Ordenação Presbiteral se deu no dia 14 de julho de 1967, ano em que passou a residir no Brasil.

O começo do princípio se deu lá na cidade de Araçuaí, no Vale do Jequitinhonha (MG), em 1968, onde exerceu os primeiros anos de padre e se deu o início de uma paixão: a religiosidade popular. No início, um pouco resistente, mas com a força do Espírito foi se abrindo a um novo mundo, como ele mesmo já disse: “a cultura popular não costuma separar vida e religião. Tudo é feito com a fé num Deus vivo e presente. O povo que recebe graça da revelação tem autonomia para responder e criar formas de culto. Em rituais e orações faladas ou cantadas, é essencial a ‘linguagem do encontrar’, expressão de uma grande fé

nos mistérios da revelação, da aliança e da encarnação”. Ali, ele conheceu uma grande irmã, amiga e companheira de caminhada: Maria Lira Marques. Ela foi parceira e o acompanhou em toda sua vida dedicada à religiosidade popular. Residiu em Araçuaí até o ano de 1978. Foram dez anos de muito aprendizado.

Ele se empenhou incansavelmente no resgate de cantigas das lavadeiras, nas rezas de benzedeiras e tantas outras manifestações da cultura e religiosidade que corriam o risco de se perder, graças aos avanços da modernidade. Fundou, assim, o coral Trovadores do Vale, cujo repertório é dedicado basicamente às cantigas populares. Seu aprendizado não se encerrou ali, ele só foi o princípio de alguma coisa: a religiosidade popular.

A partir de 1978 até o ano de 1985, ele residiu na Fraternidade Santa Maria dos Anjos, em Betim (MG). Ali ele passou a mergulhar nas águas mais profundas da religiosidade popular, ele mesmo dizia: “estudei e viajei, comparei festas e romarias, visitei terreiros, naveguei pelo rio São Francisco, caminhei pelo Nordeste”. Isso foi só o começo de longos anos de estudo sobre o



povo pobre e simples, com suas alegrias e tristezas, com suas esperanças e angústias, com o seu modo de viver e rezar.

No ano de 1985, passou a residir na Colônia Santa Isabel, em Betim (MG). No meio dos hansenianos, ele começou o princípio do seu maior sonho: um dicionário da religiosidade popular, obra construída com labor e simplicidade, tecida com diversas mãos, pois não faltaram amigos e colaboradores nessa empreitada, cuja publicação se deu em 2013. Ali, também, organizou e regeu o Coral Tangarás de Santa Isabel, que, além de cantar em celebrações litúrgicas, tinha um repertório variado. Realizou diversas

apresentações em programas de TV e gravou CDs. O Coral foi muito bem acolhido pelo meio musical.

Em sua trajetória, Frei Xico vivenciou histórias de superação do sofrimento humano por meio do canto e da arte. Na escrita e na arte, fora um verdadeiro amante do “pensamento redondo”, dispensando o linear. Não foram, somente, quarenta anos de pesquisa e escrita, mas uma vida dedicada à história sagrada do povo.

De 2001 a 2013, residiu na Fraternidade Rivotorto, em Ribeirão das Neves (MG). Depois, na Fraternidade Santa Maria dos Anjos, em Betim (MG); e, por fim,

na Fraternidade São Francisco das Chagas, Carlos Prates, em Belo Horizonte (MG).

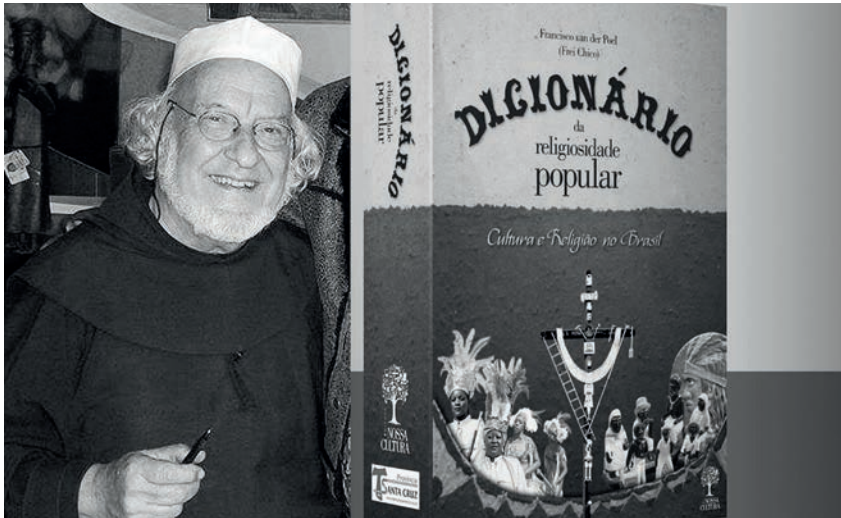
Em sua história de vida, Francisco van der Poel tornou-se membro do Conselho do Centro da Memória da Medicina, na UFMG; membro do corpo docente do Instituto Santo Tomás de Aquino; membro da Comissão Mineira do Folclore; Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; membro da Ordem dos Músicos do Brasil; e Palhaço do Teatro Terceira Margem (Belo Horizonte).

Suas principais publicações são: *Deus vos salve, casa santa* (Estudos da CNBB), *Abra a porta* (1979), obra em cuja elaboração auxiliou; *Com Deus me deito,*

com Deus me levanto (2018) e o *Dicionário da religiosidade popular, cultura e religião no Brasil* (Nossa Cultura, 2013).

Para além delas, redigiu artigos para diversas revistas e participou de conferências em diversos institutos do Brasil. Por fim, o seu maior desejo era escrever um último livro, reunindo as histórias sagradas do povo, mote de narrativas bíblicas populares. Infelizmente, sua saúde não mais o permitiu. Esse seria mais um presente de gratidão que gostaria de ter dado ao povo que tanto o ensinou que “o pouco com Deus é muito”.

Sua personalidade foi a de um apaixonado, convencido da importância daquilo que fazia.





Frei Xico nunca passava despercebido: onde chegava se fazia logo notar com seu violão, seu assovio imitando passarinhos, seu palhacinho dependurado na cintura, seus versos bem-humorados, seu nariz de palhaço e muita, muita prosa.

Seus últimos dias se deram no Hospital Madre Teresa, em Belo Horizonte (MG). Após passar mal, no dia 2 de janeiro, na Fraternidade São Francisco das Chagas, Carlos Prates, Belo Horizonte, foi encaminhado ao hospital, onde, primeiramente, foi diagnosticado com gastroenterite e disfunção renal. Na tarde de domingo, foi acometido de uma parada cardiorrespiratória. A equipe médica realizou as manobras de reanimação, ten-

do um retorno após quarenta minutos, o que ocasionou um quadro de Encefalopatia Anóxica, ocasionando graves danos neurológicos irreversíveis. Para além, foi coletado o líquido cerebrospinal (líquor) que o diagnosticou com infecção do SNC.

A Província Santa Cruz e a Equipe do Hospital do Madre Teresa, durante esses dias, se dedicaram intensivamente ao cuidado e à busca da recuperação da saúde de Frei Francisco van der Poel. Familiares e amigos se uniram em oração, até que, no dia 14 de janeiro, o Senhor o chamou para Si. Foram momentos que nos fizeram compreender o que esse nosso irmão sempre dizia: “Começo do princípio do início de alguma coisa...”

Ele mesmo conclui: “Finalmente, mesmo estando no começo do princípio do início de alguma coisa, nunca desanimei, pois aprendi com os pobres deste país que O POUCO COM DEUS É MUITO”.

Frei Francisco van der Poel

03/08/1940

14/01/2023

Frei Xico é sepultado em Araçuaí

Após a missa de exéquias, no domingo, dia 15 de janeiro, o corpo de Frei Francisco van der Poel seguiu para Araçuaí, no nordeste de Minas, para receber novas homenagens e ser ali sepultado.

O corpo chegou no início da manhã. Às 8 horas, houve uma primeira missa. Ao longo do dia, diversos grupos religiosos, sobretudo Congadeiros e de tradições indígenas, apresentaram-se.

Muitos antigos amigos de Frei Xico se fizeram presentes, relembrando os bons tempos de

sua presença naquelas terras, presença essa que rendeu uma amizade alimentada ao longo de todos esses anos, afinal Frei Xico sempre se fez presente nas festividades de Nossa Senhora do Rosário e em outras ocasiões festivas importantes.

Às 18 horas, houve outra missa, a qual contou com a presença de padres da diocese de Araçuaí e frades de Belo Horizonte e Salinas.

O corpo de Frei Xico foi levado ao cemitério sob os tambores da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e depositado no túmulo onde, no passado, foi sepultado Frei Rogato Hoogma (1967).

Dentre tantos depoimentos a respeito da importância de Frei Xico para aquelas terras, houve quem destacasse que o frade não só aprendeu com aquela gente, mas também a ensinou a valorizar a cultura e a religiosidade local, despertando a admiração e reverência por aquilo que já tinha, mas que corria o risco de se perder com o tempo, não fosse o trabalho apaixonado de Frei Xico.

FREI HIGOR E FREI IVAN PROFESSAM OS VOTOS SOLENES



"A Regra e Vida dos Frades Menores é esta: observar o Santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, sem propriedade e em castidade." (RB I)

Em 2 de fevereiro, Dia da Festa da Apresentação do Senhor e da Vida Religiosa Consagrada, a Província Santa Cruz acolheu os votos solenes de Frei Higor Ferreira de Oliveira e Frei Ivan Zacarias Rodrigues.

A Celebração Eucarística ocorreu na Igreja São Francisco das Chagas, sob a presidência do Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza. Estiveram presentes frades de

diversas fraternidades da Província Santa Cruz, paroquianos, bem como familiares e amigos de Frei Higor e Frei Ivan.

Durante a celebração, os frades de Profissão Solene tiveram a oportunidade de renovar os votos por ocasião das festividades do 8º Centenário da Regra Bulada (1223).

O dia 2 de fevereiro é, para os frades da Província Santa Cruz, um marco na caminhada vocacional. Nesse dia, grande parte dos frades emitiu os votos solenes na Ordem dos Frades Menores.

Ao final da celebração, Frei Bruno Rocha Pereira Laviola foi enviado para a missão junto ao povo Munduruku (PA).

O Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza, em sua homilia, refletiu sobre seis elementos centrais na vida franciscana e presentes na Regra Bulada:

- A vida evangélica: ponto central da regra, o modo de vida do Frade Menor é marcado pelo Evangelho.

- A vida de oração: Francisco de Assis foi um homem marcado pela oração; assim, os frades devem buscar manter uma vida de oração pessoal e fraterna.

- A vida fraterna: somos irmãos entre irmãos; deve-se buscar o respeito mútuo e com todas as criaturas.

- Serviço: a vida franciscana é marcada por relações que devem ser pautadas pelo serviço, buscando caminhar juntos e superando relações de poder que subjagam.

- Vida de pobreza e desapego: os frades são chamados a não ter nada de próprio, buscando uma vida sóbria e simples, sem acúmulo de bens.

- Vida missionária: a vida do frade menor é caracterizada pela missão, sendo sempre chamado a evangelizar pelo testemunho de vida.

“Consideremos, irmãos caríssimos, nossa vocação com a qual Deus misericordiosamente nos chamou, não somente para a nossa salvação, mas para a salvação de muitos, para andarmos pelo mundo, exortando a todos, mais pelo exemplo do que pela palavra, a fim de que façam penitência de seus pecados e se recordem dos mandamentos de Deus”. (LTC 36,2)

FREI BRUNO LAVIOLA EMBARCA PARA A MISSÃO MUNDURUKU

No dia 3 de fevereiro, Frei Bruno Rocha Pereira Laviola embarcou para a Missão Munduruku (PA). Com muita alegria e disponibilidade, colocou-se a serviço da nova missão assumida pela UCLAF (União das Conferências Latino-Americanas Franciscanas), na 27ª Assembleia ocorrida no mês de janeiro de 2023.

Frei Bruno Rocha Pereira Laviola nasceu em São Francisco do Glória (MG). Antes de ingressar na vida franciscana, alimentou sua vida vocacional e missionária nos diversos



trabalhos pastorais da Paróquia São Francisco de Assis. Após o ensino médio, dedicou-se ao Curso Técnico de Enfermagem, momento em que alimentou dentro de si a vocação do cuidado para com os irmãos enfermos.

Em 2008, ingressou no Postulante da Cruz de São Damião, em São João del-Rei (MG). No dia 29 de novembro de 2009, iniciou o tempo de Noviciado, em Montes Claros (MG). Professou os primeiros votos no dia 15 de novembro de 2010. Em seguida, cursou filosofia no Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), tendo sua graduação em dezembro de 2013. No ano seguinte, foi enviado para o Tempo de Presença Francisca, primeiramente em Angola (África) e, depois, em Alcobaça (BA). De 2015 a 2017, cursou teologia no ISTA.

Em 2016, professou os votos solenes nas mãos do Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza, e, a partir desse ano, passou a residir na fraternidade de Beato Duns Scotus, em Belo Horizonte. No final de 2017, foi transferido para a Fraternidade São Francisco das Chagas, em Belo Horizonte (MG). Nesse momento, ele passou a cuidar dos frades idosos de nossa Província Santa Cruz e a cursar graduação

em enfermagem, tendo sua conclusão em dezembro de 2022.

Durante o tempo de estudos em enfermagem, Frei Bruno Laviola teve a oportunidade de viver dois momentos importantes em sua vocação missionária e de cuidado: em julho de 2021, no Barco do Papa Francisco, no estado do Pará, e em julho de 2022, na Caravana de São João Batista, junto ao povo Munduruku, também no Pará. Essas duas experiências missionárias reacenderam em seu coração o ardor missionário, que, nos últimos meses, foi sendo amadurecido junto ao Governo Provincial.

Frei Bruno Laviola compôs a nova missão da UCLAF, que teve início no final de fevereiro, quando se juntou a mais dois frades, um da Custódia São Benedito da Amazônia e outro da Província São Francisco Solano (Argentina).

Frei Bruno tem como marca a alegria, o cuidado para com o próximo e a coragem para enfrentar o novo. É com esse seu modo de ser e viver que ele levará ao povo Munduruku o seu testemunho de vida franciscana. Que Deus o abençoe, como também aos demais frades que compõem essa nova missão.

CINCO JOVENS SÃO ADMITIDOS NO POSTULANTADO

Na manhã do dia 5 de fevereiro, foi celebrada a missa pelo Ministro Provincial, Frei Hilton Farias, OFM, e a admissão dos postulantes.

Foram admitidos cinco jovens à etapa do Postulantado da Cruz de São Damião da Pro-



víncia Santa Cruz: Sidinei Braz Jerônimo (Sobralia - MG), Diogo Lopes Vital (Oliveira - MG), Gustavo Amim Jorge Kill (Betim - MG), Igor Adael Alves Coutinho (Coração de Jesus - MG) e Alessandro Xavier Matoso Júnior (Curvelo - MG).

A etapa do Postulantado é realizada em São João del-Rei (MG), onde os jovens estão “postulando”, ou seja, pedindo o ingresso na vida religiosa, ao mesmo tempo que, mergulhados na experiência diária de oração, formação humana, trabalhos manuais e de cuidados com a casa comum, enriquecem-se com o processo de maturação na caminhada franciscana.

“O Senhor que nos dá o bom começo, dará perseverança até o fim”. (Santa Clara de Assis)

Rezemos pelos nossos Postulantes!

QUATRO FRADES PARTEM PARA O TEMPO DE PRESENÇA FRANCISCANA NO ANO DE 2023

Na Província Santa Cruz, após os três primeiros anos de votos temporários, os frades são enviados para uma experiência diferente daquela da formação inicial em que estavam inseridos. Ao longo do tempo, já houve frades enviados para Angola, Roraima, Pará, São Paulo e para diversas fraternidades provinciais. Essa experiência de ficar um ano em outro contexto sociocultural visa ao amadurecimento vocacional dos frades, mediante o conhecimento de outras realidades em que o carisma franciscano se faz presente.

No ano de 2023, foram enviados quatro jovens frades para essa experiência, denominada “Tempo de presença franciscana”. Os frades concluíram recentemente o curso de filosofia no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte, renovaram seus votos religiosos e seguiram, então, para as respectivas realidades.

Frei Alan Vitor Rodrigues Santos foi enviado para o Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont, que acolhe os jovens ao ingressarem no processo de formação inicial. Ele vai auxiliar os frades formadores no acompanhamento vocacional dos rapazes e ser-lhes uma referência, sobretudo na parte musical. Frei Alan nos diz que sua missão nessa realidade será a de “propiciar ao



jovem aspirante uma continuidade no discernimento vocacional e proporcionar-lhe a experiência de vida fraterna franciscana”. “Nesta casa, ocorrem igualmente vários encontros provinciais, “sendo assim, também me colocarei à disposição para bem receber a todos e todas”, partilha o frade.

Frei Alan se mostrou animado com a nova nomeação: “Espero, com a graça de Deus, experimentar ainda mais de perto a riqueza da vida franciscana na realidade local de Santos Dumont”.

Frei Pedro Duarte também foi enviado para o tempo de presença franciscana. Ele residirá na Custódia das Sete Alegrias

de Nossa Senhora, em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul. Sua experiência se dará em duas fases, como ele nos conta: “no primeiro semestre vou morar na fraternidade Santa Isabel da Hungria (Hospital São Julião), em Campo Grande (MS), e, no segundo semestre, farei a experiência em uma das fraternidades do MT que ainda será definida”.

Frei Pedro nos contou um pouco da realidade do referido hospital: “A fraternidade Santa Isabel da Hungria fica localizada dentro do terreno do Hospital São Julião, uma antiga colônia de hansenianos, inaugurada em 1945. Durante muitos anos, a

colônia e, principalmente, os leprosos ficaram jogados à sorte, não recebiam acompanhamento e medicação adequados”. O trabalho dos frades, segundo Frei Pedro, é o da capelania do hospital e administração do Centro de Saúde São Francisco, que oferece atendimento de psicologia, acupuntura, nutrição, assessoria jurídica e terapias naturais de forma gratuita. Em seu caso específico, Frei Pedro vai visitar os enfermos, contribuir para as celebrações eucarísticas (dominicais, semanais, festas, solenidades e semana santa), acompanhar algumas vilas em que moram hansenianos, visitar asilo e escola.

O frade se mostrou muito animado com essa oportunidade: “Estou muito animado para essa nova experiência e sigo rezando, inspirado por São Francisco, para que essa experiência transforme as ‘amarguras’ do meu coração em doçura, mesma experiência tida por Francisco de Assis ao encontrar com o leproso”.

Quem também foi enviado para outra realidade missionária foi Frei Luiz Felipe, que passará o ano de 2023 junto ao Serviço Franciscano de Solidariedade (SEFRAS), na capital paulista, no território da Província da Ima-

culada Conceição do Brasil. O frade nos contou um pouco de como serão suas atividades: “O SEFRAS tem a missão de acolher, cuidar e defender os mais vulneráveis às margens de uma sociedade indiferente e desigual. Ao acolher as pessoas, garante-se o acesso à comida, banho, necessidades básicas, além de promover oportunidades de trabalho e renda e atividades socioeducativas”.

Por fim, o Frei Igor Souza, que fará sua experiência junto à Província São Francisco Solano, na Argentina. Essa experiência também será dividida em duas etapas, como o frade nos conta: “Nos meses de março a julho, vou compor a fraternidade Casa de Jovens Hermano Francisco, um local que acolhe jovens para períodos de retiros espirituais, uma proposta de imersão na vivência da espiritualidade franciscana”. De agosto a dezembro, Frei Igor comporá uma fraternidade no norte argentino, na cidade de Salta, onde os frades realizam trabalhos sociais e presença pastoral junto aos povos originários.

Frei Igor também se mostrou bastante motivado com a oportunidade: “Para todo esse período de Presença Franciscana, de-

sejo que eu possa mergulhar na cultura e costumes dos nossos irmãos argentinos, bem como estreitar os laços fraternos, experimentando a *dinamicidade* que é nossa *Ordem Franciscana*”. Frei Igor seguiu para a Argentina no início de março.

Desejamos a esses nossos irmãos que o Ano de Presença Franciscana seja enriquecedor em suas vidas e que faça crescer o mesmo ardor evangélico que também motivou Francisco de Assis e seus companheiros.

FRENTES EVANGELIZADORAS DA PSC REALIZAM FORMAÇÃO DA CF 2023

Frei Humberto Leite, OFM

“Convocados a considerar a fome como referência para
nossa reflexão e nosso propósito de conversão.”
(Texto-base da Campanha da Fraternidade 2023)



Durante o período da quaresma, as frentes evangelizadoras da Província Santa Cruz (PSC) realizaram formações com diversas lideranças sobre a Campanha da Fraternidade (CF) 2023. As formações tiveram bons momentos de reflexão e oração, oportunidade de crescimento espiritual que tem motivado a atuação profética em meio ao nosso povo.

O tema da CF 2023 é “Fraternidade e Fome” e o lema é “Dai-lhes vos mesmos de comer” (Mt 14,16). As lideranças das frentes de evangelização e todo o povo estão sendo chamados a buscar um caminho de conversão tendo como referência para a reflexão a fome, pois esta é um desafio social e humanitário que tem atingido a nossa sociedade brasileira. Imbuída do espírito quaresmal, a Igreja, no Brasil, foi chamada a agir conjuntamente no combate à

fome mediante a escuta ativa do Evangelho.

As paróquias Santo Antônio (Salinas – MG), São Francisco de Assis (São João del-Rei – MG), Santuário Santo Antônio (Divinópolis – MG) e Santo Antônio (Funcionários – Belo Horizonte – MG) realizaram esse momento importante de formação na vida do povo de Deus, que tem sensibilizado as pessoas no enfrentamento da fome e na construção do reino de Deus em nosso meio.



ENCONTRO DE GUARDIÃES DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ



Aconteceu, de 6 a 9 de março, em Divinópolis, mais um fraterno encontro dos Guardiães da Província Santa Cruz. O encontro foi brindado com a orientação da doutora em Psicologia Rogéria Araújo Guimarães Gontijo e do canonista Frei Ivo Müller, OFM, Província da Imaculada Conceição (SP).

Dra. Rogéria Araújo tratou do tema “Psicopatologia na Vida Religiosa”, chamando a atenção para o estudo/conhe-

cimento (LOGIA) dos processos psíquicos (PSICO), como as paixões, as patologias, os excessos e os sofrimentos (PATHO): Psicopathologia.

Numa época de tanto sofrimento psíquico, como nos fortalecer diante do sofrimento? - provocou. É necessário estarmos atentos aos sinais comportamentais objetivos que se manifestam por sintomas como reações personalizadas, que dependem da subjetividade, como sinais corporais, como a febre, pois o aumento da frequência [quanto] e da intensidade [como] se torna patológico.

Segundo Dra. Rogéria Araújo, o sintoma tem formas e conteúdo; assim, o sujeito só busca acompanhamento quando o sintoma o incomoda. Os sintomas são os modos de dizer e de se manifestar do inconsciente frente aos conteúdos recalçados.

Em perspectiva psicanalítica, há três modos ou maneiras de organização psíquica para lidar com a castração: neurose [histeria]; psicose [esquizofrenia, paranoia] e perversão [negação da lei].

Dra. Rogéria abordou ainda temas relacionados ao radicalismo religioso, tão presente no mundo atual, bem como insistiu com os

guardiães a um olhar atento à realidade de cada frade da fraternidade, seu comportamento e alterações de humor, de apetite e de sono.

No segundo dia de formação, Frei Ivo Müller, OFM, abordou a questão dos abusos sexuais contra menores e pessoas vulneráveis, trazendo estatísticas da problemática em geral e fixando-se nas questões eclesiais. Destacou também o abuso dentro da Igreja, lembrando os casos recentes em Portugal e o desabafo do Papa Francisco em 21/02/2019, quando o classificou como “uma praga contaminando a Igreja”.

O papa convidou patriarcas, cardeais, arcebispos, bispos e superiores religiosos a encarar “a praga dos abusos sexuais” cometida por membros da Igreja. “Iniciemos nossa trajetória armados de fé e coragem”, pediu. “Peço ao Espírito Santo que nos ajude, nestes dias, a transformar esse mal em uma oportunidade para tomar consciência”, disse. “Que a Virgem Maria nos ilumine para tentar curar as graves feridas que o escândalo da pedofilia provocou tanto aos pequenos como aos fiéis”, concluiu.

Tratou também da conferência de Padre Amedeo Cencini sobre

os desafios da cultura dos abusos, pronunciada em 8 de fevereiro de 2023, na abertura da especialização promovida pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA), que pode ser visualizada neste link: [<https://www.youtube.com/watch?v=p9OqeziUvTc>].

Frei Ivo Müller também recomendou o filme *O terror do silêncio* e apresentou 10 reflexões sobre o ministério do Guardião diante dos casos de abuso:

1- Diálogo sincero ao perceber o mínimo de mudança no comportamento do frade;

2- O Projeto de Vida e Missão da fraternidade como momentos fraternos para celebrar a vida, pois, quanto mais integrado na vida da fraternidade, menos o frade procura por fugas;

3- O Projeto Pessoal de Vida ajuda a organizar uma rotina de estudos e leituras;

4- Capítulos ou recolhimentos, bem como retiros, são espaços para abordar documentos ou textos a respeito da pessoa humana como um todo;

5- Momentos de Formação ou Celebração com os colaboradores mais próximos e voluntários;

6- Orientar para um bom uso das redes sociais – “sorria, você está sendo filmado” – cuidado com os prints;

7- Na ação evangelizadora, evitar o contato muito direto ou de caráter mais afetivo-sexual;

8- Atendimentos, de aconselhamentos ou confissões, sejam realizados em local de grande visibilidade, ou até mesmo abertos, que permitam a visualização facilitada dos acompanhantes e terceiros;

9- Atenção quanto ao abuso de autoridade no trato com colaboradores, idosos ou outros vulneráveis [assédio moral ou sexual];

10- Diante de qualquer suspeita ou denúncia, não postergar, mas já tratar de ouvir de imediato o denunciante e encaminhar a denúncia junto ao Ministro Provincial no menor espaço de tempo possível.

Por fim, Frei Ivo Müller ressaltou os cuidados na linha da prevenção comum:

1- Diálogo: sincero e franco;

2- Orientação: despertar para toques desconfortáveis;

3- Vigilância: supervisionar o comportamento e as relações da criança ou adolescente;

4- Conhecimento e cuidado: conhecer os amigos e os amigos dos amigos.

Ao fim do encontro de Guardiães, houve algumas partilhas fraternas, bem como foram dados avisos com relação à formação permanente dos frades prevista para o corrente ano.

O encontro se concluiu com o almoço, num clima fraterno e enriquecedor para todos os frades que exercem o ministério de guardião em suas respectivas fraternidades.



NOVIÇOS RECEBEM O HÁBITO FRANCISCANO

Frei Humberto Leite, OFM

No dia 19 de março, ocorreu a Vestição dos Noviços da Província Santa Cruz, no Noviciado São Benedito, em Montes Claros (MG). O rito foi presidido pelo Ministro Provincial, Frei Hilton Farias de Souza. Os noviços Danilo Nunes Soares, Dildarlyson Evangelista da Silva, Josimar da Cunha e Walacy Ricardo Ferreira da Silva receberam o hábito franciscano.

O hábito franciscano é um sinal de consagração, conversão, testemunho e seguimento radical de Cristo pobre, humilde e casto. No segundo capítulo da Regra Bulada, encontramos a orientação de como devem ser recebidos aqueles que querem assumir a vida de Frade Menor:

Aqueles que quiserem seguir esta vida e vão ter com os nossos irmãos, mandem-nos estes a seus ministros provinciais, aos quais somente e não a outrem, se conceda licença de receberem irmãos. Os ministros, porém, os examinem diligentemente sobre a fé católica e os sacramentos da Igreja. E se crerem todas estas coisas e as quiserem professar com fidelidade e observar com firmeza, até o fim; e se não forem casados, ou, se o forem, as mulheres já tiverem entrado em convento, ou, feito o voto de continência, lhes tiverem dado licença, com autorização do bispo diocesano, e se elas forem de tal idade que não



torne o seu consentimento suspeito; a eles digam os ministros a palavra do santo Evangelho (cf. Mt 19,21), que vão e vendam tudo o que possuem, e tratem de distribuir entre os pobres; mas, se o não puderem, basta-lhes a boa vontade. E abstenham-se os irmãos e seus ministros de se incomodar com as suas coisas temporais, para que eles, como o Senhor lhes inspirar, disponham delas com liberdade. Se, contudo, pedirem conselho, podem os ministros mandá-los a pessoas tementes a Deus, por cujo conselho distribuam seus bens aos pobres. Concedam-lhes, depois, as vestes de provação, a saber: duas túnicas sem capuz,

até o cingulo; a não ser que, alguma vez, aos ministros pareça outra coisa melhor, segundo a vontade de Deus. Findo o ano de provação, sejam admitidos à obediência, com a promessa de observarem sempre esta vida e esta Regra. De modo algum lhes será lícito sair desta Ordem, conforme a determinação do Senhor Papa, porquanto, segundo o santo Evangelho, “ninguém que lança mão do arado e olha para trás é idôneo para o reino de Deus” (Lc 9,62). E os que já prometeram obediência tenham uma túnica com capuz e, se quiserem, outra sem capuz. E os que forem obrigados por necessidade poderão trazer

calçados. Todos os irmãos usem vestes pobres, podendo, com a bênção de Deus, remendá-las de burel e outros retalhos de pano. Eu os admoesto e exorto a que não desprezem nem julguem os homens que virem usar vestes delicadas e coloridas (cf. Mt 11,8), tomar alimentos e bebidas finas, mas, antes, julgue e despreze cada qual a si mesmo.

Assim, o hábito franciscano é uma veste simples, um símbolo de desapego das coisas terrenas e que faz abraçar as coisas do alto. O Frade Menor, ao receber o hábito, despe-se do homem velho para assumir as vestes do homem novo. Rezemos pelos noviços, para que permaneçam firmes no seguimento de Cristo, a exemplo de Francisco de Assis.



ENCONTRO DE FRADES DA PASTORAL PAROQUIAL

Frei Francisco Alexandre Viana, OFM

De 21 a 23 de março de 2023, aconteceu, em Divinópolis (MG), o encontro de párocos e vigários da Província Santa Cruz, coordenado pelo Secretariado de Missão e Evangelização, no qual refletiu-se sobre o tema: “O 3º Ano Vocacional do Brasil e a necessária evangelização da sensibilidade/espiritualidade: Rumo a uma nova estação vocacional”.

Estiveram presentes párocos e vigários de sete das oito paróquias sob nossos cuidados. O encontro foi coordenado pelo Secretário de Missão e Evangelização, Frei Adilson Corrêa, OFM, com o auxílio de Sarah Luisa, assistente pastoral do SME.

Na chegada, rezou-se o Ofício Divino das Comunidades, e Frei Adilson saudou a todos dando boas-vindas e agradecendo a presença dos irmãos.

No dia 22 de março, os frades, assessorados por Frei Tailer Douglas Ferreira, OSA, refletiram sobre o tema do ano vocacional: “Vocação, graça e missão”. Foram apresentados alguns pressupostos gerais sobre o tema e algumas considerações.

Os frades foram divididos em grupos, que refletiram sobre as fases da vida sacerdotal. Estudos e partilhas



das reflexões foram feitos nos grupos.

Os frades concelebraram no Santuário de Santo Antônio com a participação de grande número de fiéis, ao final do dia.

No dia 23 de março, Frei Vicente Paulo, moderador da formação permanente, conduziu a refle-

xão. Entre outros assuntos, foi mencionada a participação dos frades na vida paroquial e alguns desafios quanto a se construir uma paróquia franciscana. Os frades também partilharam com o moderador alguns de seus anseios e dificuldades. O encontro terminou com um almoço.



COLÉGIO SANTO ANTÔNIO REALIZA CAMINHADA PENITENCIAL COM O ENSINO MÉDIO



No dia 4 de abril, aconteceu a tradicional caminhada penitencial com os alunos e alunas do Ensino Médio do Colégio Santo Antônio. Neste ano, o itinerário teve início na Praça do Papa, em Belo Horizonte, e seguiu em direção ao Parque das Mangabeiras, num percurso de cerca de dois quilômetros.

Ao chegarem, os participantes circundaram o espelho d'água do Parque e concluíram a caminhada com um

momento de oração e reflexão sobre a Campanha da Fraternidade de 2023, cuja temática é “Fraternidade e Fome”.

Como gesto concreto, ocorreu no Colégio uma arrecadação de alimentos com os alunos do Ensino Médio, organizada pela Pastoral do Colégio e pelo Grupo de Estudantes Voluntários (GEV), que reuniu cerca de 600 quilos de alimentos, os quais serão repassados ao Centro Franciscano de Defesa de Direitos (CEFAD). Outra campanha de alimentos foi organizada pelo 2º Ano do Ensino Fundamental, que foi destinada a diversas instituições ligadas aos frades.

Após o momento de oração, houve uma apresentação musical pelos alunos do Colégio. Em seguida, houve um momento de piquenique e confraternização pelas áreas do Parque, até às 11h, quando retornaram.

Experiências assim são sempre muito significativas, mas essa, neste ano, teve um gosto a mais, visto que durante a pandemia não foi possível sua realização. Estar juntos, entre amigos, dando as mãos e sonhando um mundo novo, uma tarefa irrenunciável para todos nós.

ENCONTRO DE NÚCLEOS DA EDUCAFRO MINAS



“Se, no passado, mesmo em nome da religião, se discriminaram as minorias étnicas, culturais, políticas, ‘de gênero, religiosa’ e outras, hoje queremos ser defensores da identidade e dignidade de toda a pessoa e ensinar as novas gerações a acolherem a todos sem discriminações. Por conseguinte, a educação compromete-nos a acolher o outro como ele é, não como eu quero que seja, como é e sem julgar nem condenar ninguém”. – Papa Francisco no Encontro Religiões e Educação: Pacto Educacional Global.

Imbuída pelos ensinamentos do Papa, a Província Franciscana Santa Cruz, por meio do Centro Franciscano de

Direitos Humanos (Cefad) e a EducAfro, realizou, de 21/4 a 23/4, o encontro dos Núcleos com a temática “Recriar a Cidade a partir do Quilombo” de 2023. Cerca de 70 pessoas participaram desse encontro – dentre elas jovens, educadores, religiosos (franciscanos, maristas e jesuítas) – e foram acolhidas no Espaço Champagnat – REMAR –, situado no município de Ribeirão das Neves.

No primeiro dia, aconteceu uma roda de conversa com a temática “História do Quilombo”, assessorada pela professora Ms. Miriam Aprígio e, a seguir, uma oficina de grafite, com o grafiteiro Sabão, em que foi contada a história do grafite como uma arte marginal. Em seguida, os jovens fizeram o grafite de uma matriarca do quilombo, que vai compor a ambientação do novo espaço cultural.

No segundo dia, houve um debate com a temática “O Resgate do Quilombo”. A professora Dra. Lílian Cristina Bernardo Gomes compartilhou a “necessidade da gramática decolonial na construção das cidades, sendo que esse modelo atual de cidade se torna um cemitério de

vidas, um sumidouro de seres [...] Quilombo é ser e não ter”.

A necessidade do lúcido no processo de aprendizagem, como Paulo Freire ensina, foi a prioridade da parte da tarde e da noite. Nesses dois momentos, houve uma interação entre núcleos, reunião de coordenadores dos núcleos e noite comunitária com muita expressão artística, enaltecendo nossa cultura, beleza e nossas vidas.

O último dia foi marcado por uma grande roda de conversa, que teve como objetivo partilhar as dores e alegrias, como um espaço de acolhimento e resistência para que o racismo não nos mate, e também entender o “desafio de sermos responsáveis pela construção de uma nova sociedade, em que somos chamados a ser protagonistas de nossa história e recriar nossa realidade a partir de novas vivências”.



CONGRESSO DE MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO



De 28 de abril a 1º de maio, no Seminário Seráfico Santo Antônio, em Santos Dumont (MG), aconteceu o Congresso de Missão e Evangelização, com o tema “Sinodalidade, fraternidade e missão”, em que toda a Igreja é chamada a ser mais participativa e dialogal, na diversidade de ministérios e serviços.

Foram cerca de 60 participantes e, pela primeira vez, contou com a presença de frades da Província Santa Cruz e de leigos representantes das diversas frentes evangelizadoras.



- O contexto sociopolítico, cultural e religioso.
- A cultura da indiferença, da exclusão e do descarte.
- Os imperativos da era hiperconectada.
- Ouvir e não escutar. Talvez na Igreja se crie mais uma mentalidade de ouvidoria do que, propriamente, um processo de escuta.
- Risco de se tornar uma "modinha" e não gerar processo. Isso fez com que

O primeiro dia do Congresso de Missão e Evangelização teve como ponto central a assessoria do coordenador da Pascom no Brasil, Marcus Tullius, que apresentou o tema da sinodalidade, conduzindo os participantes no caminho da Igreja Universal.

Marcus Tullius iniciou sua exposição retomando a perspectiva dos Atos dos Apóstolos, em que as comunidades se punham de forma orante sob a guia do Espírito Santo. Segundo ele, a sinodalidade enfrenta vários desafios na vivência eclesial, tais como:

- A cultura patriarcal.
- O clericalismo.
- A Igreja piramidal, autoritária.
- O pouco protagonismo feminino e juvenil.

o Papa Francisco estendesse o prazo para a realização do Sínodo, agora previsto para 2024.

Marcus Tullius se ateu à síntese continental da escuta sinodal, destacando os elementos relacionados diretamente ao carisma franciscano, como a fraternidade, o cuidado com a criação e a itinerância.

Os participantes também tiveram um trabalho em grupo para retomar as sínteses elaboradas a partir das diversas frentes de evangelização da Província Santa Cruz.

O dia finalizou com uma oração, durante a qual foi entregue aos participantes um exemplar da Regra Franciscana, no contexto de celebração dos 800 anos de

sua confirmação. Após o momento orante, houve uma animada noite cultural.

A manhã do domingo, dia 30 de abril, foi de estudo e recolhimento sobre a Regra Franciscana, sob a orientação do Frei Celso Márcio Teixeira. Na parte da tarde, conduzidos pelo Frei Oton da Silva Araújo, foram retomadas as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Província, bem como as prioridades provinciais do triênio.

O Congresso de Evangelização e Missão da Província Santa Cruz se encerrou com um almoço, no dia 1º de maio.

Ao longo dos dias, os participantes tiveram momentos de oração, reflexão e, sobretudo, um espírito de convivência fraterna que possibilitou boas partilhas e contribuições. As orações foram conduzidas pelos leigos e leigas, representantes das diversas frentes de evangelização da Província.

Como oração conclusiva, cada participante recebeu o Tau de seu “anjo”, que lhe fora dado secretamente no início do encontro. Na avaliação, agradeceu-se a Deus e à equipe organizadora pela oportunidade ímpar de vivenciar o carisma franciscano



nos diferentes lugares e atividades em que os frades estão inseridos.

Segue abaixo a mensagem final, aprovada no encerramento do Congresso.

Mensagem final do Congresso de Missão e Evangelização da Província Santa Cruz

Os Frades Menores e os leigos e leigas representantes das diferentes frentes de evangelização da Província Santa Cruz (PSC), presente no estado de Minas Gerais, estiveram reunidos no Congresso de Evangelização e Missão entre os dias 28 de abril e 1º de maio de 2023, com cerca de 60 participantes.

O Congresso teve como temática: "Sinodalidade, Fraternidade e Missão", o que possibilitou um espaço de discernimento a respeito da presença franciscana evangelizadora nos diferentes lugares e serviços onde o Senhor nos chamou a estar.

Renovamos nossa vocação e missão de sermos presença fraterna, no seguimento de Jesus Cristo, pobre, humilde e crucificado, fomentando sempre mais a participação ativa dos leigos e leigas nas diversas frentes

evangelizadoras confiadas aos frades. Desse modo, trazemos na memória o agradecimento por toda a presença franciscana nos diversos lugares e frentes de evangelização.

Reafirmamos nosso compromisso de eliminar de nosso meio tudo que impeça uma vivência sinodal, fraterna e missionária. Na graça renovadora de nosso Batismo e inspirados em Francisco e Clara de Assis, desejamos ser sinal de paz e justiça onde estivermos, em opção pelos pequenos e humildes da terra, empenhando-nos na defesa de seus direitos, a fim de que todos tenham vida e a tenham de forma abundante (Jo 10,10), como nos recordou o evangelho do IV Domingo da Páscoa.

Em comunhão com o magistério do Papa Francisco, desejamos à nova presidência da CNBB nossos votos por uma Igreja "com cheiro de ovelhas", atenta à realidade do povo brasileiro, sobretudo da população mais empobrecida.

Pedimos publicamente perdão a Deus, aos irmãos e irmãs pela nossa incoerência em viver e anunciar o Santo Evangelho. Que o Senhor nos converta e faça de nós, pela força de Seu

Santo Espírito, cristãos e cristãs empenhados na promoção da vida, no anúncio da Boa Nova.

Que o Senhor Ressuscitado, que inspirou Francisco e Clara, nos conduza, e que a esperança do Reino nos inspire a fazer de nos-

sa Casa Comum um lugar belo e digno para todas as pessoas.

Na comemoração de São José Operário, em comunhão com todos os trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, Santos Dumont, 1º de maio de 2023.



ENCONTRO DO SERVIÇO DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL DA FAMÍLIA FRANCISCANA



O Serviço de Animação Vocacional da Conferência da Família Franciscana do Brasil promoveu, de 28 de abril a 1º de maio, o encontro nacional em Brasília (DF).

Com a temática “O processo Formativo: graça e missão” e o lema “Jesus chamou os que ele quis” (cf. Mc 3, 13), assessorado pelo Frei Sérgio Dal Moro, OFM Cap., o encontro teve o intuito de contribuir para a formação dos Animadores Vocacionais e dos Formadores.

O assessor recorda que “o futuro da Vida Consagrada depende da formação”, por isso, tratando de eixos fundamentais dentro do processo formativo e na animação vocacional, por meio da partilha, momentos de oração, convivência e dinâmicas, possibilita maior clareza diante do chamamento.

O encontro contou com 54 participantes de diversas congregações, em um momento forte de sinodalidade e intercultura-

lidade. Resgatando a cultura vocacional e testemunhando o chamado, o SAV da CFFB busca, sob as luzes do Espírito do Senhor e seu santo modo de operar, viver e contribuir para a animação vocacional de forma significativa e integral.

Que, a exemplo de São Francisco de Assis e Santa Clara de Assis, sejamos instrumentos da paz e do bem, atentos aos apelos de Deus e comprometidos com a vida.



ENCONTRO VOCACIONAL PROVINCIAL

Frei Marco Antônio, OFM



De 7 a 11 de junho de 2023, ocorreu o Encontro Vocacional Provincial, na Fraternidade Santa Maria dos Anjos, em Betim. Após muitos anos, o encontro aconteceu de forma mista, com a presença dos jovens vocacionados da Ordem dos Frades Menores e as jovens que aspiram à vida das irmãs Clarissas Franciscanas Missionárias do Santíssimo Sacramento.

Para esse processo de oração e discernimento, estiveram presentes sete jovens que buscam discernir a vocação à Ordem dos Frades Menores, na Província Santa Cruz,

e quatro jovens que aspiram à das Clarissas Franciscanas, que vieram de diversas cidades de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia.

Além de Frei Marco Antônio e da Irmã Ana Maria, responsáveis pelo serviço de animação vocacional das respectivas instituições, estiveram presentes outros frades e irmãos que contribuem para esse serviço, além de profissionais da psicologia.

O objetivo do encontro foi ajudar os jovens a compreender um pouco mais a espiritualidade franciscana, ter maior conhecimento de si mesmo, a fim de melhor discernir a sua vocação e o seu lugar no mundo e, quem sabe, ingressar no processo formativo da Ordem dos Frades Menores (OFM) e da

Congregação das Irmãs Clarissas (CFMSS).

Para esse processo, os jovens foram convidados a percorrer o seguinte itinerário:

07/06 – Quarta-feira: Vivendo a fraternidade entre irmãos e irmãs.

08/06 – Quinta-feira: Vocação – Chamado de Deus “Senhor, o que queres que eu faça”? (São Francisco de Assis) – “Não perca de vista seu ponto de partida” (Santa Clara).

09/06 – Sexta-feira: Encontro consigo mesmo e a identidade franciscana.

10/06 – Sábado: Vocação – Chamado de Deus.

11/06 – Domingo: Encerramento.



FORMAÇÃO SOBRE A HISTÓRIA DA ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL E NA PROVÍNCIA SANTA CRUZ



De 12 a 16 de junho, a fraternidade do Postulantado da Cruz de São Damião acolheu o Frei Eduardo Vely de Mesquita para uma formação sobre a história da Ordem dos Frades Menores no Brasil, com foco na atuação dos frades na Província Santa Cruz.

O curso intensivo abordou a presença franciscana no Brasil colonial, o período de reestruturação das províncias

no Brasil no período republicano, com foco na presença franciscana holandesa nas regiões Norte (Manaus), Sudeste (Minas Gerais e Rio de Janeiro) e Sul (Rio Grande do Sul).

Ao término da formação, foi realizada uma visita às igrejas coloniais de São João del-Rei e Tiradentes, que possuem inspiração franciscana.

O objetivo dessa formação é desenvolver nos jovens o interesse pela história de nossa Província, bem como promover o senso de pertença ao carisma e sua concretização na vida dos frades.



FORMAÇÃO SOBRE MISTAGOGIA DO ESPAÇO LITÚRGICO



De 29 a 31 de maio e 1º de junho, a casa do Postulantado, assessorada por Ir. Laide Sonda, das Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre (PDDM), vivenciou uma formação mistagógica sobre a espacialidade litúrgica.

Inicialmente, foi realizado um sobrevoo sobre as diversas edificações que expressaram, ao longo da história da igreja, o espaço celebrativo dos cristãos.

Em seguida, foi abordada a relação íntima entre a celebração do mistério pascal de Cristo e os elementos constitutivos do espaço litúrgico.

Por fim, foi realizada uma visita guiada a algumas igrejas construídas ao longo da história da cidade de São João del-Rei, com o intuito de observar as características presentes nelas, que expressam suas características culturais, teológicas e litúrgicas.

Foram momentos ricos de aprofundamento sobre o quê, quando, como e onde celebramos nossa fé.



ENCONTRO CONEXÃO IRMÃO SOL

Nos dias 17 e 18 de junho do ano corrente, a Associação Irmão Sol promoveu uma capacitação para os profissionais que compõem todo o seu corpo técnico, a coordenação, parte administrativa e a diretoria. O evento, intitulado “Encontro Conexão Irmão Sol”, ocorreu no Centro Franciscano de Formação e Cultura, situado na cidade de Divinópolis.

O encontro teve como objetivo promover um espaço de lazer, formação, troca de conhecimentos e fortalecimento das relações interpessoais entre os participantes. Utilizou-se, para isso, de atividades temáticas a fim de se conseguir uma revitalização dos projetos já existentes na instituição, bem como a identificação de novos projetos necessários para a continuidade das atividades intrínsecas à garantia de proteção dos direitos da criança e do adolescente.

Em um clima lúdico, o encontro se desenvolveu submetido a uma metodologia regada a rodas de conversas, dinâmicas, palestras e trabalhos em grupos.

O teor dos assuntos que encorparam todas as atividades do evento teve como escopo fazer abrolhar entre o grupo uma prática interdisciplinar em prol da sustentabilidade do projeto em tela, além de suscitar em toda a equipe uma cultura de captação e mobilização de recursos.

Por fim, o faustoso momento buscou criar meios capazes de fazer com que as equipes interagissem mais entre si no ato da execução dos trabalhos que, geralmente, são desenvolvidos isoladamente no interior de cada unidade, dada a peculiaridade de cada uma das cinco casas (unidades) da Associação Irmão Sol.

Nós, frades franciscanos da Província Santa Cruz, agradecemos a Deus por nos conceder a graça de termos propiciado esse momento de formação, convivência e lazer aos nossos colaboradores, que trabalham com afinco para garantir os direitos inerentes às crianças e adolescentes que se encontram acolhidos na instituição supracitada.



FREI HÉRICLES E FREI HIGOR RECEBEM O MINISTÉRIO DE LEITOR



Frei Hércules e Frei Higor estão cursando o quinto período de Teologia no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte. Conforme o costume provincial, esta é a ocasião em que o referido ministério é conferido.

Por ocasião da visita do Ministro Provincial, Frei Hilton Farias, à fraternidade Beato Duns Scotus, os frades Hércules Lima Gomes e Higor Ferreira de Oliveira receberam o Ministério de Leitor.

A celebração aconteceu no dia 23 de junho, véspera da solenidade de São João Batista. Em sua homilia, Frei Hilton recordou aos frades a figura importante de João Batista na experiência cristã e seu comprometimento pelo anúncio do Messias, do qual se sentia digno de desatar as sandálias.

Frei Hércules e Frei Higor estão cursando o quinto período de Teologia, no Instituto Santo Tomás de Aquino, em Belo Horizonte. Conforme o costume provincial, essa é a ocasião em que o referido ministério é conferido.

Dentro de seis meses, os frades deverão receber o ministério de acólito.

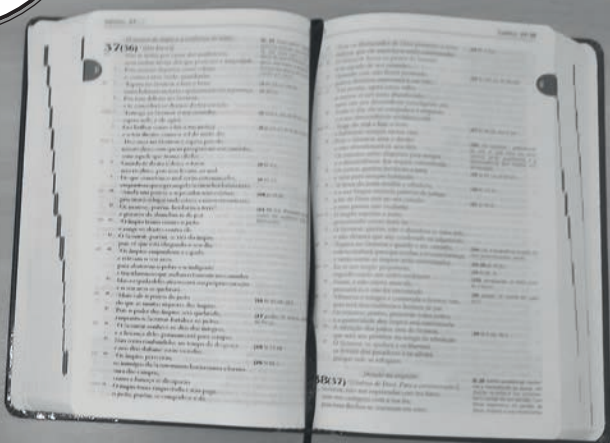
No dia seguinte, na solenidade de João Batista, os frades da fraternidade Beato Duns Scotus participaram da liturgia na qual se fez memória dos oitocentos anos da Regra Bulada, celebrados neste ano. Na ocasião, renovaram seus votos de viver a consagração de suas vidas ao modo de Francisco e Clara de Assis.

Aos nossos irmãos que receberam o Ministério de Leitor, nossas orações e afeto fraterno.





REFLEXÕES



SINODALIDADE: UMA REFLEXÃO ECLESIOLÓGICA

Frei Celso Márcio Teixeira, OFM

Depois de insistir na necessidade de uma “Igreja em saída”, o Papa Francisco convoca a Igreja a refletir sobre a sinodalidade. Os dois temas – a nosso ver, complementares – são provocações à elaboração de uma nova eclesiologia. Como subsídio a essa reflexão, a Comissão Teológica Internacional elaborou o documento *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*.

Nesse brevíssimo escrito, não se pretende tecer comentários sobre tão bem elaborado documento, mas apresentar sucintas reflexões que ele provoca. Visto que a Comissão desenvolve de maneira magistral os aspectos históricos, teológicos e jurídicos da sinodalidade, o leitor que quiser aprofundar esses aspectos é convidado a recorrer ao citado documento.

Conclui-se esta reflexão com uma aproximação entre o modo franciscano de vida e a sinodalidade.

1 – Sentido etimológico

A compreensão elementar de um termo parte de sua etimologia. Isso vale especialmente quando se trata de um neologismo. Aí se busca primeiramente o sentido

material do termo. Em sua materialidade, essa compreensão é anterior a qualquer interpretação de caráter filosófico, teológico, sociológico, jurídico, político etc. Só num segundo momento se parte para um sentido figurado, podendo o termo em questão receber variadas nuanças de acordo com as abordagens específicas. No presente caso, o termo “sinodalidade”, com seu cognato “sínodo”, será abordado na ótica eclesiológica.

“Sinodalidade” provém de “sínodo”, que, por sua vez, tem como prefixo a preposição grega “syn” (= com, juntamente com), à qual se acopla o substantivo “hodos” (= caminho, o caminhar). “Sínodo”, substantivo concreto, na nudez da sua etimologia, significa “um caminhar juntos”. “Sinodalidade”, substantivo abstrato, indica o espírito, a maneira, a consciência de quem caminha junto com outros.

2 – Sínodo e sinodalidade na vida da Igreja

Embora se trate de neologismo, a sinodalidade não constitui algo totalmente novo na vida da Igreja. O Papa Francisco, ao propor a reflexão sobre o tema, está apenas propondo a retomada da reflexão sobre uma prática milenar.

Na realidade, estar a caminho faz parte do ser Igreja. Ela se compreende desde o início como *ecclesia peregrinans*, como reitera o documento da sinodalidade¹ ao citar o número 14 da *Evangelii Nuntiandi*, isto é, estar a caminho faz parte do ser da Igreja. Em sua primeira carta, São Pedro se dirigia ao seu rebanho como a peregrinos e forasteiros neste mundo (cf. 1Pd 2, 11).

Ao longo da história, com o termo “sínodo”, quis-se pontuar uma prática existente desde os primeiros séculos do cristianismo até os dias de hoje, a saber, “as assembleias eclesiais convocadas em vários níveis (diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal) para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que aos poucos se apresentam”².

Com o neologismo abstrato “sinodalidade”, a Igreja do século XXI entende-se como uma Igreja sinodal. Em outras palavras, a sinodalidade é vista não apenas como algo ocasional, mas como “dimensão constitutiva

1 *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja* (daqui em diante citado como *Sinodalidade*), n. 53.

2 *Sinodalidade*, n. 4.

“Sinodalidade”, substantivo abstrato, indica o espírito, a maneira, a consciência de quem caminha junto com outros.

da Igreja”³. Equivale a dizer que, mesmo que não esteja celebrando um sínodo, ela é constitutivamente sinodal.

3 – Uma nova eclesiologia

O documento refere-se ao tema como “novidade do ensinamento que a este respeito nos é oferecido pelo Magistério, na esteira do Concílio Vaticano II”⁴. De fato, o Papa Paulo VI, a partir de 1965, retomou a prática de celebrar com mais frequência o Sínodo dos Bispos.

Mas pode-se dizer que a reflexão sobre a sinodalidade funda suas raízes em uma nova eclesiologia, inaugurada pelo Concílio Vaticano II. Antes desse concílio, quando se falava o termo “igreja”, pensava-se na hierarquia, persistindo ainda hoje forte resquício desse modo de pensar não só por parte de membros do clero, mas também por parte de muitos leigos e leigas. Tal visão clericalista de Igreja acaba por excluir a multidão do povo fiel da

própria compreensão de Igreja, considerando-a cristãos de segunda categoria, não sujeitos, mas objetos da ação e evangelização dos clérigos, a mesma posição adotada, por exemplo, pelos evangelizadores do tempo do Brasil Colônia, que viam nos povos originários apenas uma *tabula rasa*, incapazes de serem sujeitos de seu processo de evangelização.

A nova eclesiologia que se instaura a partir do Vaticano II faz uma reviravolta. Propõe a passagem para uma eclesiologia orgânica e inclusiva: Igreja é todo o povo de Deus, como está suficientemente explícito na Constituição conciliar *Lumen Gentium*.

A eclesiologia de Igreja-povo de Deus tenta ver os leigos e leigas como sujeitos participantes e agentes da vida e da ação de toda a Igreja. Clérigos e leigos, a partir do batismo, são igualmente membros da Igreja. Aponta-se para o protagonismo dos leigos e leigas.

Portanto, a reflexão sobre a sinodalidade proposta pelo Papa

3 Cf. *Sinodalidade*, n. 1, 5, 42, 57, 70, 76, 94, 116, 120.

4 *Sinodalidade*, n. 2.

Francisco é, no fundo, uma tentativa de reverter a mentalidade clericalista ainda reinante.

4 – Consequência desafiadora

A sinodalidade como dimensão constitutiva deve concretizar-se em um *modus vivendi et operandi* da Igreja, povo de Deus, que caminha junto na história⁵. Toda a vida e ação da Igreja deve, portanto, espelhar sua sinodalidade.

Muitas vezes, no entanto, os debates sobre o tema da sinodalidade abordam apenas questões organizativas sobre como aparelhar a diocese, a paróquia, sobre a autoridade do bispo, do pároco, do vigário paroquial, sobre a função do conselho paroquial etc. Sendo a sinodalidade elemento constitutivo, não pode reduzir-se à questão meramente organizativa. O elemento constitutivo deve traduzir-se coerentemente no nível organizativo, mas seria uma redução de seu conteúdo teológico a ideia de que sinodalidade seja apenas uma maneira de a Igreja se organizar em seus diversos níveis. O grande desafio é instaurar um *modus vivendi et operandi* perpassado pela cons-

ciência de sinodalidade⁶, em que leigos e leigas façam parte ativa dessa caminhada.

“Toda a vida e ação da Igreja deve, portanto, espelhar sua sinodalidade”.

5 – Um problema: a compreensão de autoridade

Percebe-se nas entrelinhas do documento que os autores sentem dificuldade diante do problema da autoridade. Ou talvez não sintam que seja um problema. O fato é que, a cada momento, afirmam a autoridade dos pastores. Mesmo usando a figura da pirâmide invertida⁷ para indicar que a autoridade na Igreja está a serviço, em todo o documento a autoridade é atribuída unicamente aos pastores. Nunca se fala da autoridade dos leigos.

Talvez seja o momento de perguntar pela autoridade dos leigos, pelo seu alcance, e especificar em que ela consiste. Reivindicar a autoridade dos leigos, porém, não significa que estes devam “tomar” a autori-

6 Cf. *Sinodalidade*, n. 6, 43, 70.

7 Cf. *Sinodalidade*, n. 57.

5 *Sinodalidade*, n. 6.

dade dos pastores ou exercer a mesma autoridade deles, mas reconhecer que os leigos têm sua autoridade específica, diferente da dos pastores. Portanto, é necessário adotar um sentido não unívoco, mas diversificado, de autoridade, à medida que ela deve assumir formas diferenciadas e exercer-se diferentemente por agentes diversos.

Também não se deve pensar essa reivindicação como oposição à autoridade dos pastores ou uma maneira de limitar a autoridade que é própria deles. Apenas indica uma maneira de os pastores exercerem sua autoridade: em respeito à dos leigos.

Uma mentalidade clericalista tem dificuldade em reconhecer a autoridade dos leigos. É inconcebível que ainda hoje a relação entre clérigos e leigos seja a de patrões-empregados, e não de irmãos que caminham juntos. É igualmente inconcebível que, no século XXI, os leigos, especialmente as mulheres, sejam proibidos de participar das decisões da Igreja, embora recentemente o Papa Francisco tenha introduzido uma inovação que permite tenham voto deliberativo mulheres que participam das diversas comissões.

6 – Autoridade diversificada

Urge, então, uma nova compreensão de autoridade que ultrapasse a de prerrogativa de alguém que decide e está acima dos outros. Prefere-se o sentido etimológico do termo.

O vocábulo provém do verbo latino “augere”, que significa “fazer crescer”. *Auctoritas* seria então o serviço (tarefa, múnus, responsabilidade, capacidade etc.) de “fazer crescer”. Observe-se que o sentido etimológico está próximo do sentido evangélico de autoridade-serviço (cf. Mt 20, 25-27).

Em vez da expressão “fazer crescer”, São Paulo usa o termo “edificar”. Na vida da Igreja, não existe apenas uma capacidade de “fazer crescer”, de “edificar”. Na carta aos Efésios, embora não use o termo “autoridade”, São Paulo sugere a diversidade das autoridades:

[O Senhor] concedeu a uns serem apóstolos, a outros profetas, a outros evangelistas, a outros pastores e mestres para aperfeiçoar os santos em vista do ministério para a edificação do Corpo de Cristo (Ef 4, 11-12).

E na carta aos Coríntios:

Aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lu-

"Todos se orientam para a edificação do corpo que é a Igreja".

gar, os apóstolos; em segundo lugar, os profetas; em terceiro lugar, os doutores; a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. Porventura são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? [...] (1Cor 12, 28-29; cf. 12, 4-11).

Quando Paulo enumera a diversidade dos carismas, ele insiste em que todos se orientam para a edificação do corpo que é a Igreja (cf. 1Cor 14, 5.12.26).

Pode-se argumentar contra a proposta da diversidade das autoridades: Paulo fala de carisma, e não de autoridade; carisma não é sinônimo de autoridade.

Realmente, carisma e autoridade não são termos sinônimos. Mas os carismas mencionados por Paulo sugerem maneiras diferentes de fazer crescer a Igreja. Os dois termos não se opõem, mas se postulam mutuamente. Não existe carisma que não esteja orientado ou a serviço da edificação.

Compreendendo, então, a autoridade como diversificada, não há

sentido que leigos reivindiquem para si a autoridade dos pastores nem que os pastores neguem a autoridade própria dos leigos. Trata-se de autoridades diferentes, complementares, não antagônicas. A dos leigos não é apenas delegada ou permitida pelos pastores, mas conferida pelo sacramento do batismo. A específica dos pastores provém do sacramento da ordem.

A complementaridade é muito bem descrita por Paulo na genial metáfora dos membros do corpo:

O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos membros. Se o pé disser: "não sou mão, logo não pertença ao corpo", nem por isso deixará de fazer parte do corpo. E se a orelha disser: "não sou olho, logo não pertença ao corpo", nem por isso deixará de fazer parte do corpo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? [...] Não pode o olho dizer à mão: "não preciso de ti"; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: "não preciso de vós" (1Cor 12, 14-17.21).

Santo Agostinho faz um comentário muito interessante e pertinente a respeito dessa metáfora: “O ouvido vê através do olho, e o olho escuta através do ouvido”⁸. Como que a dizer: que exerça cada um a sua própria autoridade; ninguém queira exercer a do outro.

O conceito de “autoridades complementares” é a base para o diálogo, para o bom entendimento, para o consenso. Anular a diversidade e a complementaridade significa instaurar o autoritarismo. Portanto, quando se fala de autoridade diversificada, se advoga que, se não for estabelecida e reconhecida a autoridade dos leigos, todo o discurso sobre a sinodalidade se torna palavra vazia, apenas debate retórico.

7 – O franciscano e a sinodalidade

Evidentemente, não se encontra nos documentos-fontes do franciscanismo menção sobre a sinodalidade. O máximo que se pode afirmar é que, nas origens, havia práticas semelhantes a sínodos e até algum sentimento de sinodalidade. Em destaque alguns indícios:

8 Citado em Fratelli Tutti, 280.

a) Embora os hagiógrafos afirmem que Francisco “escreveu uma regra” para apresentar ao Papa Inocêncio III em 1209, quando o grupo constava de apenas doze membros⁹, dificilmente se pode pensar que ele o tenha feito de maneira monocrática, sem o debate e consenso de todo o grupo. Na evolução da regra, é incontestável, até porque documentada, a participação de todos os frades¹⁰.

b) Os capítulos das Ordens religiosas eram propriamente sínodos em sua organização e espírito. O concílio de Latrão IV, celebrado em 1215, aprovando essa prática existente especialmente entre os cistercienses, estabeleceu como norma que todas as Ordens religiosas os celebrassem periodicamente.

A Ordem franciscana começou a celebrá-los antes mesmo de 1215. O cronista Jacques de Vitry afirmava que os frades menores tinham por costume celebrar o capítulo uma ou duas vezes por ano¹¹. Sabe-se que, no início (até 1221), os capítulos da

9 Cf. 1Cel 32, 1.

10 Cf. Carta a um Ministro, 13.21-22; Jacques de Vitry, *Fontes Franciscanas e Clarianas* (FFC), p. 1422.

11 Cf. FFC, p. 1425.

Os frades não se prendiam a um claustro, porque o claustro do frade menor era o mundo.

Ordem eram gerais, isto é, com a participação de todos os frades. Depois dessa data, passaram a ser celebrados com a presença dos ministros provinciais, dos custódios e dos representantes dos demais frades. O capítulo com a participação de todos os frades era celebrado nas províncias, geralmente após o capítulo geral.

c) No início, havia uma consciência muito aguda de que a Ordem era constituída de *peregrinos e forasteiros*¹². Os frades eram homens que não se fixavam em casas e propriedades, mas irmãos que *caminham pelo mundo*¹³. O fato de enviar os frades dois a dois é um sinal bastante claro desse modo “sinodal” de sentir a Ordem. A pregação itinerante era a forma concreta de traduzir essa consciência. Os frades não se prendiam a um claustro, porque o claustro do frade menor era o mundo¹⁴.

d) Numa Ordem constituída de clérigos e leigos, Francisco sempre insistiu na igualdade fundamental de todos: “Todos sem exceção sejam chamados de irmãos menores”¹⁵. Ele não queria a participação somente dos sábios nas decisões, mas também a dos simples e iletrados¹⁶. No fundo está aquela passagem do Evangelho de Mateus: “Eu te louvo, ó Pai, porque ocultaste estas coisas aos sábios e doutores e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11, 25). Esse elemento marcou tanto Santa Clara que ela o inseriu no capítulo quarto de sua regra.

e) Inicialmente, a compreensão de autoridade na Ordem rejeitava a figura da pirâmide, em que o topo retém toda autoridade. O prelado (o que está colocado à frente dos demais) chama-se “ministro”, aquele que serve, não prior ou abade, nem pai nem mestre¹⁷. E não se trata apenas de inverter o topo da pirâmide. Todos devem obedecer e servir-

12 Cf. RB 6, 3.

13 Cf. RB 3, 11.

14 Cf. AI 30, 25.

15 RnB 6, 3.

16 Cf. 1Cel 91, 6.

17 Cf. RnB 22, 33-35).

-se mutuamente¹⁸. A autoridade não era concebida como algo monolítico, mas dinâmico, que perpassa todos os membros da fraternidade.

No decorrer da história, porém, a não compreensão – talvez a não absorção – desse modo de compreender a autoridade deu azo a abusos. E, assim, voltou a estabelecer-se novamente a autoridade nas mãos de alguns, com a subsequente anulação da autoridade dos demais irmãos.

“Todos
sem exceção
sejam chamados
de irmãos
menores”.

*São Francisco
de Assis*

18 Cf. RnB 5, 14.

SINODALIDADE NA PERSPECTIVA FRANCISCANA FEMININA

Irmã Cleusa Aparecida Neves, CFA

“Por uma 'Igreja diferente', aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir, invoquemos com mais força e frequência o Espírito e coloquemo-nos humildemente à sua escuta, caminhando em conjunto como Ele, criador de comunhão e da missão, deseja, isto é, com docilidade e coragem” (Papa Francisco)

Para desembocar em sinodalidade, na perspectiva franciscana feminina no seio da igreja, não nos debruçaremos sobre o significado e origem da palavra sinodalidade, porque acreditamos já ser bastante conhecido. Mas queremos ressaltar a importância de uma abordagem histórica para ajudar a identificar as resistências, os avanços e os retrocessos da sinodalidade nos anos que separam a experiência da Igreja nascente até o Concílio Vaticano II e, deste, até nossos dias. É de grande relevância a afirmativa de Neves: “No retorno às fontes bíblicas e patrísticas, os padres conciliares resgatam um modelo eclesial que fez parte da Igreja Primitiva. Nesse retorno, existem alguns elementos que não foram negligenciados: o povo, as comunidades, os ministérios, a Palavra, a Eucaristia, o ensinamento dos Apóstolos e a igualdade e dignidade da base batismal. A participação desses iguais na vida ecle-

sial e social era um distintivo da Igreja. Porém, essa participação foi esquecida e suprimida quando o cristianismo foi oficializado em religião do Império Romano. O caráter de “Povo de Deus” foi, aos poucos, sendo ofuscado. As raízes do Povo de Deus, descritas no primeiro testamento, e sua renovação na configuração de “Igreja de Jesus Cristo”, na perspectiva do Reino – a “Nova e Eterna Aliança” – foram substituídas pela Igreja de cristandade. O povo desaparece como sujeito, e um pequeno grupo se torna detentor do poder. Uma pequena elite eclesial e principesca vai, em nome de Deus, dominar os demais. A grande maioria foi relegada à condição de objeto, quando se perdeu de vista o sentido profundo de “ser” e da “missão” da Igreja¹⁹.

Isso posto, podemos afirmar que, quando o cristianismo foi oficializado em religião do Império Romano, houve basicamente um deslocamento ou uma mudança de foco do sentido profundo de “ser” e da “missão”

19 NEVES P. P., *A Sinodalidade na Igreja Local, uma abordagem teológico-pastoral a partir do sínodo da diocese de Tubarão*. 2018. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR, p. 16. Disponível em: <https://arquivum.grupomarista.org.br/pergamumweb>.

da Igreja que, paulatinamente, provocou um enfraquecimento no quesito da sinodalidade. É importante termos em vista as palavras do Papa Francisco, seu tom ao conduzir ouvintes e leitores a refletirem sobre qual modelo de Igreja seria o “reflexo do coração de Deus” e a melhor “concretização de seu Reino”. Ele sempre sinaliza para um modelo que seja conforme ao Evangelho e à prática do Jesus histórico, apontando para “uma Igreja diferente”. Por ocasião da abertura do Sínodo, fez um pedido: “Por uma ‘Igreja diferente’, aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir, invoquemos com mais força e frequência o Espírito e coloquemo-nos humildemente à sua escuta, caminhando em conjunto como Ele, criador de comunhão e da missão, deseja, isto é, com docilidade e coragem”²⁰.

Em *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*²¹ está expresso:

“No dom e no empenho da comunhão, encontram-se a fonte, a forma e o escopo da sinodalidade, enquanto essa exprime

20 Papa Francisco, por ocasião da abertura do Sínodo, 2021-2023.

21 *A Sinodalidade na vida e na missão da igreja*. Documento publicado em 2018, pela Comissão Teológica Internacional (CIT).

Por uma "Igreja diferente", aberta à novidade que Deus lhe quer sugerir, invoquemos com mais força e frequência o Espírito.

o específico *modus vivendi et operandi* do povo de Deus na participação responsável e ordenada de todos os seus membros no discernimento e na colocação em prática das vias da sua missão" (43).

Então, considerando que o eixo estruturador da sinodalidade é a comunhão entre todos, irmãos e irmãs, está posta à nossa frente uma problemática tremendamente provocante e pertinente, que é a presença e atuação feminina na Igreja. Reconhecemos que houve crescimento em relação à consciência da dignidade da mulher. Mas precisamos ter em vista que a Igreja de Jesus Cristo foi substituída pela Igreja da cristandade. Portanto, houve distanciamento do ideal do Evangelho. Como consequência, a sua fisionomia foi, pouco a pouco, sendo modelada e, na verdade, ficou com um rosto bastante clerical, patriarcal e hierárquico, porque fechou-se para a participação de todos (irmãos e irmãs). Urge, então, pensar com profundidade sobre o quesito da participação e, nesse, maturar

sobre o lugar e papel da mulher na Igreja, ou seja, a importância eclesial do feminino, uma vez que, até o presente, a realidade demonstra que ela não tem sido considerada significativa nem relevante. Não se trata apenas de defender a equidade de gênero nem mesmo de garantir igualdade de oportunidades entre os sexos (a tão defendida paridade). É mais profundo que isso. Trata-se de abertura de mente e coração para incluir, acolher, escutar e integrar (irmãos e irmãs), respeitando ideias e diferenças sem polarização ou achando que tudo não passa de ruído de feministas (tais posições revelam machismo, misoginia, fechamento e detenção do poder). Na verdade, a realidade nos aponta para a necessidade de combater o analfabetismo da comunhão e da participação (irmãos e irmãs) no seio da Igreja. A modalidade para fazê-lo, aponta-nos o Papa Francisco: abrindo-nos à ação do Espírito, "colocando-nos humildemente à Sua escuta e caminhando em conjunto como Ele, criador de comunhão e da

missão, deseja, isto é, com docilidade e coragem”.

Sabemos quão
desafiador e exigente é
promover e oportunizar
a participação.

Um olhar sobre a realidade do passado e sobre a realidade contemporânea leva-nos a concluir que o nó górdio da sinodalidade está na participação, uma vez que, na configuração da Igreja de Jesus Cristo para a Igreja da cristandade, “O povo desaparece como sujeito, e um pequeno grupo se torna detentor do poder. Uma pequena elite eclesial e principesca vai, em nome de Deus, dominar os demais”. Revisitando a história e observando a realidade, é possível percebermos que a dificuldade reinante é incluir no processo de participação irmãos e irmãs e aqueles que estão fora da “elite eclesial e principesca”. Sabemos quão desafiador e exigente é promover e oportunizar a participação. É preciso ter abertura da mente e do coração para que, de fato, a inclusão aconteça e haja acolhimento e respeito à diversidade e pluralidade. Sendo a dinâmica sinodal de “encontro e de escuta

para um discernimento à luz da Palavra e sob a inspiração do Espírito, sem dúvida, trata-se de um itinerário de conversão”²².

Com tais ponderações como pano de fundo, para refletirmos sobre sinodalidade na ótica feminina franciscana, é importante termos em vista, também, algumas considerações que revelam matizes de fechamento quanto ao papel da mulher na vida e história da Igreja²³. Visitando o passado e observando o presente, percebemos que, ao longo da caminhada, o papel que a mulher ocupou e ainda ocupa é mais secundário e sua contribuição não é significativa nem relevante para a grande maioria²⁴. No tocante às tomadas de decisão, estão distantes, porque ausentes. Impactante é a recente notícia sobre a decisão do Papa

22 Cf. Homilia do Papa Francisco, na Basílica de São Pedro, no dia 11/10/2021, festa de São João XXIII, ao abrir o percurso do caminho sinodal.

23 Indicamos o artigo *Sinodalidade e Ordens Religiosas: o testemunho de Irmã Katharina*, 8 fev. 2023, que pode ser encontrado no site: <http://missoes.org.br>.

24 Indicamos o artigo *Mulheres e Igreja, último apelo por igual dignidade: a condição feminina no processo sinodal do Papa Francisco*, 02 nov. 2022, que pode ser encontrado em: <https://www.ihu.unisinos.br/>.

É possível
vislumbrar
mudanças?
Sim.

Francisco de permitir que mulheres votem no Sínodo dos Bispos. A novidade provocou forte reação da ala conservadora da Igreja, que considera “um golpe” e “precedente perigoso para a hierarquia da Igreja”. É importante destacar e considerar a relevância da notícia, bem como o fato de tratar-se de uma “medida histórica nos 2.000 anos de vida da Igreja”²⁵. É impressionante como o desejo do Papa Francisco de dar às mulheres voz no alto escalão assusta e desestabiliza. Tenhamos presente que falamos da participação feminina na realização de um Sínodo convocado recentemente (2021). Mas, em se tratando de participação, contribuição e atuação feminina no seio da Igreja ao longo da história, não foi diferente do que presenciamos em nossos dias. É possível vislumbrar mudanças? Sim. Ainda mais com a presença e lucidez do Papa Francisco, que tem sido protagonista em ideias e sugestões revolucionárias e inovadoras, com poder de oxigenar o seio da Igreja. A participação da mulher nas decisões e no exercício de funções no Vaticano é uma delas. Todavia, a

25 Jornal Nacional, 27 abr. 2023. Disponível em: <http://g1.globo.com>.

realidade ainda explica grandes barreiras e limitações.

Significativa, também, é a constatação de que cargos de liderança e confiança são sempre entregues aos homens²⁶.

Faz jus considerar a realidade enfatizada por algumas mulheres quanto a um sentimento de injustiça em relação ao papel e lugar que têm na Igreja. Isso precisa ser repensado com seriedade, profundidade e teologicamente.

Prossigamos a partilha de nossa reflexão colocando a temática em evidência: sinodalidade na perspectiva franciscana feminina. Não há que titubear: o tema remete-nos à figura icônica de Clara de Assis, a “Plantinha de Francisco”²⁷. Primeira mulher a viver o franciscanismo ao modo feminino na modalidade conventual, numa época em que a participação da mulher (na sociedade e na Igreja) era quase nula ou inexistente; a Igreja era

26 Indicamos a leitura do artigo de ALBÓ, Xavier; CODINA Vítor. *O papel das mulheres na Igreja*, publicado pelo CIPCA – Centro de Promoção e Investigação do Campesinato, 10 out. 2016, publicado em 15 out. 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/>.

27 TestCI 49.

Clara de Assis,
primeira mulher a viver o franciscanismo ao modo
feminino na modalidade conventual.

engessada, e os cardeais, bispos e sacerdotes eram distantes da realidade do povo, de suas necessidades e anseios. Portanto, particularmente para a mulher, havia dificuldade para dialogar e conseguir “colocar sobre a mesa” opiniões, preocupações ou abordar a necessidade de procurar processos de renovação ou de mudança. Em meio a tudo isso, Clara de Assis deixou escritos de alto valor e foi a primeira mulher a escrever uma Regra²⁸. Morreu no dia 11 de agosto de 1253, aos 60 anos de idade. Porém, o mais importante, relevante e interessante é que, na beleza desse nome, temos um modo de ser e viver de uma mulher santa que “em casa foi luminosa como um raio, no claustro teve o clarão de um relâmpago. Brilhou na vida, irradia depois da morte! Foi clara na terra e reluz no céu! Como é grande a veemência de sua luz e como é veemente a iluminação de sua claridade”²⁹. E,

28 PEDROSO, Frei José Carlos. **Fon-tes Clarianas**. 4ª Edição. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004. p. 18.

29 Cf. Bula de Canonização.

como afirma Tomas de Celano, “Foi nobre de nascimento e mais pela graça. Firme na decisão e ardentíssima no amor de Deus. Rica em sabedoria sobressaiu na humildade. Foi Clara de nome, mais clara por sua vida e claríssima em suas virtudes” (1Cel 8, 18-19).

Conforme apontam-nos os documentos fontais, “Clara de Assis”, obnubilada pelo despojamento e pela pobreza em tudo, vivendo em um contexto familiar, social e eclesial desafiador, “foi capaz de fazer uma experiência de vida pautada na dinâmica da sinodalidade”. Por essa razão, é uma mulher que tem muita “claridade” para o nosso tempo. Concretizou-se, então, o que a tradição conta: que, antes de seu nascimento, Deus revelou à sua mãe Hortolana que o fruto de seu ventre teria uma brilhante luz, que iluminaria o mundo inteiro: “Não temas, senhora, pois darás à luz uma luz que iluminará o mundo inteiro com o seu brilho”³⁰. Quando visitamos os

30 Cf. LSC.

“Como é grande a veemência de sua luz
e como é veemente a iluminação de sua claridade”

textos das Fontes Clarianas³¹ e nos aproximamos de sua vida e experiência, somos conduzidos a perceber que seu itinerário de conversão foi na dinâmica sinodal. Reconhecendo em sua vocação a iniciativa de Deus, Clara começa um itinerário de vida em penitência. “Depois que o Altíssimo Pai Celestial, por sua misericórdia e graça, se dignou iluminar meu coração, comecei a viver em penitência.” (TestC 24) Por causa da semente semeada por Deus em seu coração, seu esforço e empenho na dinâmica do encontro, da escuta e do discernimento foi contínuo. Deixou-se tocar pelo testemunho de Francisco, com quem teve vários encontros e a quem gostava de escutar (ProcC 17, 3; 20, 6), e “ submeteu-se toda ao conselho de Francisco, tomando-o como condutor de seu caminho, depois de Deus” (LSC 5). Em relação aos pobres, tinha gosto de ir ao encontro deles (ProcC 1, 4) e “estendia a mão com prazer para os pobres, da abundância

de sua casa supria a indigência de muitos” (LSC 3). Em relação à Igreja, foi ao encontro do bispo no domingo de Ramos antes de ir ao encontro de Francisco (LSC 7; ProcC 2,2), e relevante é sua firmeza e insistência junto ao Papa para que as damianitas pudessem fazer uma experiência diferente do estilo de vida traçado para a vida religiosa consagrada, principalmente no tocante à vida de pobreza e fraternidade. Foi persistente, insistiu e não desistiu de seu ideal³². Em sua Regra, deixa expresso com clareza seu desejo e orientação para que haja a participação de todas as Irmãs, ou da totalidade delas, nas decisões da fraternidade e em assuntos referentes à vida das damianitas, tendo em vista um bom discernimento e uma opção acertada: “Se alguém, por inspiração divina, vier ter conosco querendo abraçar esta vida, a abadessa deverá pedir o consentimento de todas as Irmãs” (RSC 2, 1; 4, 7). Nos capítulos, tanto os eletivos (RSC 4, 1-3) quanto os semanais, deveria ser necessária a presença e partici-

31 Texto de PEDROSO, Frei José Carlos. **Fontes Clarianas**. 4ª Edição. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2004.

32 PEDROSO, p. 17-18.

pação de todas as Irmãs (RSC 4, 15). Sua Regra é cheia de expressões como: “de acordo com todas as Irmãs”, na “totalidade das Irmãs”, “consenso comum das Irmãs”, “comum acordo de todas as Irmãs” e, para a eleição do conselho das Irmãs que colaboravam com a abadesa, deveria eleger “ao menos oito Irmãs” (RSC 4,15-24). Para Clara, a presença e opinião das Irmãs era de grande valia, sem exceção, e deixa escrito em sua Regra: “Com efeito, muitas vezes é ao menor que o Senhor revela aquilo que mais convém” (RSC 4,18).

Aberta à voz do Altíssimo, às orientações de Francisco e da Igreja, Clara foi atenta e sábia, sempre demonstrando sua decisão pessoal marcada pela coragem, firmeza e persistência. Soube planejar e agir, cultivando a mística da fraternidade (irmãs e irmãos), bem como exercendo o poder como serviço, envolvendo a participação de todas as Irmãs nos capítulos e em decisões que diziam respeito ao modo de vida das damianitas. Como abadesa, sem a centralização do protagonismo e das decisões, procurou articular a vida em São Damião na modalidade circular. Referência para as damianitas,

não perdeu de vista o seu ponto de partida e aconselhava outras a fazerem o mesmo. Foi assim com Inês: “Não perca de vista seu ponto de partida, conserve o que você tem, faça o que está fazendo e não o deixe...” (2CIn,6).

Conforme encontramos nas Fontes, Clara “submeteu-se toda ao conselho de Francisco, tomando-o como condutor de seu caminho, depois de Deus” (LSC 5). Por isso, podemos afirmar que o ideal franciscano na modalidade feminina foi vivido com autenticidade. Tanto Francisco quanto Clara de Assis viveram uma forma de vida marcada pela dimensão sinodal. Os encontros vivenciados por ambos foram, de fato, transformadores, e o caminho que percorreram foi o de “um itinerário em que a ESCUTA é escuta do VERBO, do ESPÍRITO, da IGREJA, das PESSOAS. Tal encontro e tal escuta gerou no DISCERNIMENTO um PROJETO DE VIDA que mudou suas próprias vidas e contribuiu na renovação da IGREJA e do MUNDO”³³. “Plantinha” de Francisco, sua experiência convida-

33 Cfr. SCHWERZ, Frei Nestor, OFM. *Sinodalidade na ótica franciscana*. Reflexão realizada no Encontro Nacional da Conferência da Família Franciscana do Brasil, CFFB, Brasília, 12 mar. 2022.

Santa Clara, ilumina os passos daqueles que buscam a claridade.

-nos a refletir sobre modalidades concretas da aplicação da sinodalidade na realidade contemporânea, seja na Igreja, seja na realidade conventual (nossas fraternidades) ou, mesmo, na sociedade. Fazer memória de sua experiência pode, também, ser uma possibilidade privilegiada para transitarmos por nossas fraternidades, espaço onde podemos encontrar-nos, identificando-nos e sentindo-nos parte daquela história, em um contexto histórico diferente, construindo uma nova história carregada de um sonho iluminado pelo Espírito, regado pelo Evangelho, alimentado pela Eucaristia, oração, contemplação e convívio fraterno.

A história de Clara de Assis revela ser a história de cada uma, cada um de nós, franciscanas e franciscanos, e sua experiência está sendo repetida hoje a partir da busca de fidelidade ao ideal que abraçamos. Vamos, então, com Clara de Assis, transitar pelo convento das Damianitas, reconhecendo os diferentes personagens que ali atuavam, buscando identificar os sinais de sinodalidade ao modo francisca-

no e feminino. São Damião não é só um espaço geográfico, situado fora dos muros da cidade de Assis, Itália, famoso porque lá viveu a primeira mulher franciscana, Santa Clara, ou porque é o lugar onde São Francisco escreveu o Cântico das Criaturas. São Damião motiva-nos a fazer o percurso em direção a uma experiência de vida despojada de toda vaidade, de todo prestígio e do poder para revestirmo-nos da simplicidade e colocarmos-nos na dinâmica do encontro, da escuta e do discernimento, à luz da Palavra e à sombra do Altíssimo.

Cada mulher e cada homem que é franciscano tem como desafio, na prática cotidiana, testemunhar o espírito da sinodalidade como dimensão constitutiva da proposta vivida por Clara de Assis. Sua vida e experiência têm força para desafiar e impulsionar não só franciscanas e franciscanos, mas todas as mulheres e homens que fazem parte do Povo de Deus. Portanto, como membros da Igreja de Cristo, podem colaborar para o retorno do sentido profundo de “ser” e da “missão” da Igreja.

Por fim, encerramos nossa partilha, pedindo a benção e intercessão de Santa Clara para a Igreja e todo o povo de Deus, especialmente neste tempo sinodal. Como nossa mãe, ao lado

do seráfico pai, ela interceda por nós para que, iluminadas e iluminados pelo Altíssimo, sejamos fiéis à graça que Dele recebemos, a nossa vocação. Façamos nossa a Oração a Santa Clara:

Clara, Santa cheia de claridade, Irmã de São Francisco de Assis, intercede pelos teus devotos que querem ser puros e transparentes.

Teu nome e teu ser exalam o perfume das coisas inteiras e o frescor do que é novo e renovado. Clareia os caminhos tortuosos daqueles que se embrenham na noite do próprio egoísmo e nas trevas do isolamento.

Clara, irmã de São Francisco, coloca em nossos corações a paixão pela simplicidade, a sede pela pobreza, a ânsia pela contemplação.

Te suplico, Irmã Lua, que junto do Sol de Assis no mesmo céu refulge, alcança-nos a graça que, confiantes, vos pedimos [...].

Santa Clara, ilumina os passos daqueles que buscam a claridade. Amém!

Mateus Leme, 05 de maio de 2023.

FRANCISCANOS E A SINODALIDADE

Márcio Bernardo de Oliveira Ramos, OFS

Introdução

Embora os Sínodos já sejam uma tradição da Igreja Católica, o atual, sobre a Sinodalidade, tem chamado a atenção de toda a Igreja. Para refletir mais a fundo sobre o assunto, comecemos a partir da raiz da conversa: o que significa a palavra sínodo? O termo deriva do grego “*sýnodos*”, que significa “reunião”. É composto pelo prefixo “*syn*” (junto com, junto de, junto a) e pelo substantivo “*hodós*” (caminho). O verbo grego *synodéó* significa “fazer um caminho com alguém”³⁴.

No Concílio Vaticano II, a Igreja percebeu claramente que o melhor jeito de ser e de caminhar, no intuito de cumprir a sua missão, é o “jeito sinodal”. Não é uma tarefa fácil, visto que necessita de muita preparação e profunda conversão de todos ao projeto de Deus.

Sendo assim, conforme nos ensina a página sobre o Sínodo 2023 no site da CNBB³⁵, sinodalidade é o esforço

34 Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-10/sinodo-da-amazonia.html>.

35 Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/sinodo2023/>.

"A participação é uma exigência da fé batismal"

coletivo e a busca contínua de aprendermos a “caminhar juntos”, como irmãos e irmãs que já somos. É um jeito de ser Igreja através do qual cada pessoa é importante, tem voz, é ouvida, capacitada e envolvida na realização da missão. Ou seja, não se trata mais de estarmos uns sobre outros, mas de nos colocarmos entre iguais para, juntos, fazermos a experiência de fé, diante dos desafios internos e externos que se apresentam em nosso dia a dia.

“Tenho a certeza de que o Espírito nos guiará e concederá a graça de avançarmos juntos, de nos ouvirmos mutuamente e iniciarmos um discernimento sobre o nosso tempo, tornando-nos solidários com as fadigas e os anseios da humanidade.” Essas foram algumas das palavras dirigidas pelo Papa Francisco em seu discurso aos presentes na abertura do Sínodo sobre a Sinodalidade, em 2021, segundo reportagem de Mariangela Jaguraba no site Vatican News³⁶.

36 Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-10/papa-francisco-sinodo-igreja-viva-escutar-espirito-sinodalidade.html>.

O Papa convida a viver o Sínodo no espírito da oração que Jesus dirigiu ao Pai pelos seus: “Para que todos sejam um”. É a isto que todos somos chamados: à unidade, à comunhão, à fraternidade que nasce de nos sentirmos abraçados pelo único amor de Deus e admoesta que celebrar um Sínodo é bom e importante, mas só é fecundo de verdade se se tornar expressão viva do ser Igreja, de um agir marcado pela verdadeira participação. E isso não é questão de estilo, mas de fé. “A participação é uma exigência da fé batismal”, disse Francisco.

A importância da sinodalidade para a Igreja

Com a convocação deste sínodo, o Papa convida toda a Igreja a refletir acerca de um tema que é fundamental para sua vida e missão. Tendo como referência a Igreja em Saída, que podemos considerar como uma espécie de “programa de governo do Francisco de Roma, pode-se compreender que, através desse chamado, a Igreja é indubitavelmente chamada a revisar sua vida e sua ação evangelizadora,



Imagem: Piero Casentini

pensando naqueles que estão à margem, as ovelhas sem pastor, para diminuir sofrimentos, aumentar a esperança, chamar as pessoas de boa vontade para construir um mundo mais justo, solidário, sinal concreto do Reino de Deus em nosso meio.

Esse caminho nos permite abrir as portas para que o Espírito de Deus guie a Igreja. Apenas em unidade, em um processo que envolve oração, escuta, reflexão, estudo, diálogo, marcado pela força e alegria do Evangelho, é possível desenhar novos rumos para superar as dores do mundo, estabelecer fraternidade e fortalecer a própria Igreja.

Sinodalidade e a espiritualidade franciscana

Frei Fidêncio Vanboemmel, OFM (Franciscanos, 2022)³⁷, em artigo sobre o tema aqui abordado, alerta que, embora não seja possível encontrar a palavra sinodalidade nos escritos de Francisco e Clara, pode-se encontrar lições valiosas sobre o assunto na vida dos santos de Assis.

À medida que foi ganhando cada vez mais companheiros de caminhada, Francisco os enviava em missão. Mas ele firmava com

37 Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/sinodalidade-na-espiritualidade-franciscana/#gsc.tab=0>.

os outros o compromisso de se encontrarem periodicamente no que ficou conhecido como “Capítulos”, no intuito de, juntos, discutirem a “maneira como melhor poderiam fazer para observar fielmente a Regra” (LTC 57). O Capítulo é expressão marcante de sinodalidade, fundamental para a vida e a missão da fraternidade. O Capítulo, que possibilita a alegria do encontro e do diálogo, além da eleição do ministro e dos demais irmãos que estarão a serviço, é ocasião para discernir aspectos fundamentais para a vida em fraternidade: a acolhida aos irmãos, o trabalho, a oração, a pobreza, a partilha, a obediência, o caminho a ser feito em conjunto...

A vida e vocação do Pobrezinho de Assis são uma verdadeira expressão sinodal, pois ele constrói sua caminhada e dá seu testemunho dialogando com tudo e com todos. A grande simbologia dessa sinodalidade viva em sua espiritualidade pode ser considerada o Cântico das Criaturas ou Cântico do Irmão Sol: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas”.

A sinodalidade também se fez presente na vida de Clara e de suas Irmãs. Esse modo de viver era tão caro a elas que foi regis-

“Louvado sejas,
meu Senhor, com todas
as tuas criaturas”.

trado em sua Regra, como pode ser conferido no trecho: “Aquele que por divina inspiração deseja abraçar esta forma e vida, deve pedir o consentimento de todas as Irmãs. E se a maioria concordar, poderá recebê-la, com a licença do Cardeal protetor” (RC 2,1ss). Ou, por exemplo, em: “Pelo menos uma vez por semana, a abadessa deve convocar suas Irmãs para um capítulo... aí tratem, de acordo com todas as irmãs, o que for necessário para a utilidade e o bem do mosteiro, porque muitas vezes o Senhor revela à menor o que é melhor” (RC 4,15)³⁸.

Ordem Franciscana Secular: seus documentos e a sinodalidade

A Ordem Franciscana Secular (OFS) tem suas origens no século XIII, quando leigos manifestaram o desejo de seguir os passos de São Francisco de Assis, seu fundador e fonte de inspiração.

38 Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/sinodalidade-na-espiritualidade-franciscana/#gsc.tab=0>.

Hoje a OFS se configura como uma união orgânica de todas as Fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a todos os grupos e fiéis católicos (jovens, solteiros, casados). Nelas, os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante uma Regra confirmada pela Igreja.

Em sua referida Regra, há diversas passagens nas quais estão dispostos “princípios” de sinodalidade, tal como no Capítulo II, A Forma de vida:

“Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços do seu Filho, Primogênito entre muitos irmãos (Cf. Rm 8,29), os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo. O sentido da fraternidade os tornará dispostos a igualar-se com alegria a todos os homens, especialmente aos mais pequeni-

nos (Cf. Mt 25,40), para os quais procurarão criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo.”

“Chamados, juntamente com todos os homens de boa vontade, a construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus e conscientes de que 'quem segue a Cristo, Homem perfeito, também se torna mais homem', assumam as próprias responsabilidades com competência e em espírito cristão de serviço.”

“Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão.”

Em suas Constituições Gerais (CCGG), no Capítulo I, A Ordem Franciscana Secular, Artigo 3:

“A sua secularidade, na vocação e na vida apostólica, se explicita

*[O sentido da fraternidade os tornará dispostos
a igualar-se com alegria a todos os
homens, especialmente aos mais pequeninos
(Cf. Mt 25,40)...]*

*“Quem segue a Cristo, Homem perfeito,
também se torna mais homem”.*

segundo a respectiva condição, ou seja: para os leigos, contribuindo para a edificação do Reino de Deus com a própria presença nas realidades e nas atividades temporais; para os clérigos seculares, prestando ao povo de Deus o serviço que lhes é próprio, em comunhão com o Bispo e o Presbitério. Uns e outros se inspiram nas opções evangélicas de Francisco de Assis, empenhando-se em continuar a própria missão com os outros componentes da Família Franciscana. A vocação da OFS é a vocação para viver o Evangelho em comunhão fraterna. Com essa finalidade, os membros da OFS se reúnem em comunidades eclesiais, que se chamam Fraternidades.”

Ainda nas CCGG, no Capítulo III, Vida em Fraternidade, no Artigo 30:

“1. Os irmãos são corresponsáveis pela vida da Fraternidade a que pertencem e pela OFS como união orgânica de todas as Fraternidades espalhadas pelo mundo.

2. O senso de corresponsabilidade dos membros exige a pre-

sença pessoal, o testemunho, a oração, a colaboração ativa segundo as possibilidades de cada um e os eventuais compromissos na animação da Fraternidade”.

E no Artigo 89, quando trata da relação da OFS com a Família Franciscana:

“1. Em virtude da reciprocidade vital entre religiosos e seculares da Família Franciscana e das responsabilidades dos Superiores Maiores, às Fraternidades da OFS em todos os níveis deve ser assegurada a assistência espiritual como elemento fundamental de comunhão.

2. O Assistente Espiritual é a pessoa designada pelo Superior Maior competente para o desenvolvimento deste serviço a uma determinada Fraternidade da OFS.

3. Para ser testemunha da espiritualidade franciscana e do afeto fraterno dos religiosos aos Franciscanos Seculares e vínculo de comunhão entre a sua Ordem e a OFS, o Assistente Espiritual seja um religioso franciscano, pertencente à Primeira Ordem ou a TOR.”

Ao separarmos o corpo da alma,
separamos a fé da realidade.

A vivência da sinodalidade na OFS

A vivência da sinodalidade na Ordem Franciscana Secular tem sido marcada por alguns desafios, que se confundem com os da própria Igreja, dentre os quais é possível observar:

Clericalismo: Por definição, o clericalismo é antissinodal. Essa cultura destrói a prática sinodal, fazendo tudo girar em torno do ministério ordenado. Sabiamente, o Papa Francisco tem insistido em observar esse como um dos grandes problemas da nossa Igreja. O ministério ordenado precisa ser entendido como um “ministério de síntese” e não como “a síntese dos ministérios” (CNBB, doc. 62, n. 87). Desse modo, o Papa reforça, na *Evangelii Gaudium*, a necessidade de se proceder a uma “salutar descentralização” (EG, n. 16)³⁹.

Conjugar vida e fé: Influenciados pelo dualismo da filosofia

grega, temos o costume de dividir o ser humano em corpo e alma. Assim, negamos a origem de nossa fé judaico-cristã, que vê o ser humano como um só, sem divisões. Ao separarmos o corpo da alma, separamos a fé da realidade. A consequência dessa divisão é desastrosa: uma vida de fé incoerente, que não consegue ser sinal de Jesus Cristo para ninguém⁴⁰.

Embora existam desafios, também há muitas luzes na OFS que simbolizam a vivência da sinodalidade entre os franciscanos seculares, dentre as quais destacam-se:

Conselho: As fraternidades da Ordem Franciscana Secular são conduzidas por um Conselho, que é uma equipe de trabalho, com mandato de três anos, eleita pelos irmãos e irmãs professores. Esse trabalho em colegiado representa bem a sinodalidade, pois as decisões são tomadas coletivamente e o voto dos integrantes do Conselho tem

39 Disponível em: <https://diocesedepinhoiro.com.br/sinodalidade-clericalismo-e-o-desafio-de-renovacao-da-comunidade/>.

40 Disponível em: <https://arquidiocesepa.org.br/o-desafio-da-sinodalidade-para-2022-o-ano-que-sera-o-que-quisermos/>.

igual valor, independente de sua função.

Equipe de Formação: Diferente do que aconteceu durante muito tempo, há alguns anos a OFS estabeleceu uma equipe como responsável pela Formação. Essa decisão representou não apenas uma descentralização de diversas responsabilidades da figura do(a) formador(a), como representou uma ampliação do olhar e das temáticas a serem trabalhadas nas etapas de formação previstas. Nesse novo cenário, passam a ser membros da Equipe de Formação: Formador, Coordenadores de JPIC (Justiça, Paz e Integridade da Criação), SEI (Serviço aos Enfermos e Idosos) e Comunicação, Formador da JUFRA, Animador Fraternal e Assistente Espiritual.

JPIC: Esse serviço tem sido sinal visível daquilo que, no começo deste texto, o Papa Francisco chama de “expressão viva do ser Igreja”. Através das ações discutidas nesse âmbito, as fraternidades de OFS têm sido uma presença ativa e solidária na sociedade, especialmente nas lutas por justiça, paz, direitos humanos e integridade da criação, dialogando com diversas iniciativas e entidades, sejam elas da Igreja Católica, de outras

denominações religiosas ou da sociedade civil.

Conclusão

[Para Francisco, cada irmão “é um homem de valor, um companheiro necessário e um amigo fiel” (1Cel 24)...]

Dom Severino Clasen observa que a fraternidade é plena quando é capaz de viver e espelhar sua sinodalidade. Para Francisco, cada irmão “é um homem de valor, um companheiro necessário e um amigo fiel” (1Cel 24), e a fraternidade é a soma das virtudes que cada irmão coloca em comum (EP 85). Sendo assim, é uma fraternidade que cresce, floresce e amadurece na sinodalidade, atenta aos desafios e sinais dos tempos nos quais ela está inserida.

O texto preparatório para este Sínodo destaca: “*Todos nós somos chamados em virtude do nosso Batismo a ser participantes ativos na vida da Igreja. Nas paróquias, pequenas comunidades cristãs, movimentos leigos, comunidades religiosas e outras formas de comunhão, mulhe-*

“O Filho do Homem não veio para
ser servido, mas para servir
e dar a sua vida como resgate para muitos”
(Mc 10,45).

res, homens, jovens e idosos, todos somos convidados a escutar uns aos outros para ouvir os impulsos do Espírito Santo, que vem para guiar os nossos esforços humanos, dando vida e vitalidade à Igreja e conduzindo-nos a uma comunhão mais profunda para a nossa missão no mundo”.

Desse modo, assumidos nosso compromisso com o que foi feito por Cristo: “o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida como resgate para muitos” (Mc 10,45).

É esta Igreja que queremos: Comunhão, Participação e Missão⁴¹.

41 Disponível em: <https://franciscanos.org.br/vidacrista/uma-igreja-sinodal-comunhao-participacao-e-missao/#gsc.tab=0>.

São Paulo, UCLAF - 24 de JANEIRO de 2023

**No caminho SINODAL,
tendo em vista o Capítulo das Esteiras de 2025.**

(Desafios para a UCLAF)

Caros irmãos Ministros e Custódios,

estes dias que vivemos juntos, Definitório geral e os irmãos ministros e custódios da América Latina, já revelam um sabor sinodal na busca comum, na hospitalidade recíproca, na tensão compartilhada para aprender a ouvir “o que o Espírito diz à Igreja” e à nossa fraternidade peregrina no mundo e neste continente já há 500 anos.

Não somos estranhos e nem estamos à margem do caminho sinodal de toda a Igreja, porque nela cada carisma e cada ministério, na medida em que é dado para o bem de toda a Igreja, tem sua própria e peculiar “característica sinodal”, que tem de ser conservada e expressa, também quando se age de modo pessoal e individual. Todo batizado permanece em comunhão com os outros e para os outros, e é esta tensão sinodal que molda cada carisma e ministério na Igreja.

É o que nos lembra o documento *A Sinodalidade na Vida e na Missão da Igreja*, emitido pela Comissão Teológica Internacional em 2018, quando apresenta uma comunhão que sublinha

a comum dignidade e missão de todos os batizados no exercício da multiforme e ordenada riqueza dos seus carismas, das suas vocações, dos seus ministérios. O conceito de comunhão exprime, nesse contexto, a substância profunda do mistério e da missão da Igreja, [...]. A sinodalidade, nesse contexto eclesiológico, indica o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja Povo de Deus que manifesta e realiza

concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros em sua missão evangelizadora¹ (n. 6).

A vida consagrada é, por sua vez, o tema sinodal da e na Igreja. Enquanto elemento essencial, a vida fraterna identifica o discipulado e o seguimento de Jesus. E revive o testemunho na missão².

1. Ouvindo a Escritura: juntos no caminho

Sabemos bem que a palavra *sínodo* conjuga a preposição grega *syn* (“com, juntamente com”) com o substantivo *odos* (“via, caminho”), restituindo o significado de juntos no caminho. No Novo Testamento, a palavra “sínodo” não se encontra, ao passo que o conceito de “ser - estar - juntos” recorre com força. Nos Atos dos Apóstolos, os discípulos de Jesus se definem simplesmente como “aqueles que pertencem a este caminho” (At 9,2; também: 18, 25-26; 19, 9; 23; 24, 14). Desde o começo desse livro ecoa que “estavam todos reunidos no mesmo lugar” (2,1) quando recebem o Espírito.

Esta dimensão se torna mais clara quando Lucas descreve assim a vida entre os que creem:

E todos que tinham fé vivam unidos, tendo todos os bens em comum. Vendiam as propriedades e os bens e dividam o dinheiro com todos, segundo a necessidade de cada um. Todos os dias se reuniam, unânimes, no Tempo. Partiam o pão nas casas e comiam com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. Cada dia o Senhor lhes ajuntava outros a caminho da salvação (At 2,44-47).

A oração, as refeições comunitárias e a partilha dos bens econômicos são as características desta vida juntos. Os Atos dos Apóstolos e as Cartas de São Paulo nos dão muitos destes exemplos de vida todos juntos. O Apóstolo nos faz ver como a sinodalidade toma forma na heterogeneidade das Igrejas locais. Nenhuma comunidade, com efeito, é autossuficiente, mas todas, na rede de suas relações, participam da missão confiada pelo Senhor Ressuscitado aos seus discípulos.

Os Atos dos Apóstolos apresentam também as tensões da sinodalidade e colegialidade. Pensemos nas disputas entre hebreus e helenistas, onde os apóstolos de modo unilateral,

¹ https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_pt.html

² Cfr. Salvatore Fari, *Vita consagrada e sinodalità*, Palumbi 2021, 34.

³ Cfr. Barbara E. Reid, *Il pensare e l'agire sinodale e collegiale nel Nuovo Testamento*, in CONCILIIUM 2/2021, 77-88.

diríamos hierárquico, impõem a solução, para não bloquear a comunidade nesse conflito. No começo, os Doze convocam toda a comunidade dos discípulos (v. 2). Mas é evidente que logo se firma a solução imposta pelos Doze (v. 5): não há a escuta de outras perspectivas, qualquer discernimento: os apóstolos ditam o acordo, podemos dizer que a sinodalidade não é uma ideologia, mas deve ser cada vez mais assumida como um estilo, tendo em conta também as inevitáveis tensões e dificuldades.

Detenho-me somente nessas referências por motivo de tempo, mas seria interessante aprofundar outros elementos sobre a sinodalidade no Novo Testamento.

Hoje, uma mentalidade cultural mais aberta, capaz de dar atenção à relação, à interconexão de todo o criado, com uma abordagem holística, ajuda-nos a não pensar de modo mecanicista e materialista, em que a parte, isto é, o indivíduo e a sua afirmação, nos permitiria compreender o todo. Somos convidados, enquanto animadores, a incentivar as oportunidades, a generosidade e os carismas de todo o grupo, a valorizar a diversidade e contar com a experiência, em vez de focar na resolução de problemas, no medo e na punição de acordo com um modelo de controle e de comando. Nesse sentido, é importante encorajar as relações de empatia, de verdadeira fraternidade, como dizemos. A esse respeito há de se dizer também sobre como exercemos o serviço da autoridade, especialmente com os irmãos que colocam mais provocação e exigência, com suas opções e reações. Sobre isso podemos conversar.

Na nossa tradição e prática conhecemos estes espaços de encontro, de reflexão e discussão comum, e de decisão compartilhada: penso nos capítulos, nas assembleias e também neste espaço da UCLAF. Devemos, porém, também reconhecer que a autoridade na Igreja permanece pessoal e, muitas vezes, nós, ministros, somos levados a essa mentalidade e a esse uso da autoridade. Mas, há casos em que temos de agir assim. Como manter esses elementos unidos em uma tensão construtiva? Como podemos realmente dar voz no capítulo a todos os irmãos, além do que já fazemos? Como realizar isso onde há conflitos, divisões, e até mesmo partidos entre nós, ou pelo menos visões diferentes da vida cristã e franciscana? Como manter as diversidades juntas em uma unidade que não é o resultado de nossos acordos, mas o dom e o fruto da operação contínua do Espírito do Senhor justamente na nossa realidade? E ainda me pergunto com vocês: como envolver também os leigos, os consagrados e consagradas que caminham conosco?

São Francisco nos indica um caminho: é aquele da humildade de Deus, que ele reconhece. No fazer-se pequeno e pobre do Senhor Jesus no Natal de Greccio e na Eucaristia, Francisco reconhece que o movimento fundamental da vida de Jesus é este esvaziar-se, este tornar-se pequeno, este depor toda pretensão de poder para moldar sua existência no dom total de si. E é aqui que, por sua morte salvadora, temos a vida plena, que não é apenas algo individual, mas nos constitui como a comunidade dos vivos, porque amados e redimidos, para anunciar a todos a alegria dessa boa-nova e convidá-los a entrar na festa do amor de Deus.

2. Renovar a nossa visão: a que características do carisma devemos nos abrir hoje?

O caminho sinodal é para nós oportunidade de nunca se cansar de aperfeiçoar o carisma, em todas as suas dimensões. O carisma não é um depósito abstrato e intocável, e nem sequer a soma de fatos e de obras. Não é possível fixá-lo definitivamente nos textos e nas constituições. É um dinamismo mais profundo, que atinge a todos os envolvidos, e é tal que não pode ser domesticado. O carisma é fruto do Espírito e, por isso, não pode ser fixado e armazenado em um ninho, mas vive graças a uma transformação e conversão contínua, que nos enraíza sempre mais no essencial que é Cristo.

A questão fundamental hoje, para nós, é se percebemos o carisma como o horizonte e referência da nossa vida em missão e se esse é realmente e existencialmente compartilhado. Isso significa perguntar-nos se sentimos que o centro da nossa vida hoje, entre crises e esperanças, é aquele teológico-carismático: a vida segundo o Evangelho como irmãos e menores, contemplativos em missão.

Para nós é vital perguntar-nos se estamos prontos para escutar a realidade, o carisma, a Palavra de Deus, a vida dos irmãos, a fim de discernir a quais características do carisma nos abrimos hoje. Assim como toda instituição, nós também tendemos a nos autoconservar, e as nossas estruturas, de todo tipo, frequentemente nos levam, de modo aparentemente inevitável, a esse movimento.

A manutenção do existente aparece demasiadas vezes como o que mais consome as nossas energias e corta as asas do futuro. Precisamos de uma fraternidade que seja laboratório de futuro neste tempo, em que não podemos mais ter atrasos no reafirmar o carisma com a vida, sabendo que dele ainda não foi expresso tudo e que a mesma profundidade do carisma

de Francisco e, portanto, do carisma da Ordem ainda está à espera de ser expressa em algumas de suas potencialidades, em contato com as pessoas de hoje, com a nossa realidade.

Se pensarmos no carisma como uma realidade a ser repetida, então julgaremos, por exemplo, os jovens como incapazes de abraçar a nossa vida, por tantas razões que sabemos. Ou somos chamados a abrir-nos a novas características e expressões do carisma que talvez possam entrar em contato com a realidade e a busca dos jovens e dos jovens adultos de hoje? Podemos nos fazer muitas destas perguntas, e é importante que abramos o horizonte para não nos fecharmos no repetir sempre as mesmas categorias de pensamento e, portanto, de ação.

3. Caminhar segundo um estilo: qual é o modo profético da fraternidade na minoridade?

O caminho sinodal quer nos ajudar a crescer na comunhão, graças à qual todos aprendemos a participar no projeto comum de vocação em missão, sobretudo repensando, com modelos mais ágeis, em nossas estruturas de organização, de governo e de animação. Essas devem, com efeito, ser reconhecidas em relação à qualidade evangélica da vida e à missão, ao invés da autoconservação de um modelo institucional que não se coloca em questão. Basta pensarmos na estrutura atual das nossas Províncias e Custódias, organizadas durante séculos como sujeitos autônomos e em sua maioria autossuficientes; pensarmos nas estruturas de comunhão e de colaboração no interior da Ordem, como as Conferências e as formas de interconexão, que devem ser repensadas a partir da Cúria Geral, para que estejam a serviço de modelos dinâmicos, capazes de favorecer a interdependência das nossas realidades locais, oferecendo, assim, um rosto de comunhão missionário a toda a Fraternidade Internacional. Não se trata de criar outras estruturas de poder mais centralizadas, mas de articular na Ordem, em novos modos, unidade e diferenças, enraizamento no local e abertura para o universal. Pensamos, de modo particular, na realidade de não poucas Províncias históricas que estão morrendo ou que já chegaram a um ponto sem volta por causa dos números e da idade média. Como podemos, enquanto Fraternidade Internacional, não somente “tapar os buracos”, mas repensar os modelos com os quais nos organizamos, e repensar a rede de presenças, de modo que se viva mais autenticamente o estilo evangélico?

Também as Entidades da América Latina não podem pensar em permanecer autossuficientes, uma vez que, na realidade, elas não são mais. É certo que existem exceções,

mas é necessário mudar os modelos de pensamento, não somente quando não damos mais conta, pois se trata de pensar positivamente em novos modelos antecipando o futuro de forma estratégica.

Aliás, por que vocês, todos os Ministros da América Latina, estão se encontrando? Acredito que o objetivo mais importante seja justamente aquele de saber olhar para o futuro com olhos novos, antecipando o que acontecerá e reconhecendo o que já somos chamados a repensar.

Este espírito não é fácil de cultivar e aprofundar. Aliás, aquilo que é positivo e os pontos críticos que encontramos entre nós não dizem, quem sabe, que o carisma é o coração da nossa vida em missão, para ser vivida como irmãos? Isso é dito na vontade de fazê-lo e nas dificuldades de realizá-lo.

Em primeiro lugar, penso no bem que continua a crescer entre nós, sobretudo graças aos irmãos que não desanimam e cultivam o “sonho” franciscano, que buscam o Senhor, cuidam dos irmãos, permanecem junto dos pobres, alimentando a paixão pelo testemunho do Evangelho.

Não posso me calar sobre diferentes críticas que atravessam nossas vidas. Eu começo a partir de uma certa inanição da nossa vida fraterna, reduzida muitas vezes ao mínimo sindical em suas expressões ordinárias e cotidianas; dirijo-me ainda à vida segundo o Espírito, que definha como motivação e dedicação, deixando frequentemente a fé morrer, não dando mais forma à vida; não posso me calar sobre a corrupção generalizada no que diz respeito ao uso do dinheiro e à gestão das obras, como santuários, paróquias, colégios, universidades, obras sociais e de caridade: essas se tornam com muita frequência realidades vinculadas a pessoas físicas, que perdem o sentido de estar em relação dinâmica com algo maior, como a Província e a Fraternidade, o Povo de Deus e as comunidades educativas, e usam essas realidades para seu benefício próprio; penso ainda no estilo muito centrado sobre o indivíduo na pastoral, na relação com os meios de comunicação social, e na própria vida fraterna.

Penso na realidade dos abusos que nos ferem e nos obrigam a parar e repensar profundamente o nosso modelo de vida; em como nos formamos continuamente em vista de uma afetividade e castidade libertadora e capaz de integrar nossas vivências; em como vivemos a relação com a mulher; em como falamos da homossexualidade; penso no

discernimento e no acompanhamento vocacional na formação, a partir, antes de tudo, dos formadores.

Sentimo-nos, muitas vezes, impotentes diante dessas situações, por causa das dinâmicas de poder e da tensão entre o indivíduo e a comunidade. Precisamos de mentalidades e modelos novos para enfrentar essas questões.

Deixo essas questões em aberto a fim de podermos continuar debatendo-as juntos.

4. Abraçar o futuro. Testemunho-missão: a quem e como servimos?

As nossas Constituições delineiam uma fraternidade chamada à conversão missionária, para testemunhar e fazer presente a beleza do amor de Cristo entre as criaturas, através da reconciliação, da justiça e da paz. Esta conversão missionária, aliás, é proposta pelo Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, na *Evangelii gaudium* no número 30.

Essa é a perspectiva da qual olhar a capacidade de escuta e também de repensamento de cada estrutura da Igreja e da Ordem, chamadas a tornarem-se lugares de evangelização e testemunho e não se tornarem um meio de autopreservação.

Na medida em que cuidamos da nossa fraternidade, que necessita disso hoje, como bem o sabemos, não nos esqueçamos de ser uma fraternidade missionária, chamada a ir além de si, como cada um de nós é chamado a ir além de si mesmo para se encontrar verdadeiramente.

Vocês vivem inseridos nas igrejas da América Latina que têm uma vasta experiência no exercício da sinodalidade, sobretudo a partir do crescimento da renovação conciliar. Vocês experimentaram de diferentes modos, em vários países, o crescimento da Igreja nas comunidades eclesiais de base, bem como o incremento da projeção participativa que leva a tomar decisões através de organismos de participação como os conselhos e as assembleias pastorais. Vocês têm a experiência de uma igreja de “comunhão e participação”, realidade que continua, apesar do crescimento de diferentes correntes, não excluídos certos tradicionalismos de vários tipos também entre os católicos.

Hoje essa herança deve ser renovada, especialmente para as jovens gerações que não têm memória do evento conciliar e correm o risco de sentir nostalgia de um modelo de igreja que nunca conheceram. Penso também no confronto com as comunidades evangélicas e pentecostais de vários tipos, que agora constituem uma grande realidade e que nos interpela de várias maneiras (em muitos pontos de vista).

Como podemos aprender a *des*-aprender nossos sólidos conhecimentos sobre o centro, cultural, político e religioso, que habitualmente identificamos com o Ocidente nas suas mais diversas articulações? Como aprender a partir da periferia, colocada no centro? De onde partir para esta conversão?

Temos a ajuda do Sínodo da Amazônia⁴, que alcançou uma ressonância internacional para toda a Igreja por causa de alguns de seus aspectos e também pelo surgimento de uma consciência planetária, que está nos ensinando a colocar em uma relação diferente aquilo que é geral com aquilo que é local; a acolher melhor a interrelação das igrejas locais, junto a tantos outros fenômenos desta nossa época, como a crise ecológica, a interdependência dos mercados, da tecnociência, especialmente a robótica e a informática, bem como a estratégia militar, a política e a espiritualidade.

A convocação do sínodo da Amazônia pelo Papa Francisco colocou na agenda da Igreja universal um tema que somente na aparência seria local: a questão ecológica, com efeito, diz respeito a todos, inclusive a todo modo de pensar e enfrentar a realidade atual. Aliás, na revelação bíblica, do *Gênesis* até o Apocalipse, descobrimos a vocação do ser humano, como criatura co-criadora, para ser o guardião da criação, para cuidar da casa comum. No magistério dos últimos pontífices, a ecologia assumiu um lugar importante na doutrina social da Igreja. O conceito de “ecologia integral” une o grito da terra ao grito dos pobres. E, por isso, atinge o coração do nosso testemunho do Evangelho e, portanto, da dignidade integral da pessoa humana.

Consequentemente, assumir o Projeto Amazônia como UCLAF, com um compromisso real por parte das Entidades para continuar e fortalecer a presença franciscana na Amazônia brasileira, é algo que vai além de uma nova missão a ser assumida. Se disso somos plenamente conscientes, trata-se de empreender uma missão compartilhada a partir de uma escolha estratégica, que hoje se configura na Amazônia. Assumir uma região local, sem limites que seja, com todas as suas particularidades, significa reconhecer que ali há uma palavra para todos. Podemos dizer que a Amazônia transcende a Amazônia, por dois motivos: porque se apresenta como um novo tema para a questão ecológica e porque se converte em um novo

⁴ Cfr. Agenor Brighetti, *Il Sinodo per l'Amazzonia*, in CONCILIUM 2/2021, 65ss.

paradigma, onde podemos aceitar aprender dos pequenos, como os povos nativos, e com eles viver uma relação harmoniosa das criaturas entre si e com o Criador.

De fato, com o sínodo da Amazônia, a periferia chegou ao centro da Igreja e, agora, este passo é pedido a nós Frades Menores. Saberemos não somente levar adiante o que temos, enquanto conseguimos e acrescentar algo a mais, como a Amazônia ou, pelo contrário, repensar a nossa missão a partir de alguns pontos nevrálgicos, um dos quais é justamente a Amazônia? E saberemos realizar isso atentos em promover fraternidades que sejam centradas na escuta da palavra de Deus, em uma verdadeira sobriedade de vida, na partilha com os mais pobres, no testemunho desde a simples presença até o anúncio explícito do Evangelho? E saberemos expressar um novo impulso de testemunho e de evangelização que vá além das paróquias, das escolas, dos santuários e das obras sociais organizadas? Também para dar vida nova a essas realidades, que continuam sendo uma excessiva expressão de uma pastoral de conservação, que não pode durar por muito tempo.

Eis aqui as outras perguntas que deixo em aberto para o nosso compartilhamento e processamento comum.

Conclusão

A conclusão se mantém aberta, uma vez que continuamos nosso intercâmbio e reflexão para crescer juntos. Peço aos definidores gerais que ofereçam também algum elemento para um olhar internacional acerca dos desafios que se referem à América Latina hoje. E todos nos sentimos envolvidos em um caminho comum, como a mentalidade sinodal, desde os Atos dos Apóstolos, nos fez ver. Esperemos que a palavra *sínodo* não se torne um slogan que acabe não significando mais nada. Vamos dar-lhe nós mesmos conteúdo e força, deixando ações e nova elaboração, para nos voltarmos a gestos mais verdadeiros e incisivos. Bom caminho, irmãos! Continuemos nossa busca comum!

Fr. Massimo Fusarelli, OFM

Ministro geral

